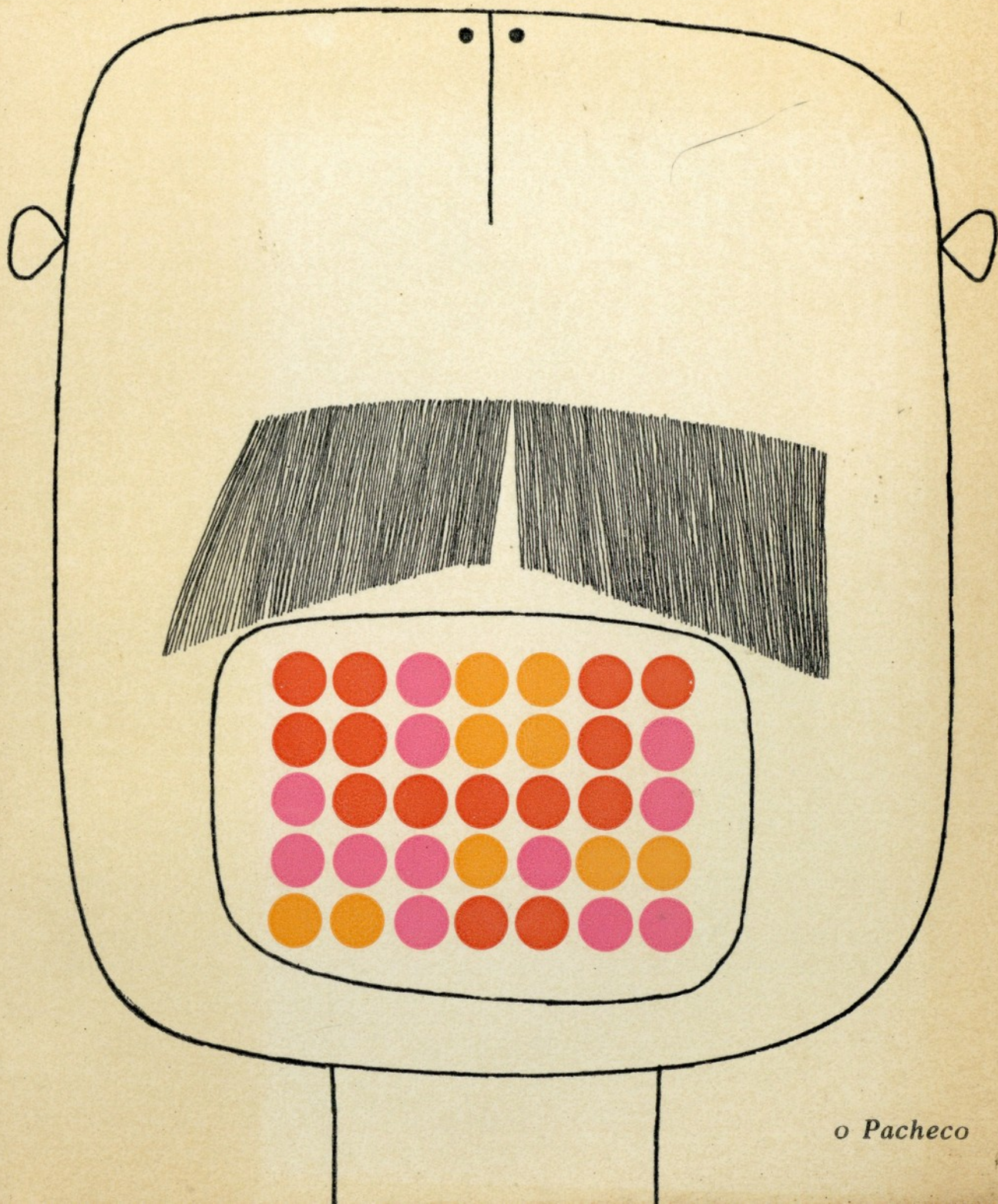


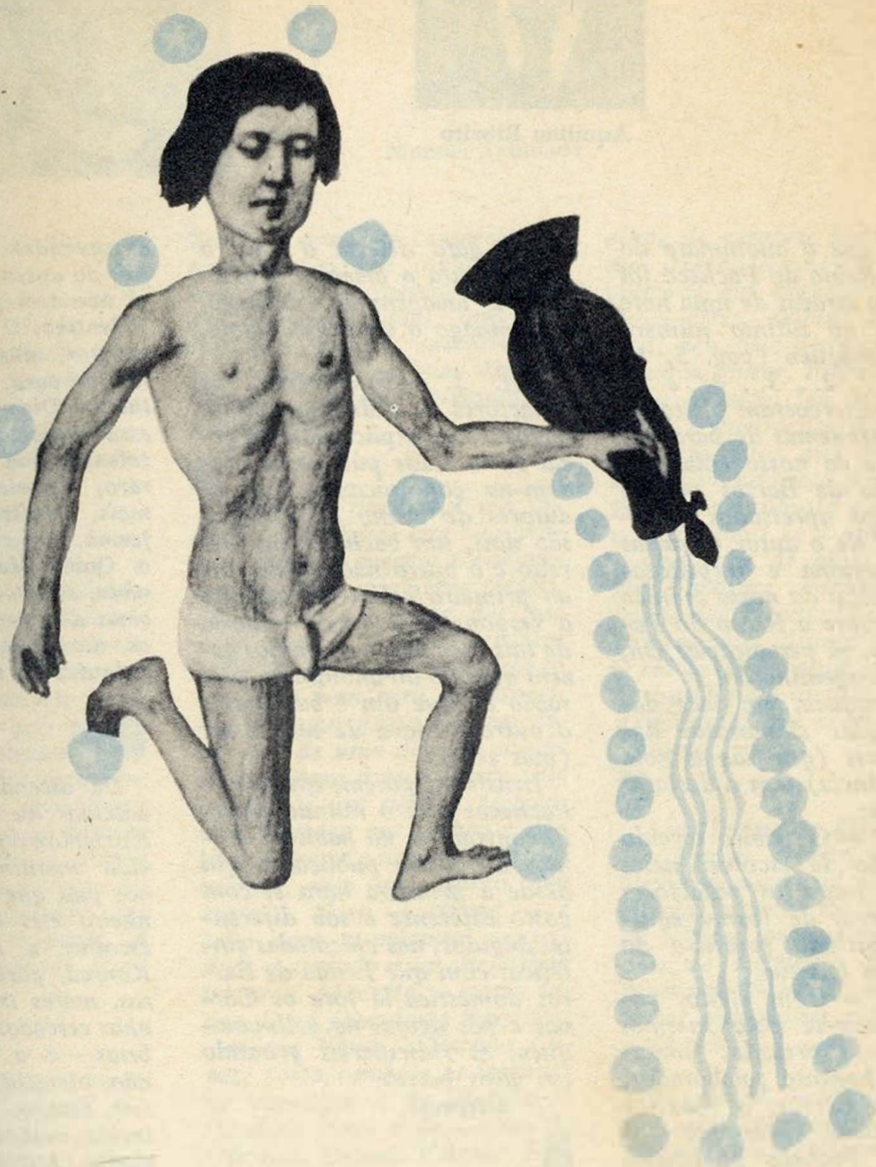
ALMANAQUE

fevereiro 1961



o Pacheco





Mês invernosso que de quatro em quatro anos vê o seu tamanho crescer vinte e quatro horas, Fevereiro foi buscar o nome a Febro, deus dos mortos. Os Romanos, colocando-o sob a protecção benévola de Neptuno, destinaram-no a obras de penitência e purificação. Purificação: porque Fevereiro está sob o signo de Aquário, geralmente representado por um homem a despejar água dum cântaro. É a água purifica. Purificando os humanos, eles tornam-se elegantes, amáveis, bondosos. Exemplos? Mozart, Schubert, Chopin...



Aquilino Ribeiro

Joseph Conrad



Parece que o anonimato do autor do Reino do Pacheco foi descoberto através de uma nota publicada no último número de «Almanaque» (pág. 3, 1.ª coluna, 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª linhas). Escreveram leitores, houve telefonemas de parabéns — a nós e ao nosso colaborador Leitão de Barros porque os espíritos apressados deduziram ser ele o autor daquelas linhas traquina e respeitosa-mente críticas da nossa crónica habitual sobre o Reino do Pacheco. Oh, vã perspicácia! Oh, inglória congeminção!

«Almanaque», em face das manifestações clamorosas dos seus leitores (que são a nota da inteligência) tem a declarar o seguinte:

Art. 1.º — O hábito torcido e retorcido de escrever neste periódico levou os redactores a elaborarem de forma equívoca o período primeiro da notícia em questão.

Art. 2.º — Com efeito, parece deduzir-se pelo mesmo, ser o nosso prezado, fundamental e honroso colaborador, Leitão de Barros, o redactor das habituais notas sobre o Reino do Pacheco publicadas desde a fundação do «Almanaque».

§ único. — Esclarece-se que há muitos mais anos e noutros órgãos de informação Leitão de Barros tem posto a descoberto várias pachequices do Reino (evidentemente) de Pacheco, razão porque tão gentil e prontamente acedeu ao nosso convite — ele que tem os Corvos à sua conta e mil tarefas bem mais rendosas. Les bons esprits se rencontrent dizem os Pachecos com o 5.º ano liceal. E foi o caso. «Almanaque» foi atendido por Leitão de Barros porque ambos detestavam as pachequices co-

mo o gato detesta o rato, o rato detesta o arsénio, o arsénico as lavagens ao estômago, o estômago o «whisky» saloio, etc.

Art. 3.º — Finalmente, os redactores de «Almanaque» levados a esta explicação pela geral curiosidade pública satisfazem-na comunicando que os autores do Reino do Pacheco são dois, um bacharel em Direito e o outro não, sendo que ao primeiro cabem as ideias e a responsabilidade da maioria de tais comentários. Ambos fazem questão do anonimato pela razão de que um é bacharel e o outro gostava de nunca ser (mas será).

Insiste-se, porém, em que de Pachecos está o mundo cheio. Encontram-se na habitual crónica do Reino publicada aqui desde a primeira hora e, com gosto diferente e sob diferentes ângulos, nas chicotadas sintéticas com que Leitão de Barros domestica lá fora os Corvos e pôs agora, no «Almanaque», as ridicularias gritando em altos berros.

E dissemos.

De Aquilino Ribeiro que pela segunda vez honra o Almanaque com a sua colaboração revela-se aqui o seu pensamento acerca da arte em geral e, em particular, da maneira de a fazer. «Na minha opinião, para ser romancista, poeta, músico, pintor, antes de mais nada é preciso saltar para cima do telhado da casa em que nascemos, esta grata e inoriginal velharia. De lá tocar a bandurra, falar, exprimir-se. De outro modo não interessamos a ninguém. A vida é renascimento contínuo. Seguir pela via por onde toda a gente vai. Deus, Pátria, rei ou Roque, a boa mamã, o extremoso papá,

as saudades do que fui ou não fui, do ausente e do desausente, já não têm graça. É o chá de Tolentino. O modo de vir a ser escritor, músico, etc., é saltar, repito, para cima do velho telhado. Diga-se em voz alta a essa rapaziada brava, cheia de talento, boa vontade... e, não raro, desorientação. Depois o mais, plectro, unhas, temas, forma, virá ou não virá. Ai está o Quid. Mas antes de mais nada, salte-se a pés juntos para cima do casarão herdado». Que os novos saibam entender as palavras do mestre!

De ascendência polaca, mas nascido na Ucrânia, Konrad Korzeniowski apaixonou-se pela vida marítima. Quando disse aos pais que desejava ser marinheiro eles aconselharam-no a escolher a marinha austriaca. Konrad, porém, queria aventuras, mares tropicais, rios estranhos cercados por florestas sombrias — e a marinha austriaca não oferecia perspectivas para tais desejos. Fez-se marinheiro inglês, acabou por se tornar cidadão britânico. Substituiu o K, ficou sendo Conrad. Conrad um dos mais prodigiosos escritores de todos os tempos. Thyphoon — a sua obra mais famosa — foi traduzida para francês por André Gide. Nessa história, o capitão, que é uma alma simples, salva o seu navio com inabalável coragem. Passada a tormenta, escreve uma longa carta à esposa contando-lhe o sucedido. Cumprira apenas o seu dever como qualquer outra pessoa. Mas o leitor percebe o seu heroísmo, o que ele fez, criou e suportou. A carta, antes de enviada é lida, furtivamente, por um criado de bordo, mas mais ninguém a lerá pois que

Alexandre Puchkine



?

Manuel Trindade

a esposa a acha enfadonha e a deita fora...

Na verdade, Conrad era terrivelmente pessimista. Numa carta a Bertrand Russell diz que o homem embora já soubesse voar «não voa como uma águia, mas sim como um bezouro. E o meu amigo deve ter notado quão feio, ridículo e tolo é o voo de um besouro!»

Na última guerra as bombas de Hitler destruíram a casa onde ele vivera, dando em parte, razão ao seu cepticismo acerca da maneira como os homens voavam. E, no entanto, esse cepticismo não tinha uma total razão de ser: porque os seus livros continuam a ser lidos e as profundas ressonâncias morais da sua obra continuam a impressionar os homens e a torná-los melhores. Publicando um dos seus contos, *Almanaque* deseja desmentir que os homens sejam besouros. A prova? Joseph Conrad, marinho e escritor.

Alexandre Sergievitch Puchkine que hoje colabora conosco morreu por amor há mais de cem anos (num duelo). Este pequeno dado biográfico parece afastá-lo muito destes tempos em que de amor apenas se vive — e pouco! Mas, talvez por isso mesmo, talvez porque já ninguém saiba morrer de amor, a obra do generoso Puchkine continua viva: os leitores procuram nela o romantismo que lhes falta. Romantismo que era no grande escritor de Russlan e Ludmilla um desejo de que a sorte dos seus concidadãos fosse melhorada. Resultado: o exílio. Mas exilado ou não, morto ou não num duelo, uma coisa é certa: ele foi em grande parte, o fundador da literatura russa. Gogol e Doistoiévsky, Tolstoi e

Tchecov, nunca se cansaram de proclamar a sua dívida para com ele. E o mesmo sucedeu aos músicos russos que em Puchkine sempre encontraram os textos para as suas óperas: Glincka, Borodine, Nussorgsky Tchaicovsky...

Manuel Trindade é um cidadão longelinio, que não precisa, por isso mesmo e por outros motivos altamente tácteis, de se pôr nos bicos dos pés para que as pessoas reparem nele. É um autor preocupado em dizer bem para os leitores, que é como quem sugere: dizer mal de uma data de coisas. A sua prosa é pirotécnica. Ele próprio é um pedaço pirotécnico. Nasceu em Lisboa e não atribui grande importância a si mesmo, mas sim àquilo que escreve. «Isso — afirma — é feito com a máxima sinceridade e apoiado num magnífico talento». Modesto, o nosso rapaz. Seus prosadores favoritos: António Vieira e Fernão Lopes; gosta, também (e imenso) de Aquilino e de Redol, de Cardoso Pires e de Carlos de Oliveira. Detesta Virgílio Ferreira, Ferreira de Castro e Santos Cravina. É lá com ele.

Este rapaz, Guilherme Casquilho, parece mumificado fisicamente: não envelheceu, apesar de dizer que tem 30 anos, aparentar 20, e todos desconfiarem de que tem para aí 40. Nasceu em Sintra, é um «bau-bau» da Benard e, como muitos, um campeão da convivência. Não tem traça característica: se estivesse em Atenas, era grego; em Paris, parecia um parisiense; em Nova Iorque beatnick. Usa franjinha tombada sobre a testa, tem

olhos de carapau frito, e, um dia, distraidamente, matriculou-se em arquitectura, nas Belas-Artes. Alguns anos depois, deu pela distração e vá de virar pintor. Pintou e desenhou à farta, fez capas para livros e ilustrações para revistas. Usa fatos que parece terem sido pertença de um defunto mais robusto e olha para a vida como se a vida tivesse a obrigação de olhar por ele. Anda sempre com vários projectos matrimoniais misturados com os seus últimos desenhos. O clã de *Almanaque* escolheu-o (e bem) para ilustrar a novela de Conrad, que se inclui neste número.

Luis Filipe de Abreu nasceu em Torres Novas, em 1935. Tirou o curso de pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde exerce as funções de assistente. Tem feito pinturas em hotéis, capas para livros, ilustrações para revistas e jornais.

N. da R. — Visita assídua do lar almanaquense, e logo participante de um indispensável humor, Louis Philippe (Abreu) requereu cópia da biografia que sobre ele escrevêssemos, antes de a pormos em letra de imprensa. O «fair play» comoveu os artesãos destas prosas travessas, os quais, atemorizados, e com a natural prudência dos tempos, obedeceram prontamente ao solicitado e remeteram para a mesa censória a poderosa biografia que publicamos acima. Saiu na integra! Deo Gratias. Mas tem um humorismo de alto grau mais disfarçado do que se fosse escrito a tinta simpática. E com isto, muito obrigado a V. S.º.

CALENDÁRIO DE DOZE DIAS

1

Exposição da gravura da coleção de F. Rau na S. N. B. A.

10

Nasce em 1650 Renato Descartes, o genial filósofo francês que com a sua dúvida metódica procurou libertar o espírito humano da ignorância e do dogmatismo

2

Exposição de Francisco Maia no S. N. I.

16

Exposição do folclore do Zimela no S. N. I.

Exposição de Molina Sanchez no S. N. I.

3

«Efigénia em Táurida» no São Carlos

17

Exposição de José M. Soares, Ayres Ferreira, Jaime Murteira.

Exposição de Norman Narotzky no S. N. I.

4

«Le Moulin de la Galette» no São Luís

«Le Roy d'Ys» no São Carlos

6

Quarteto de Lisboa no São Carlos (C. de C. Musical)

23

È raptado em 1958 Juan Manuel Fângio pelos partidários de Fidel de Castro, um guerrilheiro cubano praticamente desconhecido pelo mundo

7

Nasce em 1881 Charles Dickens o romancista que ao descrever a vida desgraçada das crianças, provocaria uma emoção tão forte em Inglaterra que levaria os adultos a estabelecer leis para as proteger

24

Em 1468 morre Gutenberg que não inventou a Imprensa, mas passa por tê-la inventado — o que é quase a mesma coisa

26

«Sansão e Dalila» no São Carlos

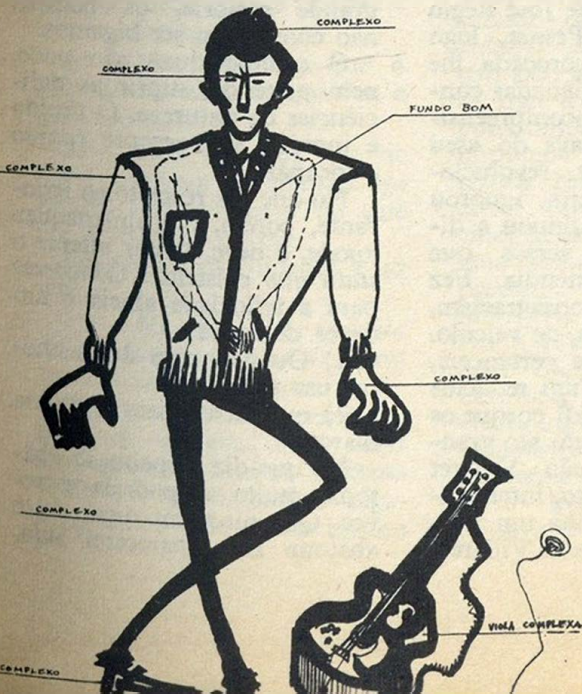
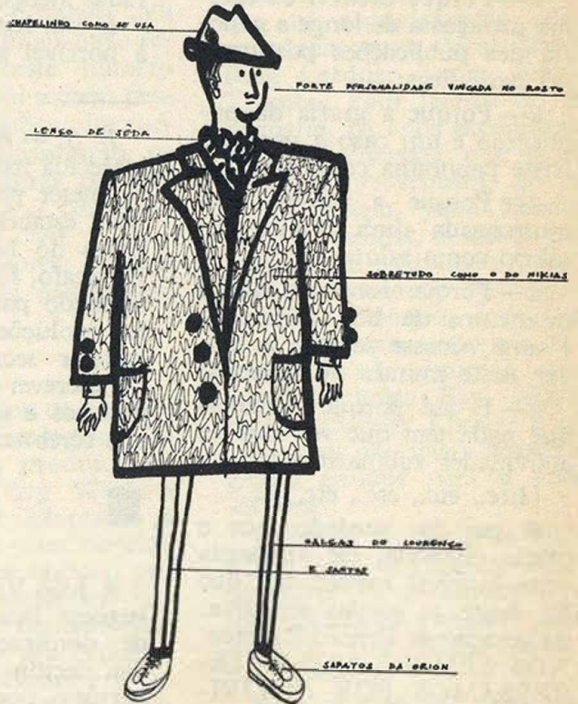
Com data de 4 de Fevereiro, p. p., recebeu-se neste gabinete meteorológico do Reino de Pacheco uma comunicação assinada por Francisco Pires Keill do Amaral, leitor com certeza de expressão arquitectónica, que nos cumprimenta e faz menção especial do nosso colaborador José Sezinando. Mais comunica o signatário que: a) concorda plenamente com os nossos artigos sobre vestuário masculino — («apoiado», *sic*) e b) que os desenhos de José Abel são óptimos.

Porém... «desgraçadamente vejo-me obrigado a avisá-los que artigos e desenhos se encontram ultrapassados. É triste, reconheço-o; não fiquem contudo abatidos. Pelo menos, pelo menos, há que contar hoje com três tipos novos não mencionados no vosso artigo».

Francisco Pires Keill do Amaral envia-nos o levantamento topográfico desses três tipos novíssimos (em 4 provas) os quais no *lexicon*

corrigido e aumentado, vêm a ser: o Novo-Pobrezinho, o teddy-boy nacional e o fato Finalidade que, segundo elucidação do autor, se destina a alcançar o objectivo «para o qual se gasta toda uma vida de lutas e canseiras, tanto físicas como intelectuais».

ALMANAQUE congratula-se com este gesto antipacheco do nosso leitor e com o clima sartriano do seu traço. O chamado encontro dos estranhos não é mera ficção neste Reino e, por isso, todo o clã almanaqueense, muito convicto das suas originalidades de eleição, de pé, em unísono, agradece tão desvanecedor gesto. E prepara-se para estender a fita de seda às portas da Redacção e afiar a tesoura de prata para que o nosso correspondente a corte no dia em que nos honre com a sua esclarecida presença. Preparámos desde já o improvisado e o antiburocrático copo de vinho branco. (Aplausos vários).



Uma justa distribuição confere ao nosso magnífico companheiro Fernão Pacheco, detentor de formoso e sibilino talento, o lugar de vistoriador de toda a numerosa correspondência que se recebe no «Almanaque». Pois bem: Fernão Pacheco espiou, através das suas dioptrias, o seguinte officio, assinado pelo sr. arquitecto Jorge de Albuquerque, presidente do Centro Português de Actividades Submarinas, e popular campeão da especialidade:

«— Porque somos sinceros admiradores da vossa excelente publicação;

«— Porque o nível da mesma ultrapassa de longe a maioria das publicações portuguesas periódicas;

«— Porque a grafia da publicação é um caso à parte no triste panorama congénere;

«— Porque a mesma está impregnada dum humor tão sóbrio como salutar;

«— Porque fornecer alguns momentos de boa disposição é uma benesse sempre a louvar neste mundo de tristezas;

«— E até porque Almanaque nada tem que ver com as actividades submarinas!!!»

(Etc., etc., etc., etc.)...

A par das verdades que o officio chancela, ele apresenta uma horrível inexactidão que fez bulir as cordas sensitivas do coração de Fernão Pacheco: **NÓS SEMPRE NOS INTERESSAMOS POR ACTIVIDADES SUBMARINAS.**

1.º — Porque todo o clã de «Almanaque», com Fernão Pacheco na liderança, estruturou a sua cultura marítima e submarítima lendo, àvidamente, «As Aventuras de Rob e do seu Submarplano», publicadas no finado semanário infantil «O Mosquito».

2.º — Porque quase todo o dito clã sabe nadar (aprendizagem feita nas extintas docas de Belém e Pedrouços, mas fidalgamente encapotada sob os rótulos de Nice, Saint-Tropez, Ischia) sobre e sob a água; e possui um completo material de pesca, com respectivos ar-

pões (a prova está nas espécies fibrias e anfíbias que temos capturado ao longo da existência de «Almanaque»).

3.º — Porque, se, no Reino de Pacheco os seus respeitáveis intelectuais têm como heróis preferidos as personagens criadas por Tolstói, Balzac, Stendall, Hemingway, Vaillant, etc., nós, os subintelectuais (até nisto somos *sub*) aderimos, alegremente, ao capitão Morgan, ao Barba-Negra, ao capitão Rochefort.

4.º — Porque o «Almanaque» é submarino em matéria de estilo, profundo em ideias gerais e abissal nas suas demoradas atenções.

E está feito o esclarecimento à horrível inexactidão!

P. S. — A picardia desta esclarecida redacção foi ao ponto de meter projecto na Câmara, para estabelecer, nos terrenos livres do Mar da Palha, um Batiscafo, funcionalmente apetrechado para, ali, observando as evoluções dos peixinhos, instalar secretárias, máquinas de escrever — e os seus prodigiosos e nunca assás louvados cérebros.

A João Villaret a poesia portuguesa fica a dever um acto de divulgação. Quando, um dia, decidiu inserir, no seu repertório, poemas de José Régio e de Fernando Pessoa, logo uma multidão alvoroçada lhe remeteu cartas indignadas contra uma «poesia incompreensível», que se afastava do «seu habitual». Villaret, revolucionário à sua maneira, ignorou os protestos e continuou a dizer versos — os versos que queria e que entendia. Fez com que outros consagrassem, servindo, para isso, de veículo. «O mérito não me pertence.», disse, uma vez, a um redactor do «Almanaque», «É porque os poetas que interpreto são grandes mesmo». João Villaret morreu novo. Culto, inteligente e consciente tinha um profundo desprezo pelo Villaret-

-vedeta e um profundo respeito pelo Villaret-actor. «O primeiro nunca conseguirá eliminar o segundo», afirmava. Sabia que não havia Teatro em Portugal e porque não havia, o que é mais importante. E quando mesmo em peças menores, o seu nome entrava, sabia-se, de antemão, que ele não representava, *interpretava*, após cuidadoso estudo, atenta meditação. Villaret-actor não Villaret-vedeta. O Villaret que o povo acompanhou, em silêncio comovido.

O «Almanaque» condena por todos os motivos (e mais um) os individuos que, em matéria de amor, gritam «bis! bis!». Que tal grito se oiça na Ópera, vá! Que tal grito se oiça na estreia de uma peça de teatro, vá! Que tal grito se oiça no decorrer da vida amorosa de um homem, não! Infelizmente, porém, existem individuos que, em matéria de amor, se desdobram e redesdobram. Alguns conseguem, mesmo, fazê-lo sem que a sociedade, sempre pronta a encontrar nos outros os seus próprios defeitos, dê por isso. A grande maioria, porém, não o consegue. Lá diz o provérbio: «de boas intenções andam as maternidades cheias».

Que por timidez ou por ignorância ou, ainda, por incapacidade natural, na sua grande maioria, os homens não conseguem ser bigamos.

O «Almanaque» não pode, nem pretende, suprir as deficiências da natureza. O tímido e incapaz será sempre tímido e incapaz.

No que diz respeito ao ignorante, porém, o «Almanaque» «pode, e deve, tentar alterar o *statu quo* existente. Concorrer para a felicidade alheia é um dever de todos.

1) Ou nenhuma das senhoras usa perfume,

2) ou ambas usam a mesma marca.

No que diz respeito ao «bâton», muito se poderia escrever. Que ninguém diga: deste «bâton» não aparecerei sujo.

Mais tarde ou mais cedo o candidato vai inevitavelmente aparecer a uma das suas senhoras sujo do «bâton» da outra. «C'est la vie», dizem os franceses...

Há, portanto, toda a conveniência em contar em casa que se trabalha, no escritório, com um lápis encarnado. É, mesmo, conveniente contar a ambas as senhoras que um dos empregados chegou a casa sujo do lápis vermelho e que a esposa julgou (maldosamente) que se tratava de uma mancha de «bâton». Deve acrescentar-se que o caso, felizmente, se esclareceu.

Mais tarde, quando o candidato aparecer sujo de «bâton», pode lembrar esta história em tom irónico e acrescentar filosoficamente: «Mal sabia eu que me havia de acontecer a mim...»

Não afirmamos que a técnica dê resultado, mas sempre ajuda...

O candidato a bigamo deve proceder como um general e dividir a sua actividade em dois sectores: 1 e 2. Ao primeiro corresponderá a senhora 1 e ao 2.º a senhora 2. As manobras do campo de batalha (e não tenhamos ilusões: trata-se de uma autêntica batalha) devem obedecer a regras fixas desde Maquiavel.

Regras para a conduta do candidato:

1.º — Não permitir que a mão esquerda saiba o que faz a mão direita.

2.º — Não permitir que a mão direita saiba o que faz a mão esquerda.

3.º — Não permitir que as mãos troquem impressões ou tomem conhecimento do que faz o resto do corpo.

Na prática os cuidados a ter são:

1.º — *No que diz respeito aos perfumes, batons e outras substâncias odoríferas.*

Pela boca morre o peixe, dizem os antigos. Pelo nariz têm morrido muitos (mesmo muitos...) candidatos a bigamia. Como é do conhecimento

geral, as senhoras perfumam-se e sabem de perfumes. Muitos homens, ao chegarem à senhora 1 cheirando ao perfume da senhora 2, são tentados a explicar o facto dizendo que «apanharam o cheiro num eléctrico». Esta explicação é imbecil desde que as mulheres se emanciparam. Como é geralmente sabido, as mulheres já andam de eléctrico e sabem, portanto, que neles se não agarram cheiros».

Para evitar tais sarilhos há que seguir uma destas duas regras:

Nestas circunstâncias e atendendo ao elevado número de indivíduos que têm tentado, em vão, adquirir o estado civil de bigamia, o «Almanaque» resolveu incluir neste número um pequeno jornal secreto destinado aos bigamos inexperientes. Nele encontrarão os interessados as regras necessárias à aquisição e à conservação desse estado civil.

Estimados leitores: depois disto só nos resta desejar-lhes boa sorte.

Após cinco anos de conversações, Ernest Hemingway decidiu vender, ao produtor cinematográfico Jerry Wald, a exclusividade de adaptação à tela de doze das suas novelas. Aparentemente, a notícia, publicada sem destaque nos jornais e sem outra pormenorização, carece de importância. Todavia, este episódio é o resultado de uma longa especulação de que Hemingway tem sido alvo, marginal, é certo, mas tributário de uma responsabilidade que lhe tem sido imputada pelo público e pela crítica. Há anos, o famoso escritor vendeu os direitos de cinematização de alguns dos seus romances e novelas ao produtor Sam Wood (realizador da notável versão de *Por Quem os Sinos Dobram*, com Gary Cooper e Ingrid Bergman), o qual, enquanto viveu, seguiu, honestamente, o verdadeiro espírito do universo do romancista. Wood morreu e os direitos passaram, por prescrição contratual, para a

Fox, que se ufana de ser o estúdio menos progressivo de Hollywood. A partir de então, assistiu-se (com excepção do filme «Assassinos», dirigido por Robert Siodmak para um produtor inteligente, Mark Hellinger) a um lamentável atentado às mais representativas obras do escritor, que tinha de se manter impassível, porque o contrato a isso o obrigava.

Liberto do compromisso que o ligava a Hollywood, Hemingway foi de imediato sondado por Jerry Wald para a assinatura de um novo contrato. Cinco anos de hesitação. E, depois, o consentimento, mas com as seguintes cláusulas: que os argumentistas sejam recrutados entre Alvah Bessie, Ring Lardner Junior, Dalton Trumbo, Paul Jarrico ou Bibermann, há anos excomungados de Hollywood; que os realizadores provenham do seguinte grupo, John Huston, John Fitzmiller, autor de uma excepcional adaptação para a TV americana de *Por Quem os Sinos Dobram*, Jack Garfein, Siodmak, actualmente a trabalhar nos estúdios europeus, Nicholas Ray, Martin Ritt ou Sidney Lumet; e que os actores não sejam nomes de grosso encaixe para o «box-office».

Primeira produção de Wald: «Um Gato à Chuva». Argumentista: Ring Lardner Junior. Realizador: Martin Ritt. Actores: Eve Marie-Saint e Edí Wallach.

Esta notícia é particularmente sintomática, se atentarmos numa outra, procedente de Chicago, onde cerca de duzentos Combatentes Nacionais Americanos, se manifestaram em frente do cinema no qual se estreava o filme «Éxodo», argumento de Dalton Trumbo baseado no romance homónimo de Léon Uris. Os «combatentes» protestavam contra o facto de Trumbo, posto há anos na «lista negra» de Hollywood, ter sido de novo recrutado pelos estúdios. Otto Preminger, realizador do filme, foi esmurrado e presos cinco «combatentes nacionalistas».

sumário

O LUGAR-COMUM NO REINO DE PACHECO

	10	Elogio ao Elogio-Mútuo ou Monumento ao Lugar-Comum, por Leitão de Barros — ilustrações de Câmara Leme
	14	Frank Sullivan, perito em Lugares-Comuns
	68	O Comum de dois, desenhos de João Abel Manta
	84	Carta de Guiá do Lisboaeta arrependido
transportes	32	O máximo revisor comum
	38	O menor revisor comum
literatura	50	Lugares selectos do lugar-comum
aperitivo	18	Um cálice de Madeira
ficção	20	D. Miguel, Rei e Arcanjo, conto por Aquilino Ribeiro — ilustração de João Abel Manta
	60	O Amor da Meia-Noite, conto de Puchkine — ilustração de Luís Filipe de Abreu
	108	Amy Forster, conto de Joseph Conrad — ilustração de Guilherme Casquilho
reino de pacheco	44	Cábula para uso do Pacheco Próprio em lugares de circunstância
	13	As monstruosidades respeitáveis
cinema	98	20 conselhos aos recém-cinéfilos
	26	Amália Rodrigues, 33 rotações do lugar-comum
belas-artes	78	As flores do Mau
culinária	88	Breve viagem gastronómica ao Algarve
desporto	94	A nova academia literária
surprise-party	102	Juliette Greco, snobismo importado
	56	Gilbert Bécaud
	106	Passatempos

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo
Magalhães

Editor: Grupo de Publicações
Periódicas

Orientação gráfica de Sebastião
Rodrigues e João Abel Manta
Redactor-paginador: Pilo da
Silva

Fotografia de Eduardo Gageiro

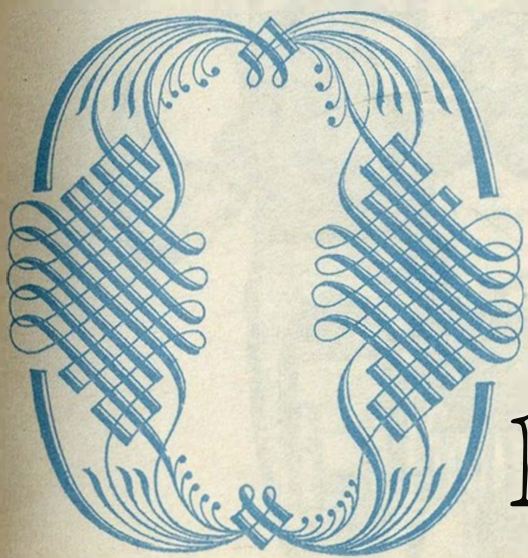
Desenhos de João Abel Manta,
Câmara Leme, Luiz Filipe e
Guilherme Casquilho

Técnico de impressão Alejandro
Corona
Técnico de composição: João
Miranda

Redacção e Administração: Rua
da Misericórdia, 125-1.º, Lisboa
Expediente e Contabilidade: Rua
da Misericórdia, 67-2.º, Lisboa
Telefones: 3 18 92 / 3
Composto e impresso na Casa
Portuguesa, R. das Cárceas, 169

Cada volume: 15\$00
Assinatura semestral: 75\$00
anual: 145\$00

gar/comum



lugar=comun



ELOGIO AO ELOGIO MÚTUO OU MONUMENTO AO LUGAR-COMUM

por Leitão de Barros

CONSAGRAMOS este Almanaque à comemoração do X CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO LUGAR-COMUM, nosso senhor e pai amantíssimo. E informamos mais os nossos estimados ouvintes de que a inauguração solene do seu monumento, a que assistirão as mais gradas e degradadas figuras nacionais, terá lugar muito em breve, em local especialmente designado pela Comissão de Estética da C. M. L., ouvidos que sejam o Comando dos Bombeiros e a Federação Portuguesa de Futebol, além do Grémio dos Vendedores de Castanhas em Bicicleta e Artigos Congéneres.

A iniciativa pertence-nos e faremos vir representantes de todas as nossas províncias daqui e dali em África, Índia e Oceania. Portugal, uno e indivisível, estará presente, com os seus Grupos Folclóricos e Cortejos Históricos.

DAS mais decorativas qualidades com que os portugueses se enfeitam é, com certeza, a vénia, o salamaleque, o elogio «socorro-mútuo» — com molho de LUGAR-COMUM.

Agora há até a moda das confraternizações familiares-burocráticas, com boas bacalhoadas ali no «Leão do Castelo» (descendente directo do «Leão de Ouro»). Reunem os funcionários e o seu «chefe» para troca de elogios a cem escudos por cabeça, com dois vinhos e aperitivos. Cruzam-se a jacto os «Vossas Excelências» e, assim, as repartições públicas parecem grupos dos «Bem-Unidos, dos «Fixes da Outra Banda», dos «Leais Amigos de Paio Pires» com ovos. Nesses almoços o LUGAR-COMUM é INDIVIDUAL.

É um deleite social ler os relatos dos jornais com os discursos digestivos cheios de «ping-pong» de adjectivos, obras primas de LUGARES-COMUNS PUROS: «A Vossa Excelência, Sr. Director (ou Presidente, ou Governador), devemos o preito da nossa homenagem, pois faz hoje precisamente nove meses que em boa hora o Governo entregou em vossas mãos os destinos do Grupo a que tenho a honra de pertencer. As melhorias obtidas, que vão desde o almoço na repartição, até ao nosso parque privativo para automóveis e à satisfação de outros anseios legítimos a Bem de um Portugal maior, anseios que satisfazemos em nossa própria casa, risonha e florida por nossa esposa, com esgotos e água encanada, tudo devemos a V. Ex.^ª! Quantos viviam em promiscuidade com as respectivas sogras dentro de baiúcas em mau estado e agora vão ocupar casas em estado novo! Pode V. Ex.^ª contar com a eterna dedicação e lealdade dos funcionários em cujo nome falo, por indeclinável dever profissional. Bebo, mais uma vez, envolvendo Vossa Excelência e a sua Ex.^{ma} Família no mesmo amplexo fraternal. A vossa saúde e de vossa dedicada Esposa e nossa Senhora, e dos vossos encantadores filhos, filhas, noras e sogras. Tenho dito.»

Então se ergue o Chefe, correcto e marcial: «Levarei junto de quem de direito esta homenagem, bem como gostosamente distribuirei pelos vários membros do Governo intervenientes na satisfação dos anseios, as palavras repassadas de são patriotismo que a minha modéstia me não permite aceitar, senão como portador, dos brindes aqui erguidos.»

Este quadro, pintado a água quimicamente puríssima do Chafariz de Dentro, desejo eu gravá-lo para todo o sempre e para a História dos «Bons Amigos» de Lisboa.

ASSIS CHATEAUBRIANT, dos «Diários Associados», espartíssimo embaixador do Brasil em Londres, curiosa figura sem paralelo no mundo latino, (e que é todo ele a floresta brasileira), almoçou um dia em Lisboa, rodeado de gente notável de todas as políticas, desde João Ameal, monárquico e integralista, até Nuno Simões, irreductível liberal (dantes quebrar que torcer). Houve belos LUGARES-COMUNS.

O banquete realizou-se no 1.º andar do Tavares Rico, ao pé dos gabinetes reservados, naquela sala que parecia pintada com restos de «mayonnaise» de mariscos e enormes mexilhões estilizados. Ninfas do tempo da «Garçonne», fumando cigarrilhas de grande boqui-lha, evocavam nas paredes pândegas provincianas de segundas damas da «Comédie Française» em «tournée», há meio século, e um certo ambiente de vício barato pairava no ar. Ao almoço assistiu meio mundo dos jornais, e pode dizer-se que nunca houve em Lisboa tantos «diários associados» em torno do «touredós», nem tantos LUGARES-COMUNS mastigando. Os «hors-d'œuvre» políticos fizeram férias de guerra e confraternizaram na mesma bandeja. O belo espumante fresco da Bairrada regou, de entrada, os soberbos ro-balos de Setúbal, em que o «Manuel da Bénard» é mestre.

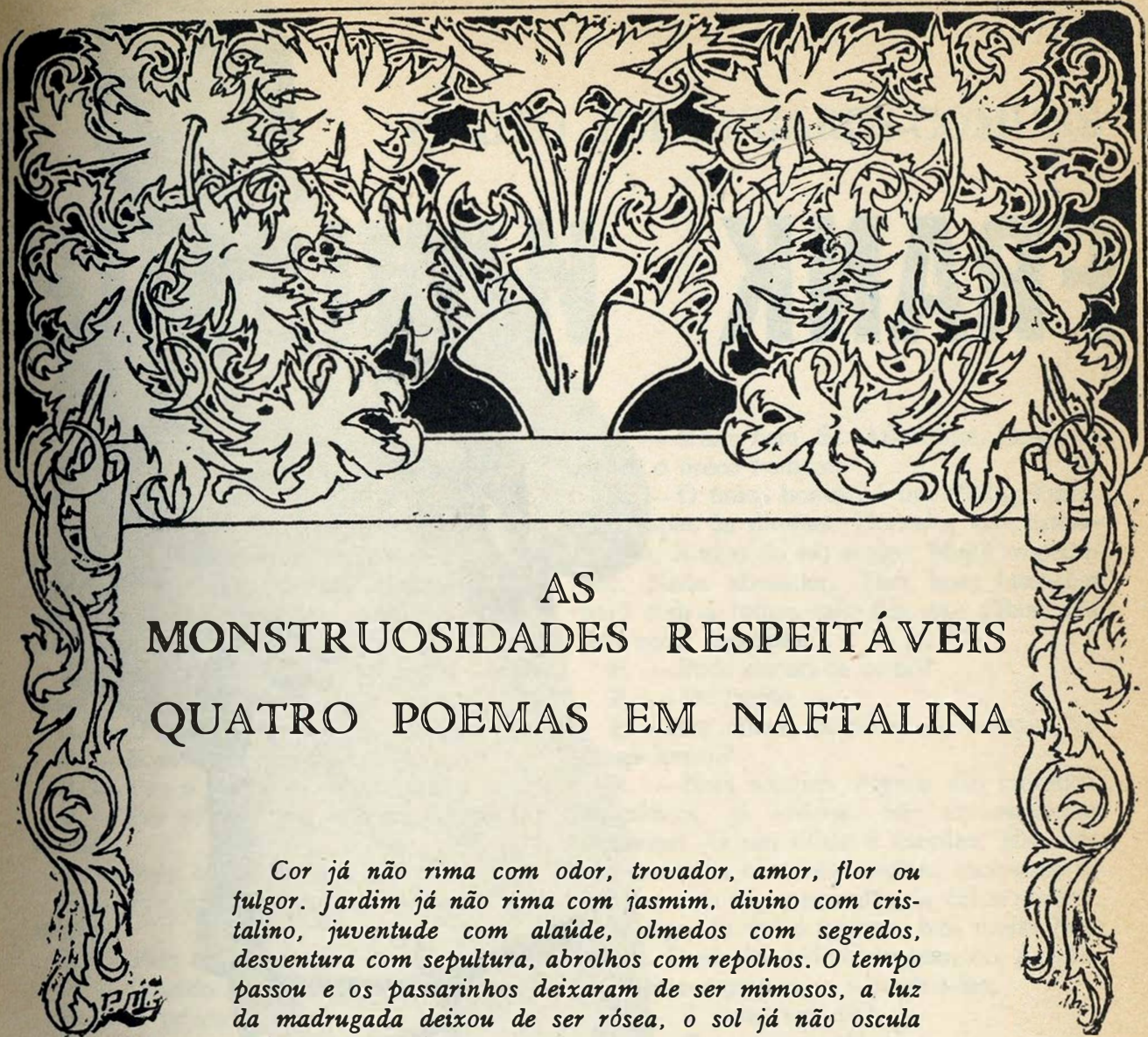
TODA a gente, realmente, se preparava para uma ágape do ELOGIO MÚTUO e do LUGAR-COMUM irresponsável e dispéptico. Salazar, em evidência por um dos seus discursos-lições, andava na boca de todos, antes do melão gelado. Eis que Assis se levanta (esperava-se um LUGAR-COMUM brasileiro) mas, com aquele arguto olhar que o faz parecido com Chaplin, começa a falar, num gesto lento dentro do seu «paletó-branco», carregando nos ossos da comunidade luso-brasileira de S. Paulo: «Eu nunca acreditei em «homens providenciais»...

Fez-se uma pausa que paralisou cinquenta estômagos nacionalistas em plena digestão.

Houve gente corada que era pálida, e fizeram-se pálidas rubicundas bochechas. Então Assis, continuou: «No que eu acredito é em povos providenciais...»

Chateaubriant fugira ao LUGAR-COMUM — mas esse era esperto e, como se sabe, brasileiro.

O LUGAR-COMUM tem modas de Verão e de Inverno, como as mulheres. Este Inverno usa-se imenso o «alertar». Não há discurso público que o não use meia dúzia de vezes. Logo a seguir vem o que pertence ao dicionário oficial: o «equacionar os problemas», o habitacional», o «exposicional», que são LUGARES-COMUNS condecorados com quatro cruces de Cristo. Não é só na Arquitectura, mas no Comércio, na Indústria e na Arte que o LUGAR-COMUM tem o seu lugar reservado, assinante como é, das «primeiras» do S. Luiz e do Monumental. Merece ele, pois, a consagração nacional como esse grande escritor o «Borda d'Água», para quem a eterna injustiça da Pátria **tem uma dívida em aberto** que nunca mais fechará. É este LUGAR-COMUM clássico é o único que se justifica neste país S.N.I.-folclórico. O pior não é o LUGAR-COMUM — mas o COMUM COM VÁRIOS LUGARES, mesmo depois da camiliana intervenção de Mendonça. Haja saúde, rapazes! — e LUGARES-COMUNS bem pagos e para todos!



AS
MONSTRUOSIDADES RESPEITÁVEIS
QUATRO POEMAS EM NAFTALINA

Cor já não rima com odor, trovador, amor, flor ou fulgor. Jardim já não rima com jasmim, divino com cristalino, juventude com alaúde, olmedos com segredos, desventura com sepultura, abrolhos com repolhos. O tempo passou e os passarinhos deixaram de ser mimosos, a luz da madrugada deixou de ser rósea, o sol já não oscula a flor, o pranto já não é amargo nem sedutoras as miragens ou divinais os quadros. A alma perdeu o desalento, o céu já não é infindo e imaculado, a Primavera deixou de ser etherea. Sim, etherea com H!

Ó Musas! Para os poetas de hoje a noite é ordinária, o vento é carteirista, o dia levanta-se como um cão, e este, por seu turno, é fraldiqueiro, apara-lápis, pré-fabricado. Hoje solidão rima com pão, com exageração, com mão, com não e com ão. Bonito, com canito, jardins com rins, mosca com mosca!

Almanaque não podendo deixar de oferecer o seu apoio a todos quantos protestam contra a inversão de valores que alastra por toda a parte como nódoa de azeite (a imagem é original!), recordando-se de que a poesia moderna é exemplo lamentável da subversão do espírito, colheu nos velhos almanaques do passado quatro belas poesias que conservadas durante oitenta anos em naftalina exalam ainda hoje não o etéreo cheiro da dita, mas o ethereo perfume que era próprio da época em que as meninas docemente rimavam com boninas. O leitor amável encontrará-las-á inoportunamente e a pouco e pouco à medida que folhear o ALMANAQUE.

FRANK



PERITO EM LUGARES-COMUNS

SULLIVAN

O perito em Lugares-Comuns presta declarações acerca do amor

PERGUNTA — Sr. Arbuthnot: está disposto a prestar declarações, como perito na utilização do lugar-comum, acerca da sua aplicação a tópicos como o amor, o sexo, o casamento, etc.?

P. — Muito bem. Ora então, Sr. Arbuthnot, o que é o amor?

R. — O amor é cego.

P. — Bom. E o que faz?

R. — Faz a Terra andar à roda.

P. — Por quem é que se apaixona um homem?

R. — Pela única mulher.

P. — Por quem é que se apaixona uma mulher?

R. — Pelo único homem.

P. — Quando é que se apaixonam?

R. — À primeira vista.

P. — Como?

R. — Loucamente.

P. — E então diz-se que foram...?

R. — Que foram alvejados pelas setas de Cúpido.

P. — Ele diz-lhe alguma coisa?

R. — Sim: diz-lhe palavrinhas doces ao ouvido.

P. — Quem é que se enternece quando vê um parzinho de namorados?

R. — Toda a gente se enternece quando vê um parzinho de namorados.

P. — Queira descrever a única mulher.

R. — A única mulher tem olhos como estrelas. Os dentes são autênticas pérolas. Os seus lábios, rubis. A face é de damasco. E as formas, esculturais.

P. — Não se esqueceu de nada?

R. — Olhos, dentes, lábios, face, formas — não senhor, creio que não falta nada.

P. — Ah não? E então o cabelo?

R. — Ah, pois, o cabelo! Que estupidez a minha. O cabelo dela é de ouro.

P. — Muito bem, Sr. Arbuthnot. Descreva agora o único homem.

R. — O único homem é um Viking louro. Um rapaz às direitas. Honesto, leal, trabalhador. Amigo do seu amigo. Muito respeitador. Nada abusador. Tem boas intenções para com a futura mãe dos seus filhos, por isso pode encará-la.

P. — Pode encará-la como?

R. — De frente.

P. — Os únicos homens são sempre Vikings louros?

R. — Nem sempre. Alguns são morenos, simpáticos, já vividos. São extremamente atraentes. O seu olhar é mordaz. Mas não são nenhuns canalhas; seriam incapazes de brincar com os sentimentos da única mulher. Este tipo de único homem tem muito bom fundo. Conta-lhe todo o seu passado. A única mulher compreende-o e perdoa-lhe.

P. — E casa com ele?

R. — E casa com ele.

P. — Para quê?

R. — Para o reformar.

P. — E reforma-o.

R. — Raramente.

P. — Raramente, ou quê?

R. — Raramente, ou nunca.

P. — Bom. Agora, Sr. Arbuthnot, quando o único homem se apaixona, loucamente, pela única mulher, que faz ele?

R. — Parece-lhe que caminha nas nuvens.

P. — Sim, sim, bem sei, mas que faz ele? quero eu dizer, que lhe pergunta ele?

R. — Pergunta-lhe se quer ser sua mulher.

P. — E como é que ficam?

R. — Noivos.

P. — O que é que se segue?

R. — O casamento.

P. — O que é o casamento?

R. — O casamento é uma lotaria.

P. — Mas então o enlace não é ditoso?

R. — É. Mas nunca se sabe.

P. — Que faz a mulher na cerimónia do casamento?

R. — Cora.

P. — E o noivo?

R. — Esquece-se das alianças.

P. — Após o casamento, partem...?

R. — Em lua-de-mel.

P. — Tempos depois?

R. — Ela tem um segredo.

P. — Como é que se percebe que ela tem um segredo?

R. — Porque ela começa a fazer *tricot*.

P. — Muito bem. E depois?

R. — Oh, depois têm mais meninos e são muito felizes até ao fim dos seus dias, a não ser...

P. — A não ser o quê?

R. — A não ser que ele a troque por outra.

P. — E se troca?

R. — Então cada um segue o seu caminho.

P. — Sr. Arbuthnot, muito obrigado pelas suas declarações.

R. — Mas, Sr. Sullivan, eu ainda não acabei.

P. — Não?

R. — Pois não. É que há um outro aspecto do amor.

P. — Há?

R. — Sim senhor. Chama-se o sexo. É o lado sórdido. Existem, efectivamente, homens que são autênticos lobos em peles de cordeiro; assim como existem, infelizmente, mulheres ingénuas que lhes dão ouvidos.

P. — Meu Deus! Depressa, descreva-me esses homens.

R. — São verdadeiras víboras. Não colocam a mulher num pedestal. São totalmente desprovidos de escrúpulos. Despedaçam a alma das raparigas e zombam da sua virtude. São cínicos. Para eles, uma mulher não passa de um brinquedo.

Não namoram para bom fim. São vis sedutores. Antigamente usavam bigode fino, retorcido, que confiavam; convidavam inocentes raparigas para ceias à meia-noite, com *champagne*, nas suas *garçonnières*. Diziam-lhes: «Com certeza você não vai ter medo de mim, pois não?». Hoje em dia usam cabelo lustroso, guiam automóveis descapotáveis e perguntam: «Ó simpática, quer uma boleia?». Corrompem os costumes, sempre na mira de roubarem a uma rapariga o que ela tem de mais precioso.

P. — O que é que uma rapariga tem de mais precioso?

R. — A honra.

P. — Como é que eles lha roubam?

R. — Mediante propostas desonestas.

P. — Como procede uma mulher quando um vil sedutor tenta roubar-lhe a honra?

R. — Defende-a.

P. — Como?

R. — Repelindo as propostas desonestas e escarnecendo das intenções dos Dom Juans.

P. — O que diz ela?

R. — Diz: «Meu caro senhor, tenha maneiras»; ou: «Tire daí a mão, senão eu grito»; ou ainda: «Peço-lhe que não se esqueça de que sou uma senhora»; ou então: «Não estraguemos uma amizade tão bela».

P. — Mas suponha que ela não diz nenhuma dessas frases?

R. — Nesse caso, ela dá o primeiro passo em falso.

P. — Para onde a conduz o primeiro passo em falso?

R. — Para o caminho da perdição.

P. — O que é o caminho da perdição?

R. — É a solução mais fácil.

P. — E leva-a aonde?

R. — A uma vida de vergonha.

P. — O que é uma vida de vergonha?

R. — É um destino pior que a morte.

P. — Ora bem. E agora, depois de a mulher ingénua ter dado ouvidos, que faz ela ao vil sedutor que a privou do que tinha de mais precioso?

R. — Dedicá-lhe os melhores anos da sua vida.

P. — Para ele acabar por lhe fazer o quê?

R. — Por deitá-la fora.

P. — Como?

R. — Como a um trapo velho.

P. — De que cor vê ela então tudo?

R. — Ela então vê tudo vermelho e vai procurá-lo.

P. — Ao vê-lo, o que é que lhe passa pela cabeça?

R. — Uma coisa.

P. — E a seguir?

R. — Ela puxa dum revólver e dá-lhe cinco tiros.

P. — Isso chama-se?

R. — Vingá-la a sua honra.

P. — O que é que nenhum júri fará nesse caso?

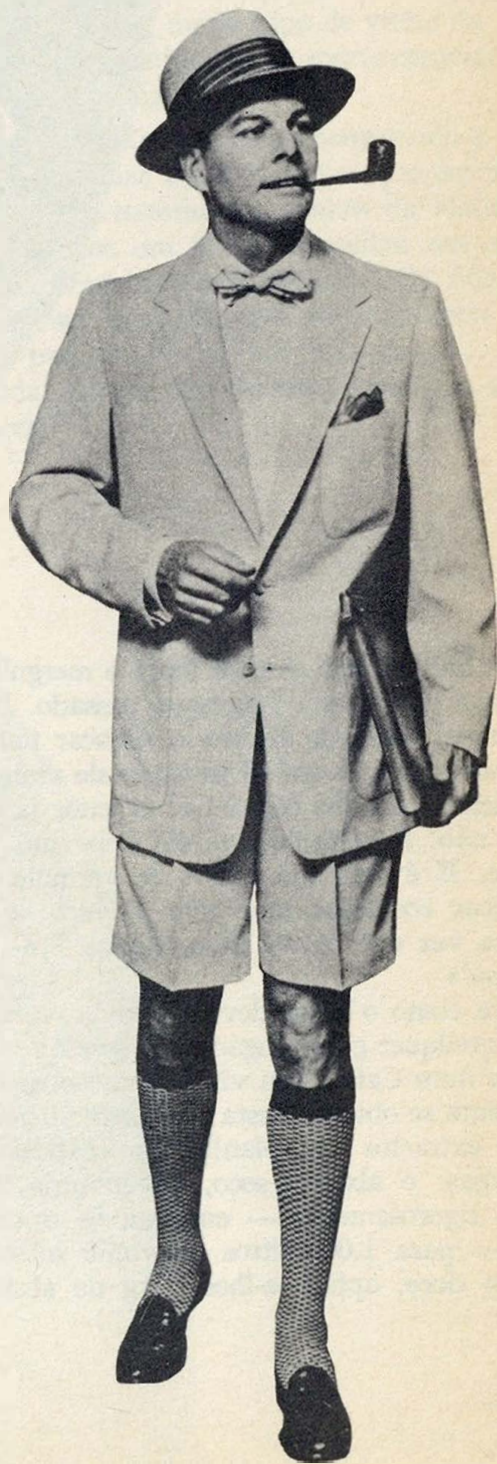
R. — Nenhum júri a condenará.

P. — Sr. Arbuthnot, as suas explicações sobre o modo correcto de aplicar o lugar-comum a estes assuntos foram muito instructivos, e estou certo de que todos os utilizadores de lugares-comuns ficarão perfeitamente habilitados a empregá-los quando, no decurso duma conversa, se fizer alusão a este problema momentâneo — perdão, majestoso — hm, ou melhor — isto é...

R. — Com licença. Creio que o senhor quer dizer «momentoso problema», não é verdade?

P. — Precisamente, Sr. Arbuthnot. Obrigado. Muito e muito obrigado.

R. — Obrigado eu, Sr. Sullivan.



(Tradução de José Palla e Carmo)



Os hábitos têm grande força e mergulham as suas raízes num longínquo passado. Lembra-se? Em «Os Maias» o Alencar toma o seu aperitivo. O quê? Um cálice de vinho da Madeira como lhe convinha? O leitor já sabe que não: é evidente que ele bebe um vermute. E é com um cálice de vermute que Alencar «começou num tom patético: a primeira vez que te vi, filho, foi no Pote das Almas!»

Ora como o leitor deverá saber o vermute que qualquer gato-pingado não se esquece de pedir num Café é um vinho licoroso que facilmente se obtém. Basta para isso adicionar-lhe extractos de plantas, aromáticas ou amargas: o absinto seco, a centáuria, etc. Mais rigorosamente — ensinam os tratadistas — para 1.000 litros de vinho moscatel muito doce, aplica-se-lhes 1 kg de absinto,

2 de flores de sabugueiro limpas, 4 de açúcar fino, 4,5 de coentros, 500 g de nós moscada, 1 kg de canela, 500 g de Maranta galanga, 1 kg de pétalas de «Primula officinalis», 500 g de cravinho da Índia, 1 kg de raiz de cálamo e 1 de cardo-bento. O resultado é que é agradável e dá a quem o serve ou bebe sabido e não é caro. Pode mesmo dizer-se um ar distinto e cosmopolita. De facto, o verdelho da Madeira para o português que não é das Arábias (porque esse conhece meio mundo e aprecia as coisas portuguesas) dois defeitos fundamentais: é português e é mais caro do que o vermute (que na maior parte dos casos também é português mas tem a fascinação do nome estrangeiro).

No entanto e para descanso do «snob» que só gosta do que vem lá de fora e fala «estrangeiro», o Malvasia da Madeira tem o

UM CÁLICE

atractivo suplementar de ser originariamente natural de Napoli di Malvasia, vila marítima grega situada muito perto de Esparta. Mas com o andar dos tempos e a incúria dos homens a vinha de Malvasia que tanta fama alcançara na Idade Média morreu. Ficaram apenas alguns vestígios em Creta. E daqui um barco levou para a Madeira alguns vinhos que nos terrenos saibrosos e virgens da Ilha frutificaram soberanamente. E tão rápida foi essa transplantação que vinte e cinco anos depois já Cadamosto se referia ao vinho da Madeira como «muito bom».

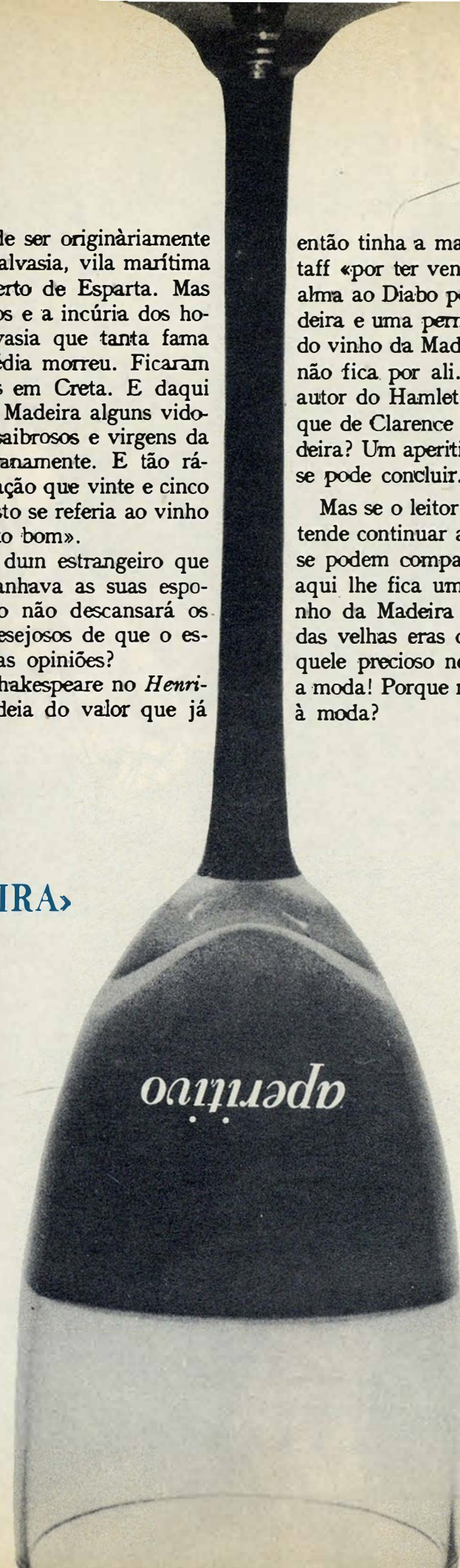
Assim, era pela voz dum estrangeiro que o vinho da Madeira ganhava as suas esporas de ouro. Esse facto não descansará os «snobs» portugueses, desejosos de que o estrangeiro lhes avalize as opiniões?

E a verdade é que Shakespeare no *Henrique IV*, nos dá uma ideia do valor que já

então tinha a malvasia quando censura Falstaff «por ter vendido na última sexta-feira a alma ao Diabo por um copo de vinho da Madeira e uma perna de capão.» Mas a história do vinho da Madeira na obra de Shakespeare não fica por ali. Pois não é verdade que o autor do Hamlet acabará por «matar» o duque de Clarence numa pipa de vinho da Madeira? Um aperitivo para a morte como daqui se pode concluir...

Mas se o leitor não ficou convencido e pretende continuar a beber vinhos que em nada se podem comparar aos vinhos da Madeira, aqui lhe fica um último conselho: use o vinho da Madeira como perfume. Os fidalgos das velhas eras deitavam algumas gotas daquele precioso nectar nos seus lenços... Era a moda! Porque não daremos uma nova seiva à moda?

DE «MADEIRA»





D. MIGUEL, REI E ARCANJO

CONTO POR AQUILINO RIBEIRO

Ao Artur Maciel

Chegaram os procuradores do Alto Minho à capital, sem novidade de maior, com as caravanas de outros que desciam de variadas terras da província a representar em Cortes os braços do povo e da nobreza. Em Carqueijo viera alcançá-los a comitiva de Vila Real, com Colmieiro de Moraes, e mais adiante, na Venda do Cego, surpreenderam a do Barão de Tavadede, com o coche esbandalhado e carpinteiros do lugar a atamancarem-lhe um eixo novo.

Aboletaram-se ao Corpo Santo em casa duma senhora espanhola, tida como pessoa de recato, muito cristã, e côrda nas contas. Usava ainda capa de merino com vidrilhos e perfumava-se com alfazema. À noite, depois da ceia, vinha rezar com eles o terço. Mas Albano de Carvalhais entrou na cidade com pé esquerdo. Surgiram-lhe umas febres terçãs, tão elevadas que teve, a instâncias dos facultativos, de meter-se na cama e medicar-se. O barbeiro applicou-lhe uma sangria que teve a propriedade de minorar-lhe as dores, mas deixou-o muito enfraquecido.

Chegou o dia 6 de Junho daquele fausto ano da graça de 1828, dia para sempre festivo na cartilha absolutista, do juramento de el-rei fidelíssimo, o senhor D. Miguel, com a augusta cerimónia de preito e menagem pelos Três Estados, e ele, sem embargo do voto que fizera a S. Bento da Porta Aberta de dar três voltas à ermida, no dia da festa, descalço e de mortalha, e da sua férrea vontade, não pode segurar-se em pé.

Duas semanas andadas, quando do auto de abertura e proposição das Cortes, tão-pouco se achava melhor. Ao cair da noite, o capitão-mór de Barcelos entrou na estalagem a visitá-lo. Era um homenzarrão, que vendia saúde, peludo que nem um fauno, e só por isso Albano de Carvalhais o recebeu de mau olhar. Estava sentado na cama, mais branco que a camisa que vestia, lábios secos e arregoados pela febre, magro, esquálido, capelas dos olhos encovadas, a mão de dedos aduncos e muito afilados a esbagoar o rosário. Depois de trocarem as palavras consabidas de cumprimentos, disse-lhe o enfermo em voz flébil e entrecortada:

— Estou para aqui um canastrão. Acho-me muito mal, muito mal! Vejo-me mais em termos de me preparar a bem morrer do que ajudar o nosso príncipe a firmar o trono!

O capitão-mór não achou melhor que dar-lhe uma gargalhada, o que acendeu um luaceiro na face do senhor de Valença. E soltou-lhe logo por cima, falsas mas estralejadas como as bâtegas de chuva que batem nas vidraças, estas palavras categóricas:

— Não diga asneiras, primo. Isso não é nada! Vai ver. Eu até o acho muito melhor.

— Não, não, custa-me a respirar. A minha arca do peito é um fole roto. — E ao cabo de uma pausa, de que o capitão-mór não soube como varrer o vazio mortuário, tornou, alçando olhos para os seus olhos: — Então como correu a função?

O capitão-mór perfilou-se diante dele numa atitude de tribuno ou do mensageiro, glorioso consigo, que dá conta do recado. E proferiu de olhos a chispar, a boca, como dizia Frei Luís de Sousa dum personagem real, cheia de risos:

— Estupendo, estupendo! Foi hoje um dos maiores dias da minha vida...

O que havia de egoista prosápia naquela postura não escapou ao enfermo que, antes de ele ir mais longe, lhe observou:

— Sim, eu calculava o que fosse! Para que fomos nós chamados? Mas conte lá, primo, conte lá... Que pena a minha não ter assistido!...

— Vai assistir à abertura das Cortes, que se anuncia para melhor. Daqui até lá, põe-se riço como um pero. Está marcada para o dia 11 de Julho...

Albano de Carvalhais torceu os lábios num esgare de dúvida, e sussurrou em voz que parecia, filtrada pela angústia ou pela glote entabuada, o grasnido dum pássaro a morrer:

— Deus é que manda. Deus é o rei dos reis. Mas conte lá, primo, conte lá...

— Então eu lhe conto... Tinham fixado para as três da tarde a hora da solemnidade. Mas já muito antes caíra em peso, na sala do trono, toda a fidalgaria de Portugal, alto clero e braço do povo. Só queria que visse, senhor primo, tanta gente, vestidos todos ao antigo estilo da corte, casaca e calção de seda preta, vés-tia e meias de seda branca, capa de seda preta com bandas brancas, volta, chapéu com uma das abas levantada e plumas brancas...

— Os alfaiates fartaram-se de ganhar dinheiro...

— Alfaiates e mercadores. Uma andaina destas custa os olhos da cara. Onde faz a sua? O melhor de todos é o Piranha ali na Travessa dos Calafates. As rabonas que ele faz assentam como uma luva, mas é careiro. Careiro?! Ora, ora, quem paga é o negro.

— Vá contando. Foi então imponente...?

— Magnífico. Nem a corte do **roi Soleil**, dizia um tal pintalegrete que estivera em França. Os ministros traziam toga e os eclesiásticos vestidos talares. O patriarca de Lisboa, muito encarniçado, cabelo ruivo, parecia mesmo um andor. Passou por meio dos procuradores de mão erguida a abençoar, que nem de hissope no aspersório dos domingos terceiros. No topo da sala, ao lado de duas tribunas, destinadas às sereníssimas infantas estava o trono...

— Viu as infantas. Que tal?

— Olhe, primo, eu já estou velhote para apreciar tais melápios, mas aqui para nós, que ninguém nos ouve, e salvo o respeito devido às pessoas reais, pareceram-me uns camafeus... Estavam a uns cinco ou seis côvados do meu banco, e eu podia muito bem catrapiscá-las que várias vezes me deitaram o olho...

— Ouvi dizer que o trono era de metais preciosos e pedras finas...

— Se não era, reluzia como se fosse. Mas nem um altar, primo, o altar-mór da Sé de Braga em dia de exposição do Santíssimo!

— Faça ideia... Diga lá como era a ver se me engano...

— Imagine, primo, um estrado dos seus quatro côvados de frente por outros tantos de lado, ao qual formavam dois planos, ambos cobertos de alcatifas, para o qual estrado tinha de se subir por degraus com passadeira de carmezim a toda a largura. Ponha-lhe em cima um rico e largo cadeirão dourado, com almofadas do mesmo estilo, as armas reais no espaldar, debaixo dum dossel de oiro recamado de oiro, galões e franjas em cachos também de oiro. Faça de conta, agora, que está na feira de ano de Ponte de Lima, com todos os alaridos, tons, e modilhos da grei portuguesa. De repente soaram as charamelas, trombetas e atabales tá-trá-tá, tratá, e tocata foi essa que se nos puseram os cabelos em pé e nos subiu o sangue nas veias. Calou-se tudo. Era o nosso rei que entrava na sala em traje imperial, carregado de oiro e brilhantes, belo como um arcanjo que é. Abriam marcha os arautos e passavantes, seguiam-se os reis de armas, vestidos a rigor com as suas cotas e uniformes, e os porteiros da cana com as suas maçãs de prata. Vinha depois o duque de Cadaval, condestável do Reino, de estoque empunhado às mãos ambas, rotundo e opado, um alma de cântaro que nos chama as mulas da província, e logo Sua Alteza, acaudatada pelo conde de Belmonte, camarista de semana, que servia de camareiro-mór. Seguiam-se o Marquês de Belas, guarda-mór de Sua Alteza, o marquês de Torres Novas, mordomo-mór com a cana, e o Conde de Redondo, meirinho-mór, com a vara, e mais altos dignitários da casa Real, todos muito tafuis e ufanos. Sua Alteza atravessou de chapéu na mão, mas firme e altivo, por entre as duas alas dos procuradores, e dirigiu-se ao trono. Que beleza de homem! Caramba, explico-me agora que as mulheres desmaiem de amor só de pôr-lhe os olhos em cima, sim, senhor! Quando se sentou, sentámo-nos todos consoante o lugar que estava destinado a cada um... No trono e degraus do trono tomaram assento os camaristas, o ministro e o secretário de Estado com a almofada dos selos à frente; à banda deles, o cardeal-patriarca e o duque de Lafões; depois, do lado direito, todos os prelados em sitial alcatifado de verde; do lado esquerdo, os marqueses em cadeiras rasas com almofadinhas de veludo carmesim; os condes em bancos cobertos de panos lavrados; os viscondes e barões na ponta. Finalmente, tinham disposto pela sala, em filas apertadas, bancos descobertos, dezanove de cada lado da coxia, para os procuradores, a começar pelos do Porto e Évora, e a acabar pelos de Goa e Eixo. Barcelos tinha assento no banco 14, ao lado de Panoias e de Ourém.

Albano de Carvalhais estava de olhos fitos, boca meio descerrada a rever mentalmente o pitoresco panorama da abertura e proposição das Cortes e reflec-

tia. Porque o castigava Deus tolhendo-o de representar o velho couto de Fraião? Uma lágrima comiserada borbulhava nos seus olhos vagos, fitos em abstracto, através da vidraça, no horizonte sem fundo, e tudo ele agora considerava punição divina. E, sentindo-se sob a garra duma fatalidade inexpiável, algemado ao catre da hospedaria, com a mágoa de não haver tomado parte no espectáculo esplêndido, essa lágrima furtiva entumescceu e rolou pela face até aos lábios onde se evaporou ao contacto do seu brasido. Mas o capitão-mor não dera conta e prosseguia :

— Tocaram as charamelas com o fôlego todo, e o rei de armas de Portugal avançou para o banco dos tonsurados e dobrou-se num grande salamaleque diante do Bispo de Viseu. Ergueu-se de lá este bispo, pimpante que nem o valete de oiros, Frei Fortunato de S. Boaventura. Apanhando as abas da capa como uma madama, trepou ao estrado real e, depois duma vénia a S. A., proferiu o discurso da proposição das Cortes que foi uma peça de estalo. Sim, senhor, chama-se um orador de cara! Tenho ainda nos ouvidos aquele rufo de tambor: **Uma voz unânime soa em todo o reino: que S. A. se apresse a subir ao trono de seus maiores... Não podia o Grande Príncipe desatender a voz da nação... Os Três Estados aqui convocados que declarem se é conforme às leis e espírito das leis fundamentais que se aplique na pessoa de S. A. o direito à sucessão do Trono da Monarquia Fidelíssima. Os Três Estados bradaram à uma erguendo a mão: Apoiado! Apoiado!**

— Também que haviam eles de dizer? — murmurou Carvalhais, novamente se utilizando da verdade crua como revindita contra a má sorte. — Não tinham vindo para outra coisa... E acabou ali?

— Falou ainda o procurador por Lisboa, um tal José Acúrsio das Neves, que deve ser um melro de bico amarelo. Fala pelos cotovelos e bem, mas o alma do diabo obrigou-nos a ouvi-lo de pé.

— De pé, é boa!

— Sim, senhor. O rei de armas de Portugal, depois que ele se ergueu para falar e mal se havia inclinado diante de S. A., ordenou em voz alta: **Levantem-se todos!** Assim se fez e logo o figurão rompeu no rataplan: **Sereníssimo Senhor.** Depois de tão longas peregrinações e por entre tantos perigos e trabalhos, a mão do Onnipotente conduziu a **Vossa Alteza Real**, desde as margens do Danúbio às do Tejo, para salvar o seu povo... **Aquela hidra que há cinco anos V. A. Real esmagou tem sido a origem e causa de todas nossas desgraças.** Mas ela fez-se morta, levantou de novo o colo... Ora, vai fixar-se o trono na base da verdadeira legitimidade: reunir toda a grande família portuguesa debaixo de um governo justo e fraternal; tranquilizar os bons, desenganar os iludidos, e arrancar das mãos pérfidas e incorregíveis o punhal que pretenderam cravar no coração da Pátria, para repartirem depois os seus ensanguentados despojos... **A Europa tem os olhos fixos sobre Portugal e não pode deixar de aplaudir a sábia e magnânima resolução que V. A. Real tomou de firmar o cetro português sobre as ruínas da Revolução...**

— Que pena eu tenho de lá não estar — gemia Albano de Carvalhais, rico homem, católico da velha guarda, azorrague dos pedreiros livres no seu plácido couto de Fraião, em doce e lamuriada cega-rega. — Que pena tenho!

O capitão-mór esquecera o motivo de affecto e caridade com que começara a descrever a cerimónia. Miguelista dos quatro costados, tomara calor e, enfiado ao vento da própria retórica, largara o pano todo.

— Ah, reizinho duma cana, que desta vez acabam de morte-macaca os inimigos do trono e do altar! Acabam que lho digo eu, primo! O Acúrsio cantou-lhas ali tesas. Algumas passagens valem o P.^e José Agostinho. Ouça esta: **De todas as partes se ouve um clamor geral contra os rebeldes, formam-se batalhões de voluntários, pedem-se armas, e os povos se levantam em massa e fazem uma montaria geral não só contra os rebeldes armados, mas contra todos aqueles que suspeitam de aderentes aos princípios da Seita. Desgraçados deles se não achassem amparo em S. A. Real e nas autoridades, a quem V. A. Real tem encarregado de manter a ordem pública! E que me diz da gaitada final: Firme-se V. A. Real nesse trono excelso e faça feliz a nação que o adora. Generoso Príncipe, sic itur ad astra!**

— Que maravilhosa memória que o primo tem! Até sabe latim...!

— Arranho, arranho. Algum proveito havia de tirar dos cascudos do Padre-Mestre.

— O primo, assim, chega a ministro...

— Não chego que me fazem guerra o Maciel de Viana e o visconde de Vila Nova de Cerveira.

— Deixe lá, atrás dos tempos, tempos vêm. Ah!... que altos lugares lhe não estão reservados!? E como rematou?...

— Como havia de rematar: Palmas e mais palmas, vítores por uma pá velha. «Viva o nosso Rei! Viva o absoluto! Viva o pai da pátria! Viva o arcanjo S. Miguel! Por outro lado, punhos no ar e urros: **Morram os constitucionais! Morram os cartistas! Morram os pedreiros livres!**

— Quem os mata?! São como o escalracho — murmurou Albano de Carvalhais. — Quando abrem as Cortes?

— A abertura das Cortes está marcada para quarta-feira, 25 do mês.

— Não chego lá! — soluçou Albano de Carvalhais. — Não chego!

Estava meio reclinado sobre as almofadas, as mãos estendidas sobre os lençóis, pálpebras descidas. O capitão de Barcelos não sabia que lhe havia de dizer. Tornou a abri-los, torceu os lábios exangues numa expressão de infinita mágoa, e ciciou umas frases que envolviam por certo todos os seus amores e desespero:

— E eu que tanto queria beijar a mão do nosso Príncipe!... Acabou-se! O meu abade do Cerdal, por alcunha o **Trinca-malhados**, e os tesos de Romarigães podem rezar-me por alma... Sinos da minha igreja, dobrai a finados!

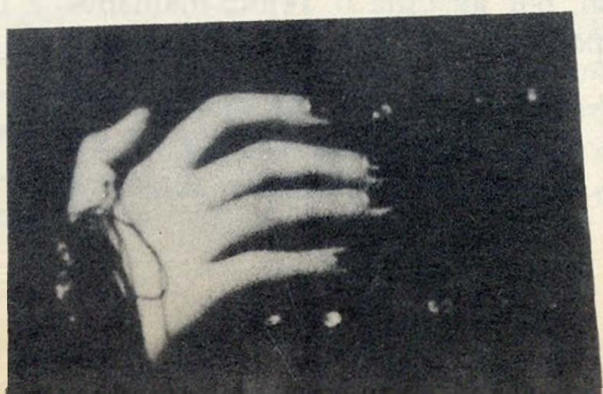
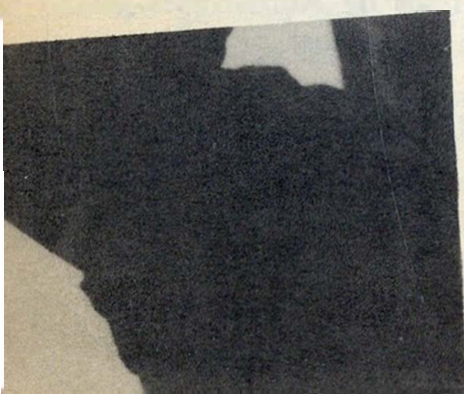
AQUILINO RIBEIRO



AMÁLIA RODRIGUES



33 rotações do lugar-comum





FOI para aí há doze anos. Xico Botelho, vagabundo militante e pintor de talento, que espargia a sua saudade lisboeta pelos salões da Barata Salgueiro, mais a contar histórias do mundo que conhecia do que a desenhar figuras nas aulas de ornato, começou um *crayon* de uma rapariga com xaile e olheiras de cilícios, de quem tomara apontamentos fugitivos durante deambulações marialvas por um Bairro Alto noctívago — mas já «fané» pela propaganda do nosso departamento da dita. Topara-a, disse na sua voz nasalada e cautelosa, numa casa de fados. À hora em que a noite tem um colapso e entra, decidida, a madrugada dos galos. Era uma mulher sem idade, de longos e belos cabelos, cansada do cansaço, que tinha uma popularidade familiar e caseira e que cantava uma Lisboa de que só os prédestinados têm conhecimento. Possuía uma invenção súbita do amor, uma truculência de moça de bairro, um jeito pagão de deusa de ritual negro. Punha as mãos em reza e suplicava afagos, abraços e ternuras indizíveis. Clamava, carpia, soltava preces e cânticos de uma liturgia ímpia. Xico Botelho desenhoulhe um busto muito belo, e Costa Pinheiro, hoje radicado em Munique e pintor, também, iniciou-se na nova religião, e fez um poema à rapariga que cantava fados:

*Os teus cabelos,
feitos de noite escura e pesadelos,
vão abarcar os mares
e pisar continentes,
beijar as pradarias*

*incendiar os lagos,
levantar tiras de pó, nos caminhos do
[mundo,
e fazer do silêncio um silêncio profundo.
Os teus cabelos,
feitos de noite escura e pesadelos,
vão para a sua aventura
cheios de estrelas e de sonhos belos.*

PINHEIRO tornava-se um gesticulante aliado do Xico Botelho, e, na sua pitoresca terminologia, afirmava que a rapariga tinha, sobre todas as outras, a vantagem mastodôntica de não cantar com voz ortopédica. Meteu o poema num sobrescrito, após um selo e, na sua caligrafia de maiúsculas, escreveu: PARA AMÁLIA RODRIGUES. Apenas isto.

FOMOS todos lá, numa noite de chuva que encetava um mês, fartos, portanto, de recursos esportulados ao pé-de-meia paterno. Pouca gente, que a fama da rapariga era coisa de cidade portuguesa. Filipe Pinto menos rugoso e mais afiambrado, e tremuras nas mãos fibrosas, apelava por silêncios, sobretudo quando Raul Neto Chaves, recém-vindo de fomes parisienses, elevava mais a voz, a recitar mal bons versos de Paul Eluard. Beberricávamos conhaque velho, na fartança de dinheiros tidos sem fadiga, quando espiámos, na mesa ao lado, um grupo selecto de cavalheiros e damas, que falava francês baixinho. Num homem rotundo e espesso reconhecemos António Ferro; e Neto Chaves, sempre atento, informou que um



outro era André Maurois, de quem vira o retrato, a coluna, no «Diário de Notícias» da manhã, preso às suas reminiscências de leitor quotidiano das páginas do *precisa-se*.

A rapariga era a que Xico Botelho desenhara e merecia bem o poema que Costa Pinheiro escrevera. Chorou mágoas e entou alegrias: Linhares Barbosa e Gabriel Marujo. Tinha toda uma corte de gente de bairro a apoiá-la na sua realidade secular. Nela, havia qualquer coisa de nós próprios: daquilo que queríamos ser e que, certamente, nunca chegaríamos a conquistar; a pureza inicial, a importância do aparentemente insignificante; não um bairro, não uma rua, mas dez bairros, mas mil ruas. Não era uma projecção literária, nem uma deformação de espírito. O litígio emocional era muito mais elementar e primário: era como que... era como que a gente ir beber copinhos de café com aguardente e canela à Ribeira, mordiscar petingas na beira-rio, ou cantar versos à-toa, sem complicações nem compromissos, pela cidade adormecida.

OS aplausos foram mais fortes e prolongados para Manuel dos Santos, para Quinita Gomes, para Frutuoso França, para Alice Magina. Com a sua miopia contundente, Raul Neto Chaves não percebeu o jeito que as coisas tomavam. Foi pela rapariga dos cabelos imensos e negros, que merecera um *crayon* do Botelho e um poema ao Pi-

nheiro. Foi ele e fomos nós todos. Batemos palmas, de pé, até as mãos corarem com a violência. Não era uma invenção nossa, mas era uma descoberta do grupo. «E então?», ciciou o Xico, no final, com a face besuntada de gozo infantil e um sorriso triste mas feliz na boca quase imperceptível.

EXTRAORDINÁRIA. Esta rapariga é um caso extraordinário. Como a Piaf. Melhor, até, do que a Piaf.

AS palavras eram de André Maurois, que estava ao lado, numa mesa selecta de cavalheiros e damas circunspectos.

FOI para aí há doze anos. Remetemos as frases à procedência original. E, naquela altura, ficámos com a certeza de que o projecto académico pela primeira vez na vida não tivera um desfalecimento de gosto.

AMÁLIA estava, pois, isolada dos grupos da aceitação colectiva. Na sua cidade interdita, como os judeus no «ghetto» de Varsóvia. Os brasonados falidos tinham a sua vedeta, de genealogia aristocrática também, e ignoravam, ostensivamente, a rapariga que nascera em Alcântara, vendera fruta nos cais, tivera as suas questões com a Polícia Marítima, e que cantava histórias de coisas que eles só conheciam por intermédio de Júlio César Machado e de Júlio de Castilho. O clã dos intelec-



tuais progressistas cá da terra, numa originalidade apressada, andavam todos preocupados com os camisolões de gola alta e os seus interesses avulsos pelo cosmopolitismo literário. O fado e a Amália eram coisas de traça decadente, talvez, mesmo, burguesas. E a rapariga dos cabelos imensos e negros, ignorada pela grei representativa, lá ia almejando um êxito clandestino, entre sortidas ao Luso e aparições de cera, em 78 rotações de discos convexos. Não era, ainda, um lugar-comum de bisonha apoteose lusa, nem tinha sido crismada internacionalmente por Bruno Coquatrix. E Filipe Pinto, puxando pela imagética, clamava nos jornais da tarde, em normando pago a 7\$50 a linha: AMÁLIA, A ALMA DO FADO. Ninguém dava por isso. Só meia dúzia de iniciados. E Xico Botelho desenhava outros carvões, onde aparecia uma mulher sem idade, com faces marcadas pelo medo, pelo temor e pela recordação de um passado que não era cativo.

A internacionalização *amalista* veio simultânea às lendas e aos boatos que circularam pelos «confidenciais» cá do sítio. Num país-cidade, onde todos se tratam por tu e o reinado de Pacheco é feudo aceite e assente, Amália em 33 rotações plásticas era acontecimento que superava a vulgar efeméride. Todos bramiram, de súbito, que a tinham conhecido e descoberto. Que haviam falado com ela, quando vendedora de laranjas; que tinham estado presentes na sua primeira «performance», num sarau organizado na Refinaria Colo-

nial; que tinham isto e que tinham aquilo. «Não sei porque te foste embora» converteu-se, num repente, num estandarte do tradicionalismo aristocrático dos «capotes brancos» pombalinos, e na ponta de lança do neo-realismo de trazer-por-casa. Era a vitória! Ela cortou os cabelos, desatou a falar línguas, a acamaradar com gente selecta. «*La gauche respectueuse*» estava de permeio com «*la droite melancolique*».

EM 1956, a voz metálica da apresentadora do Olympia, anunciava, numa noite de Abril: «*Accompagnée par Domingos Camarinha et Santos Moreira, voici la grande vedette portugais Amália Rodriguez*». O s final, por indecifráveis metamorfoses fonéticas, convertera-se num *z* andaluz. Amália de Lisboa, era Amália de Paris, de Madrid, de Londres, de Nova Iorque. Perdera o jeito alcantarense, o cansaço geográfico de ter nascido alfacinha. Monstro sagrado. A dividir a existência entre passaportes e vistos de saída e de entrada. Cocteau delirava, Xico Botelho rasgava todos os *crayons*. Malraux foi vê-la e ouvi-la; e Costa Pinheiro sentiu-se traído.

SEGUIMO-LA de longe. De vez em vez, presa ao fascínio de lembranças idas, a rapariga dos ex-cabelos longos e negros fazia incursões rápidas ao velho «Luso», já super-povoado por pessoal que tirava ilações filosóficas das letras que ela cantava. Nós, os do grupo da Barata Salgueiro, ficámos com a cera

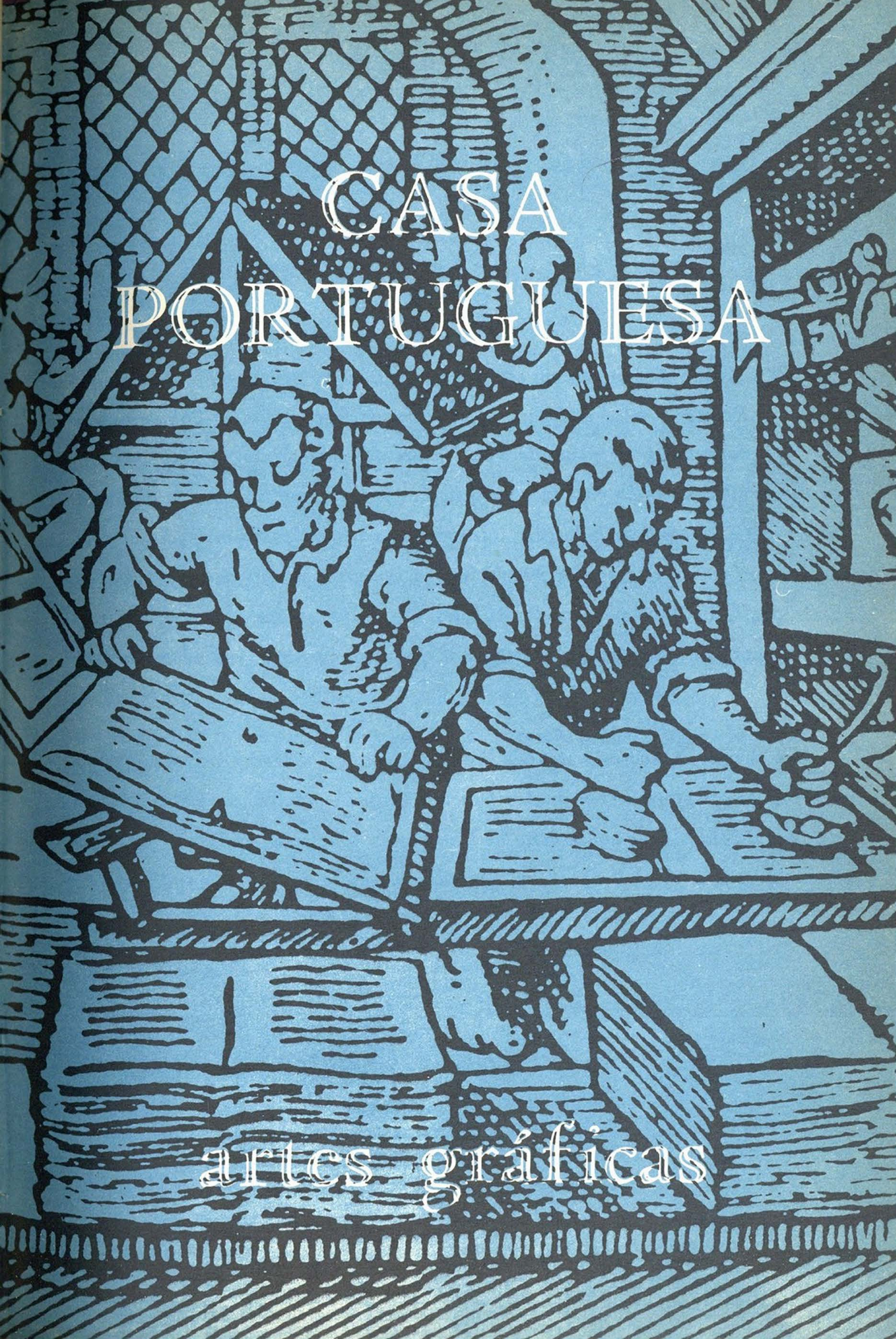
velha das 78 rotações convexas de fados que Amália já não cantava. Neto Chaves folheava todas as casas de penhores, num frenesi de quem procura algo que perdeu. Lá vinha com um disco ou outro e com a vaidade babosa de quem tinha descoberto o caminho marítimo para a Índia.

HÁ um par de anos, «O Século» mandou-me falar com Amália. Entrei no santuário da Rua de S. Bernardo, à porta do qual se enfileiravam carros compridos, espessos e de luxo gritante. Meio mundo num salão ornamentado com gosto equívoco. Placas com gravações para a posteridade, bustos de mármore da cantora ex-fadista e um óleo enorme, mau, a impor uma presença de Malta ou de Medina, não me recordo já qual. Sei bem, no entanto, que era um quadro que ficava nos antípodas dos esboços apressados mas justos do Xico Botelho. Este dera-lhe uma face de medo e de temor. Os outros tinham-na visto com um rosto vincado pela insónia e pela nevrose elegante. O ambiente era velado e opaco. Junto de largas janelas rectangulares um piano a implorar a misericórdia de alguém que soubesse palitar nas suas teclas. O piano foi vencido, porque ninguém sabia tocar. Eram adereços de exigência, «bibelots» minúsculos, porcelanas amontoadas, um outro busto, desta feita de bronze; mais além uma guitarra cromada e irreal, a um canto, um mosaico a blasonar de bizantino; depois, no centro do salão, uma «chaise» sem princípio nem fim, terra-sena e nova, onde se amontoava toda uma casta de gente esquisita, que falava numa linguagem intraduzível. O lugar-comum atingira o zénite mais aguçado e pertinente. Amá-

lia surgiu. Como por artes de Houdini, o mágico. Tinha um rosto azulado e rugas de mitologia de «broadcasting». Arrastava a voz e dizia-se extremamente fatigada. Todos corroboravam que sim. Afirmava que não cantaria naquela noite, porque perdera a voz. Todos diziam que sim. Declarava que estava decidida a voltar a Paris, que Lisboa estava uma chatice. E todos diziam que Lisboa estava uma chatice. Trauteou um fado antigo. E todos clamaram: «maravilhoso, menina». A menina disse que era horrível. Todos acrescentaram, alvoroçadamente, que era horrível. Na parede fronteira, à direita de quem entrava, Malta ou Medina também concordavam rapidamente. E os bustos. E os «bibelots». E os adereços. E os aristocratas. E os neo-realistas. Lugar-comum nacional, a Amália Rodriguez antiga rapariga de cabelos longos e negros. Que merecera carvões do Botelho e um poema do Costa Pinheiro. Que conseguira, por breve lapso, transformar o Raul Neto Chaves num lisboeta impenitente.

ACHEI-TE (perdão: achei-lhe) um jeito engraçado. Mas em tempos. Para aí há doze anos. Quando Maurois teve um súbito acesso de gosto e os outros, todos os outros, batiam palmas a outros. Quando a Amália era bem melhor e cantava bem melhor. Quando tinha uma face marcada pelo medo e pelo temor e não rugada pela insónia e pela nevrose. A Amália das 78 rotações caseiras, cá p'ra nós. As 33 rotações fizeram da rapariga dos cabelos longos e negros numa estopada do lugar-comum nacional. Se até se diz que ela, como o Benfica, é a melhor do Mundo!

MANUEL TRINDADE



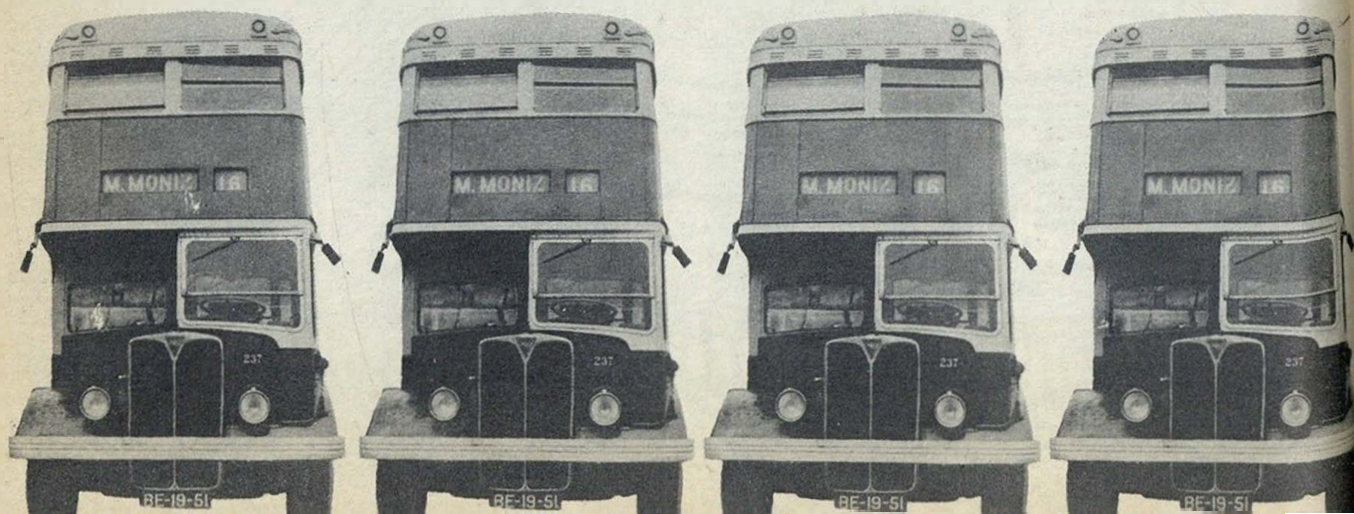
CASA
PORTUGUESA

artes gráficas

os transportes modernos:

UM máximo divisor comum está para a aritmética assim como um máximo Revisor comum está para os eléctricos de Lisboa, Porto, Coimbra e elevadores vários incluindo o de Nazaré. Máximo divisor e máximo revisor são a mais alta expressão para resolver fracções decimais ou fracções de distância. Um revisor está como símbolo para o transporte nacional como o círculo cortado está para o London Transports. No eléctrico o revisor é pontífice. Tem «ordês» e alicate que serve de «controle» dos bilhetes dos senhores passageiros e de arma branca para controlar as atitudes menos passivas dos mesmos senhores passageiros.

Um revisor é máximo quando insulta o comum cidadão, quando cospe e conversa na plataforma com muitos polícias. É ainda máximo porque representa o cúmulo da autoridade em matéria de transportes colectivos, incluindo nestes os novos carros funerários — todos em cromado e no estilo de telefonia ambulante —



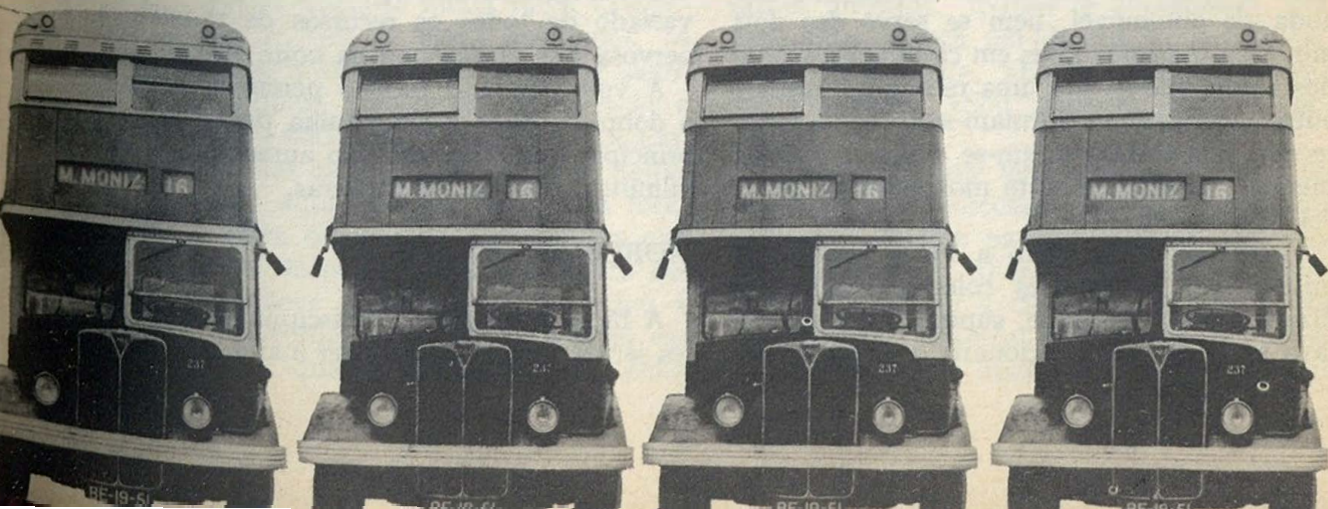
o máximo revisor comum

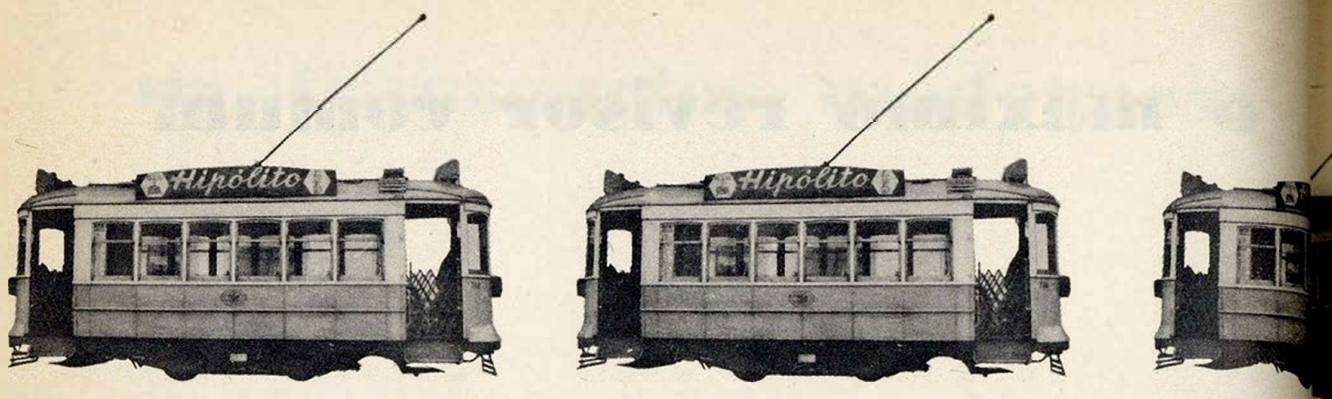
os quais são colectivos porque além de um morto servem a todo o respectivo parentesco que caiba lá dentro.

Sejamos claros, respeitáveis cavalheiros em trânsito nas cidades do nosso tempo: no Reino de Pacheco (e noutros) transportar-se significa pagar; pagar significa bilhete; bilhete traz a dolorosa associação de ideias de um Revisor de alicate, ditador provisório da arca de Noé.

Há quem diga que os «chauffeurs» de taxi não tem nada de semelhante com o Revisor mas é falso. Falso e com todas as letras. Os «chauffeurs» de praça são vítimas da mais tenebrosa simbiose do século: metade deles faz de condutor, outra metade faz de revisor que cobra a importância da bandeirada.

Por essa razão, é que a caridade pública, comovida com tão estranha simbiose, lhes dá gorgeta. Mas são Revisores como quaisquer outros ... só com a diferença que, em vez do alicate dos empregados da carris, usam o taxímetro e modos de rufia argentino.





DEVAGAR SE ANDA SENTADO

Da escova de dentes, da mulher e da caneta, lá diz o ditado, só nós nos devemos servir, seja por egoísmo, para defesa e conservação da propriedade individual ou, simplesmente, por higiene. O resto somos obrigados a partilhá-lo. Porém, se tolerar que o vizinho deite o rabo do olho sôfrego para o nosso jornal é coisa de pouca importância e não traz complicações graves, o mesmo não se passa com o uso em comum dos autocarros e eléctricos, em que todos os dias nos envolvemos, sem poder invocar nenhuns direitos especiais de precedência. O assento de couro verde ou de palha amarela é, pois, o lugar comum da cidade, da cidade que não anda de automóvel, nem se serve dos dois mil e quatrocentos táxis em circulação. Como nos hotéis que só têm uma retrete por andar, outro lugar comum, formam-se bichas e acontecem catástrofes; criam-se ódios e constituem-se famílias durante momentos de terrível expectativa.

Pascal foi o primeiro a ter a lembrança mística dos transportes colectivos urbanos; dizemos mística porque, supomos, ele acreditava em que tudo funcionaria sem paragens,

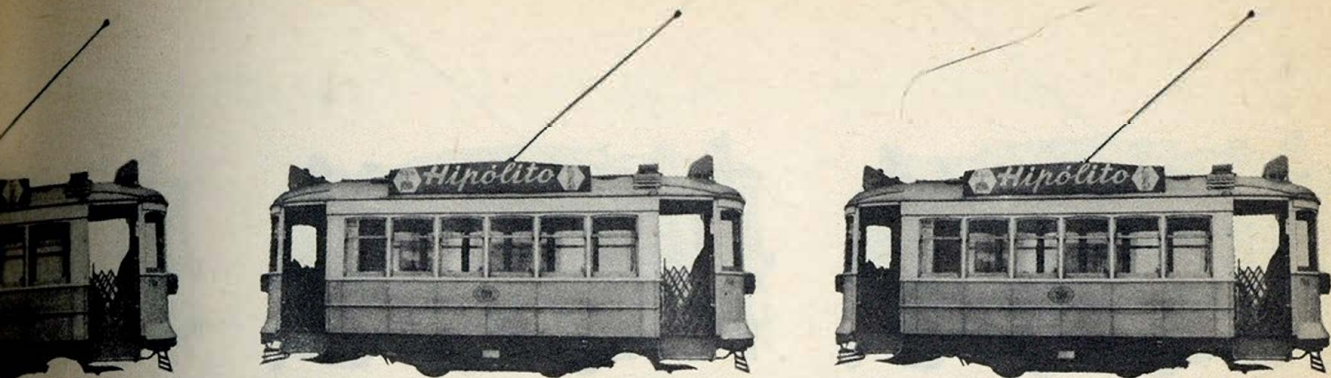
cachos e lotações esgotadas. E, desde a ca-leche ao «chora», do «americano» ao metropolitano, passando pelos graus intermédios de desenvolvimento do autocarro, simples ou com dois pisos, do eléctrico, simples ou atrelado, e do táxi, sempre simples, essa pequena ideia teve consequências desastrosas, como seria de prever.

Hoje sucede a qualquer cidadão ver-se coagido a esperar, logo de manhã, cinco minutos por um autocarro que vem cheio, dez por um que tem lugar, e gastar mais vinte até ao emprego, com paragens pelo meio, complicações e engarrafamentos. Portanto, quando se senta à mesa para trabalhar, já o lisboeta perdeu trinta e cinco minutos de vida e já está completamente esgotado, derrotado, esvasiado de todos os recursos de resistência nervosa que armazenou na noite anterior.

À volta, para o mesmo percurso, gastará o dobro, porque a companhia partiu do são princípio que o tráfego não aumentaria e diminuiu o número de carreiras.

NOBLESSE OBLIGE

A bicha é enorme e indisciplinada; senhores sérios, incapazes de fazer mal a uma mos-



ca, atropelam mulheres, espezinham crianças, insinuam-se, deslizam e acotovelam, lançados à conquista dos primeiros lugares da fila. E, quando o almejado autocarro chega com três lugares vagos, os quarenta futuros e esperançados viajantes lançam-se no exercício demagógico de tentar convencer o condutor de que foram os primeiros a chegar. Ouvem-se palavras espantosas, diatribes tremendas, confissões de estarrecer. A mãe que clama: «Que vai ser deles sem mim», o marido ciumento: «Eu aqui e a minha mulher por aí», a esposa respeitadora e submissa: «Meu Deus, que irá pensar o João». Espalha-se uma espécie de angústia, misturada com furor. Os trinta e seis passageiros que ficam em terra unem-se numa raiva exasperada contra os que já estão instalados, os que entraram, a companhia, a «turba saxónica», o condutor, a falta de consideração e as instituições nacionais. O país é caluniado, posto pelas ruas da amargura. «Coisas destas só se passam aqui, só aqui, aqui... lá fora, lá fora é outra coisa», diz o cavalheiro que em anéis no dedo mínimo e faz quatro décadas que esteve em Paris, onde andou à vontade. Entretanto, para os três lugares vagos, entraram quatro pessoas e duas delas

estão em litígio. «Cheguei primeiro! primeiro!! primeiro!!!!, digo-lhe eu e não admito... (expressão carregada de ameaças)». «Estou à espera vai para uma hora e meia e não estou disposto a sair, ouviu», replica o outro. Trocam-se adjetivos: descarado, malcriado, ordinário, abusador. A família do mais novo é àsperamente censurada: «Foi esta a educação que lhe deram em casa? Foi?». Ainda em matéria de educação, ataca-se e intrepela-se o Estado: «É isto que lhe ensinam na escola? É?». Ou «Para que é que esta gente anda nos estudos?» ou, melhor, «Andam na escola e são piores que os outros». Os atropelos que cada litigante sofreu e não quer que se repitam sobem à liça, assim como as razões práticas, morais e metafísicas que cada qual invoca em defesa da sua causa: «Sou aleijadinho», «Estou doente», «Podia ser seu pai!», «Sou mulher» e assim por diante.

Contudo, os que têm lugar garantido pretendem que o autocarro prossiga e, perante a disputa, tomam partido, prestam testemunho, comentam, altercam ou incitam, intimam, o condutor a chamar a Polícia. «Não há direito», «Parece impossível», «Veja-se lá». O espanto é imenso e o espectador re-



cura-se a acreditar no que os seus olhos vêem, belisca-se para acordar do pesadêlo, mas sem êxito. Na área houve um engarrafamento e em cada paragem se repetirá a cena.

Um cidadão perde assim, em média, por dia, duas horas tentando viajar de autocarro. Ao fim do mês perdeu sessenta e, por ano, setecentas e vinte horas, ou seja, trinta dias de vinte e quatro horas, um mês. Numa vida média de setenta e dois anos, perdeu setenta e dois meses ou, reduzindo a anos, seis anos. Se multiplicarmos estes seis anos pelo número de indivíduos que num ano viajam de autocarro teremos seis milhões e oitocentos mil anos perdidos no serviço urbano de autocarros.

Há em Lisboa, cinquenta e duas carreiras de autocarros, servidas por cento e trinta veículos de um piso e cento e cinquenta dois de dois pisos, e, no entanto, nem por isso as coisas correm melhor. Das duas, uma: ou há passageiros a mais para os veículos, ou há veículos a menos para os passageiros. Por outro lado, se o trânsito como está já torna impraticável a caminhada na cidade, se o número de autocarros triplicasse, como seria necessário, ninguém se poderia mexer. O

Largo do Rato as oito e meia que sirva de exemplo.

Foi pensando nisso, que se construiu o Metropolitano, para, pelo dobro do preço, fazer circular os trezentos milhões de infelizes que anualmente se serviam das trinta e oito carreiras de eléctricos em metade da distância e, assim, desimpedir a superfície. Contudo, por estranho que pareça, o trajecto do Metropolitano é afastado dos principais bairros habitacionais e todos continuam a preferir os autocarros e a chorar sobre a memória dos eléctricos.

Chegámos portanto à situação de ver o Metropolitano às moscas, os autocarros cheios e cartas nos jornais com protestos magoados e desesperados.

Nada resta a fazer e o melhor de tudo, para quem pode, é ainda ficar em casa. Porque a grande aventura dos tempos está começando a ser ir à Baixa antes das quatro da madrugada. O que é a decadência da raça dos Gamas!

ELÉCTRICO A PATACO

Houve, porém, um tempo em que Teófilo Braga viajou democráticamente de eléctrico;



o rei já não enviava naus ao Oriente a desbravar o mar tenebroso, mas o Presidente da República aventurava-se a descer a não menos tenebrosa Avenida Almirante Reis, como um vulgar cidadão. Hoje, até isso se perdeu, qualquer contínuo do Ministério das Finanças possui automóvel comprado a prestações, o que é, na verdade, grave. Não porque a democratização do automóvel não mereça os maiores louvores, mas porque a desdemocratização dos transportes colectivos merece os mais tristes lamentos.

A psicose do carro atingiu aspectos monstruosos e inacreditáveis; ao carro sacrifica-se tudo, o filho e a telefonia, o fato e o livro: ter um carro tornou-se uma espécie de carta de nobreza, uma das várias distinções entre gentis-homens e servos da gleba desta nossa sociedade contemporânea. Ainda que, segundo as estatísticas, oitenta por cento dos veículos estejam por pagar, ou por isso mesmo, o automóvel, como os filhos de Noé multiplicou-se assustadoramente. Filas e filas ao longo dos passeios, nos parques de estacionamento e nas ruas entopem o trânsito e obstruem a cidade, de tal modo que para o próprio automobilista o grande problema é encontrar lugar para deixar o carro:

ou o deixa a quinhentos metros, na melhor das hipóteses, do sítio aonde ele mesmo se destina ou então, se não quiser sujeitar-se, serve-se do táxi e larga na garagem o outro incómodo impecilho.

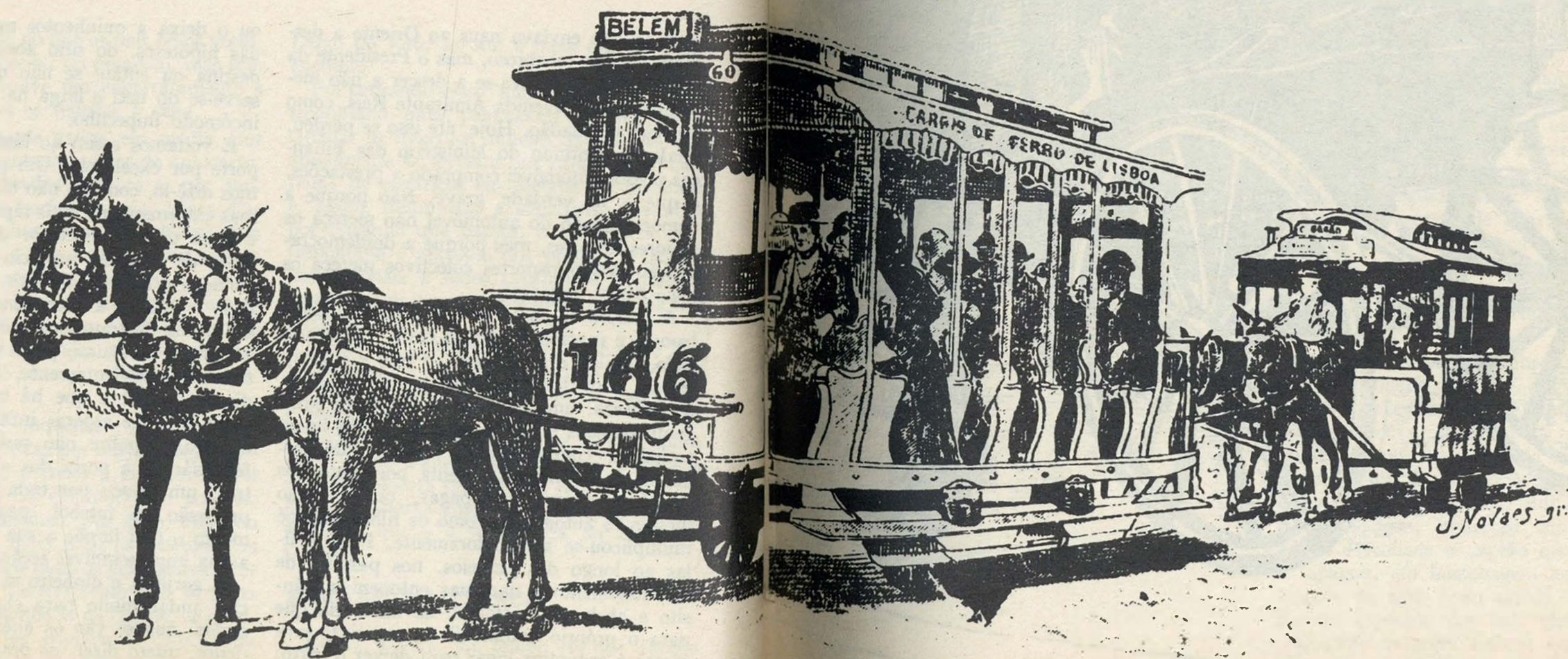
E voltamos assim ao táxi, meio de transporte por excelência. Um pouco caro, devemos dizê-lo, contudo não tanto como lá fora, mas extremamente mais rápido, mais cómodo e mais prático. Sucessor da sege e da caleche de aluguer, propício a namorados, a bêbados e a senhoras com malas ou embrulhos, o táxi é a providência acarinhadora, em forma de transporte comum. À noitinha, ao voltar da Baixa, pelas sete horas, o motorista passa lentamente, acariciadoramente diante do pobre que há três horas suporta maus tratos e esperas inúteis, tentando-o e, é claro, o pobre não resiste. Nas estações ferroviárias, à porta dos cinemas e dos teatros, um pouco por toda a parte, desde a procissão ao futebol, passando pelo casamento o táxi impõe a sua presença e exerce a sua imprescindível acção social.

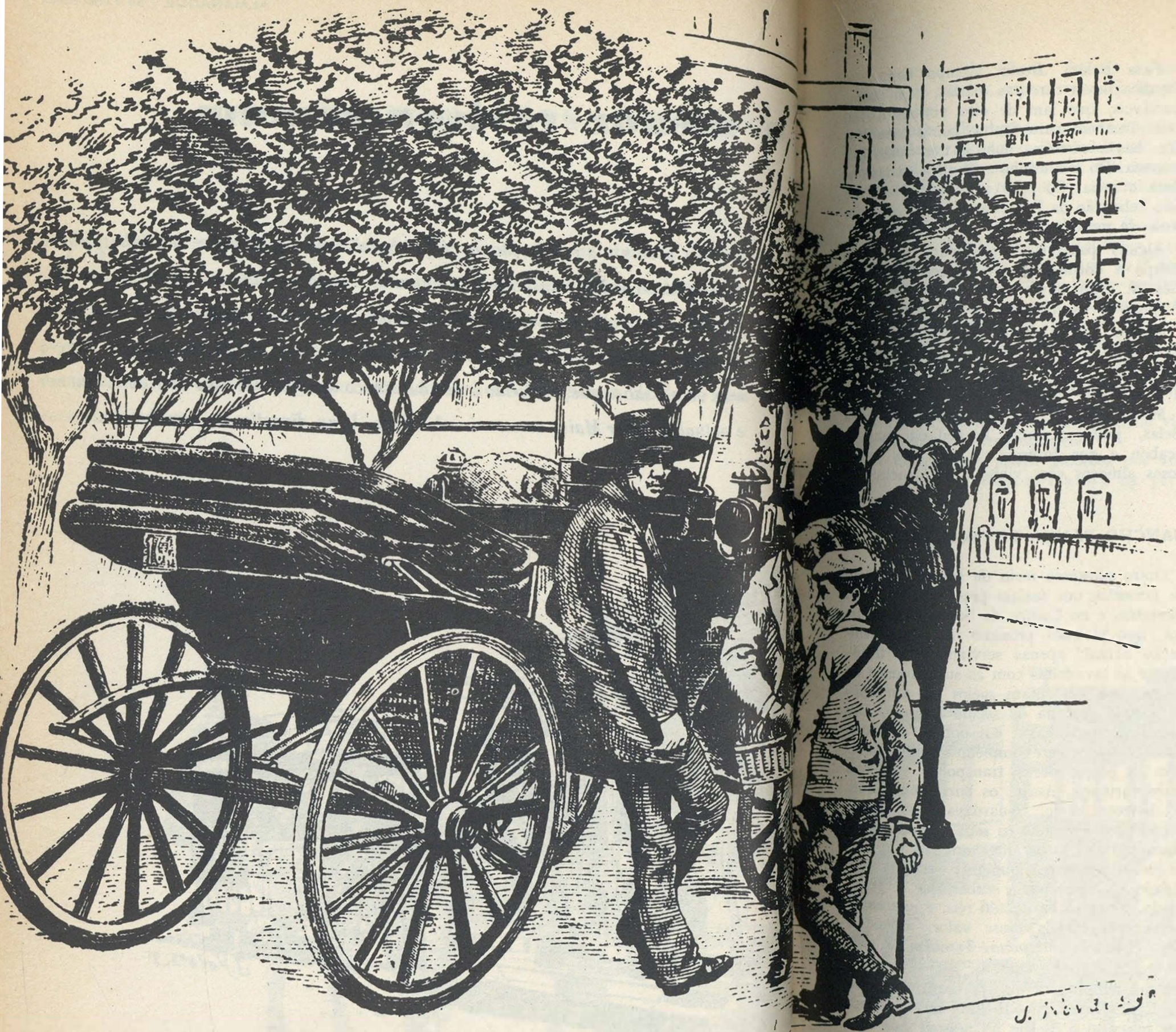
E gorjetas e dinheiro são o menos, é preciso andar muito para chegar aos vinte escudos, que se vão os anéis, mas fiquem os dedos, quero dizer, os pés.

os transportes antigos: o menor revisor comum

DATA dos tempos da pré-história do Reino de Pacheco a existência de revisores — sujeitos que, tal como os da Carris — cobravam os bilhetes da «americano» ou das burricadas. Claro que estes Revisores são menores porque andavam ainda a menor velocidade do que os de hoje — facto que tem suscitado a maior dúvida dos peritos internacionais em transportes, desde as mais remotas idades.

Eis portanto a explicação de certo tom alvoroçado do autor das linhas que se seguem acerca dos transportes de antanho. Perdoemos-lhe o entusiasmo com que fala do metropolitano, dos carros eléctricos e outras descobertas atómicas de igual sensação. «Almanaque» teve a boa-fé e a independência de as publicar na íntegra mas veio a saber que o referido autor é Pacheco de segunda, filho de Revisor menor e actual Revisor Maior na carreira de Algés. Uma dinastia em movimento...





GLÓRIAS E PAPEIS VELHOS

O lisboeta feliz que hoje, graças ao serviço do Metropolitano se pode deslocar da Praça dos Restauradores ao Campo Pequeno em oito minutos, não pode calcular, a não ser pela leitura, o que era a morosidade dos transportes no século passado.

Nesta época dinâmica, o passageiro irrita-se quando o obrigam a esperar dez minutos ou mais, pelo ambicionado transporte.

Mas, recuemos à pitoresca Lisboa de 1860, quando ainda no que hoje é quase o centro da cidade, nesse tempo eram extensas charnecas, quintas de pouco rendimento e pequenas hortas que os habitantes cultivavam a primor.

Era o tempo das seges que assentavam sobre grossas correias, parecendo, por vezes, aos passageiros que nelas viajavam, irem em incómodos baloiços: Eram puxadas por um só cavalo, em que ia montado o boleiro, de «niza azul e bota alta», como muito bem o descreveu Júlio Dantas. Um grossas meias de lã, um grande chapéu alto, numa das mãos a rédea e na outra o inseparável chicote.

As seges de aluguer tinham um número marcado na madeira da caixa do eixo. Para entrar ou sair do ronco meio de transporte, era uma tragédia. Primeiro apeava-se o boleiro, depois corria as duas cortinas de coiro, em seguida abria uma espécie de alçapão que servia de guarda-lama, tirava de uma caixa uma tranca que metia entre os varais se a sege era puxada a dois cavalos e então estendia a mão ao passageiro que sofria todas estas torturas, actualmente inconcebíveis.

É desse tempo o célebre Feliciano das Seges, partidário do sr. D. Miguel, que tinha à porta do extinto Café Central três seges por sua conta. Os boleiros recebiam um tanto de comissão por cada serviço. A sua popularidade foi tal que nas paredes da *Cova Funda*, uma adega muito frequentada pelo Feliciano, apareceu um dia a sua figura desenhada a carvão que nunca mais se apagou, em homenagem ao permanente freguês da casa e ao artista que, segundo parece, executou um belo trabalho.

Quando as seges tinham quatro rodas e uma larga almofada, onde se sentava o

cocheiro, já a sege tinha o nome de *traquitana*.

Nas traquitanas, os boémios do tempo voavam até às tavolagens de Sintra, sòzinhos ou bem acompanhados pela afamada Eugénia, uma *croquese* de *coeurs* que morava no Passeio Público e que chegou a ter sege aturada. Morreu miseravelmente, perdidas todas as amizades que só existem enquanto a mocidade dura, nos arredores de Benfica.

Foi a época brilhante do *Timpanas*, que fazia paragem obrigatória na Porcalhota ou no Cacém, junto de alguma porta amiga onde o clássico ramo de louro anunciava o apetitoso sumo da uva.

Por lá passou também, muitas vezes, o *Meca*, boleiro pimpão que morreu contínuo na Câmara dos Pares.

O «WESTERN» SEM COMPLICAÇÕES

Na descrição das *traquitanas*, demorámos mais um pouco porque a cidade, habituada aos luxuosos automóveis de agora e às suas trepidantes velocidades, não supõe o pitoresco que dava à velha Lisboa, o rodar incessante dessas *tipóias* primitivas, com as patas dos cavalos oferecendo um ruído especial e inconfundível.

As portas da cidade tinham os seus limites em Alcântara, São Sebastião da Pedreira, Picoas, Arco do Cego, Arroios e Santa Apolónia. Para viajar em comum, existiram os chamados *ónibus*, uns horríveis veículos onde os passageiros iam sempre empilhados. Nesse campo não temos progredido muito. À hora dos almoços e da saída dos empregos, os actuais carros eléctricos que hoje começam a estar na sua agonia, transportam, com mais ou menos calma, verdadeiros cachos humanos.

Havia *ónibus* de 16 a 24 lugares na parte interior e 4 a 8 lugares em cima, nas almoçadas. Calcule-se o que isto seria! Os cocheiros usavam grandes capas de oleado e chapéus desabados, também de oleado.

Conforme a distância do percurso, estes horríveis carroções eram puxados por duas, três e até quatro parelhas. Saíam da Praça do Pelourinho onde a companhia tinha a sede.

Para Belém, Beato, Campo Grande e Benfica havia carreiras diárias, com preços variáveis, que iam de oito vintens a 960 réis. Também para Sintra, como para Mafra, havia carreiras duas e três vezes por semana. Do Pelourinho a Benfica gastava-se hora e meia. Só para subir a Calçada de São Sebastião da Pedreira as mulas levavam mais de meia hora!

Alguns passageiros passavam parte do tempo a dormir, cheios da necessária paciência. Não havia outro meio acessível. Alegrem-se os lisboetas de hoje!

Sabem quanto tempo levava um destes *ónibus* do Largo do Pelourinho a Mafra? Sete horas! Era a viagem mais cara, pela qual se cobravam os tais 960 réis.

Mas havia uma paragem obrigatória em Belas, junto de uma hospedaria que já acabou e que fornecia, a 480 réis, saborosos almoços com vinho e café incluídos.

SANCHO PANÇA ENTRONIZADO

Outro pitoresco meio de transporte eram os jumentos que faziam praça na Praça do Borratém e no Campo de Santana. Os burros, que já mais próximo da *avant*-civilização actual, apenas serviam para transportar as lavadeiras com as suas trouxas de roupa, também foram meios de condução na Lisboa parrana do século passado. Um garoto acompanhava os pobres animais, zurzindo-os às vezes impiedosamente. Também os preços destes transportes equestres eram variáveis. Assim, os burriqueiros que, de barrete saloio, aguardavam os passageiros para alugarem os seus animais, recebiam 480 réis se os alugavam por um dia, ou dois tostões por qualquer serviço combinado. É conveniente saber que a insistência, nesta verba de 480 réis, é que então havia uma moeda desse valor, a que o povo chamava um *pinto*. Também se chamava um *cruzado novo*.

Bons tempos em que partiam, da porta do Café Nicola, no Rossio, uns caleches que levavam a Belém as pessoas que iam ali tomar banhos de mar!

Ainda no processo da tracção animal, Lisboa viu, no fim do século passado, o

curioso carro do Chora, puxado a uma parrelha de cavalos, com carreiras a dez réis e a vintém.

A cidade achou graça ao novo meio de transporte e adoptou-o imediatamente. Do Intendente ao Rossio, por dez réis, era, na verdade, barato e poupava-se a caminhada da Rua da Palma.

O Dr. Teófilo Braga, que mais tarde foi o primeiro Presidente da República, era frequentador assíduo dos carros do *Chora* e há fotografias em que o ilustre escritor, com o seu inseparável guarda-chuva, se vê instalado em um desses modestos veículos. Até que em 1874 apareceram os chamados carros americanos, já mais apresentáveis. O progresso, embora sem a vertigem de agora, começava a aparecer.

E com a descoberta da electricidade vieram os actuais carros eléctricos.

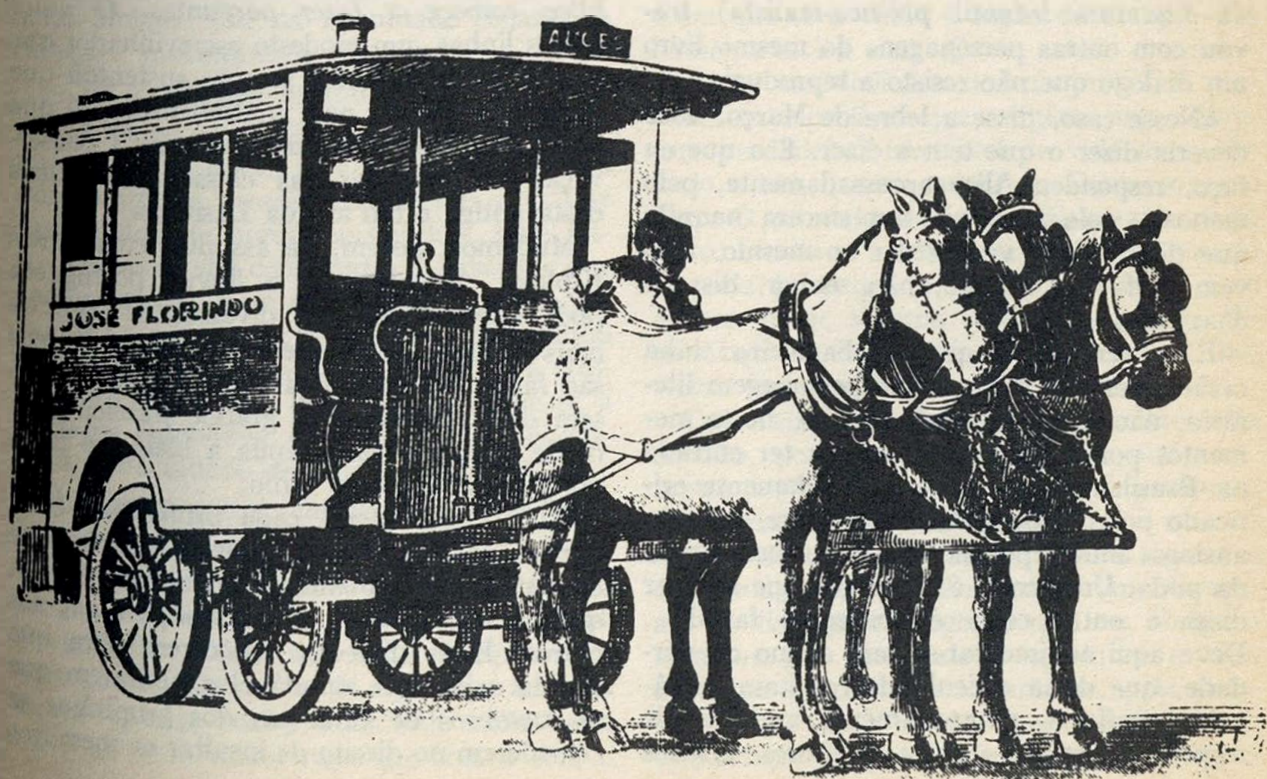
Os carros, sem serem puxados por animais, causaram desconfiança na parte

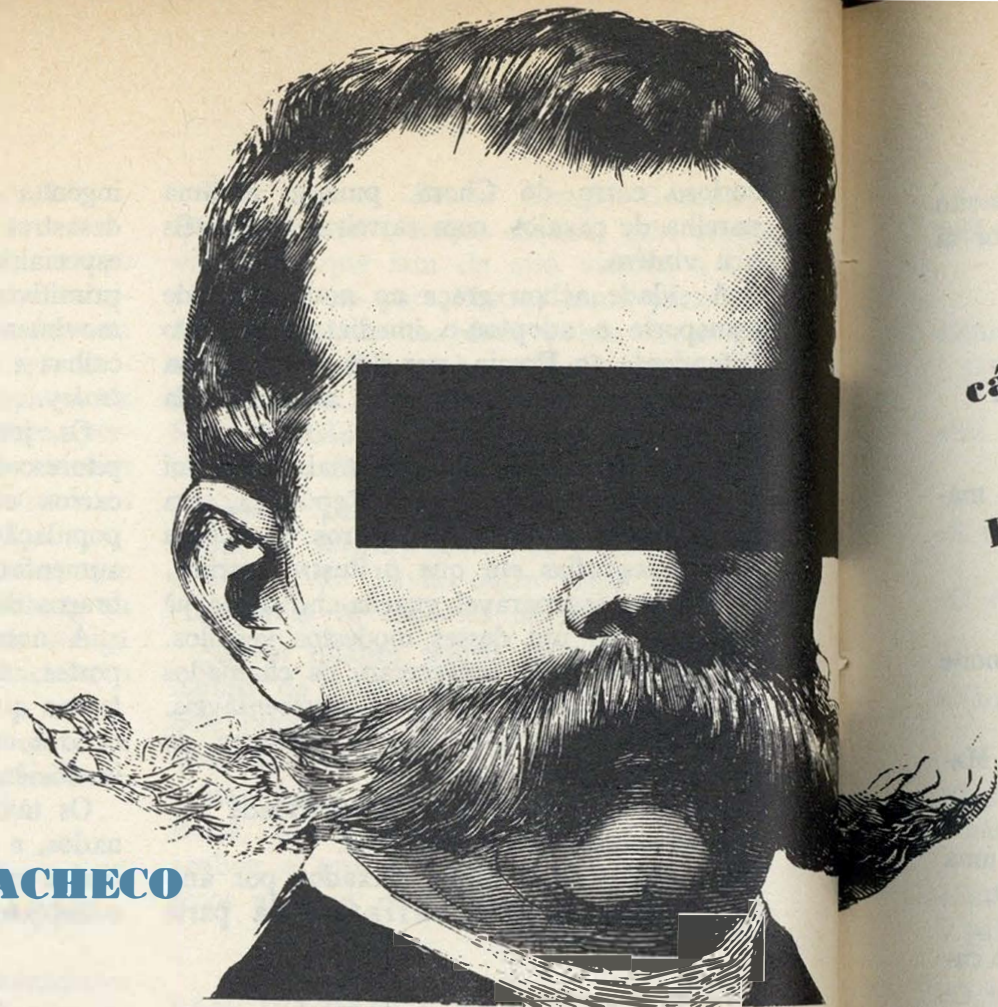
ingénua dos alfacinhas. Profetizaram-se desastres que nunca se deram. As velhas, especialmente, habituadas aos transportes primitivos, benziam-se ao ver os carros movimentando-se sòzinhos, deslizando pelas calhas e seguros à corrente por um simples *trolley*...

Os jornais do tempo contam episódios pitorescos a este respeito. Claro que os carros eléctricos foram um bem para a população de uma cidade que cada vez ia aumentando mais, trazendo para Lisboa os braços da província onde tanta falta fazem.

A nossa ronda pelo passado dos transportes, termina aqui. O milhão de habitantes que hoje tem a nossa capital, é forçado a espalhar-se pelos arredores devido à insuficiência de habitações.

Os táxis, para os mais apressados e aboados, e os autocarros trambulando diariamente milhares de passageiros, dão a Lisboa o aspecto animado de uma urbe moderna.





NO REINO DE PACHECO

Estimados leitores:

A Alice, a maravilhosa Alice do País das Maravilhas (que me desculpem os meus leitores com pretensões intelectuais a ousadia de considerar maravilhosa esta personagem da literatura infantil pré-neo-realista) travou com outras personagens do mesmo livro um diálogo que não resisto a reproduzir.

«Nesse caso, disse a lebre de Março, você deveria dizer o que tem a dizer. É o que eu faço, respondeu Alice apressadamente, pelo menos... pelo menos... sou sincera naquilo que digo, o que vem a dar ao mesmo. Não vem a dar ao mesmo, não senhor, disse o chapeleiro.»

E a verdade é que o chapeleiro tinha razão, muito embora, como personagem literária, não mereça grande crédito, neste momento, por o seu criador nunca ter entrado na Brasileira nem ter sido devidamente criticado pelos críticos da nossa praça, que tão ansiosos andam por mostrar que sabem muito da poda. Uma coisa é dizer-se o que se quer dizer e outra coisa é conseguir fazê-lo... Deve aqui acrescentar-se, em abono da verdade, que desta dificuldade resultam inegáveis benefícios, nomeadamente no que diz respeito às relações entre escritores, críticos

e leitores já que em muitos casos e actualmente, nem os escritores conseguem dizer o que querem (Graças a Deus!) nem os críticos os compreendem, nem os leitores entendem qualquer deles. E daqui a nossa glória, que persistirá até ao dia em que o público comece a fazer perguntas. O autor destas linhas, um modesto escrevinhador que toda a gente entende, sempre sustentou que se deveria pugnar pelo analfabetismo, já que este é condição *sine qua non* para a conservação do prestígio das classes intelectuais desta antiga e tão amada Lusitânia.

Mudemos, porém, de assunto, como disse Kipling. Actualmente, a língua portuguesa pode subdividir-se em diversos dialectos mais ou menos compreensíveis, cujas origens são fáceis de determinar muito embora passem despercebidas do grande público que, desde que não compreenda a ideia, se julga obrigado a elogiar o estilo.

Cada classe social, cada profissão e cada partido político tem um dialecto especial que os outros não entendem e que serve para que os seus cultores se reconheçam uns aos outros. Estes dialectos concorrem para que a vida seja mais agradável e permitem que os membros de cada um dos grupinhos se considerem no direito de insultar os membros

cábula

para o Pacheco próprio

em lugares de circunstância

ou breve dicionário

das ideias comuns

dos outros grupinhos. (Que se não aflijam os defensores da unidade nacional: se não fosse a diferença da linguagem, seria outra coisa qualquer). Alguém viu um velho que fora à Faculdade de Letras buscar a filha e que assistira a uma discussão entre esta e umas amigas, sair da Faculdade coçando a cabeça e murmurando baixinho:

— Vá lá alguém entendê-los...

Não sei se este velho existiu ou se foi inventado por mim. Aliás pouca diferença existe entre as pessoas verdadeiras e as que eu invento, até porque as minhas, bem vistas as coisas, são construídas à base das que andam na rua. Seja como for este pobre velho não compreendia a verdade fundamental explicativa de toda a gente que deixou crescer pera e que usa *duffle coat*: é que se a gente os entendesse estoirava a rir! (E acabava a Faculdade de Letras do Chiado).

Mudemos, porém, de assunto, como disse Kipling.

Saber ou não saber o que as pessoas pretendem dizer leva, portanto, ao mesmo resultado. Mais útil seria comprar um livrinho de poemas e dirigi-los ao lado duma rapariga bonita. Mais útil, ainda, seria estar ao lado duma rapariga bonita sem o

livrinho de poemas, mas isso, bem o sabemos, não é para toda a gente. (Requer qualidades pessoais...) É precisamente por a tarefa ser inútil que o autor destas linhas lhe meteu ombros com denodo e entusiasmo. O resultado duma época em que todos são úteis e em que só o «útil» é digno da atenção dos homens, está à vista. Quem sabe o que sucederia se nos dedicássemos ao inútil? É perfeitamente possível que surgisse uma literatura verdadeira, um nível de vida mais elevado e até, (quem sabe?) a Ponte sobre o Tejo. O autor destas linhas não garante nada disto. Limita-se a admitir a hipótese, baseado naquela frase que o Sherlock Holmes disse ao seu amigo Watson: «when, you have eliminated the impossible, what remains, however improbable, must be the truth».

Comecemos, portanto, já que tomamos esta decisão, por interpretar as frases mais correntes dos diversos dialectos contemporâneos. Infelizmente os meus leitores, se é que os tenho, são pessoas eminentemente lógicas e ordenadas que me não permitiriam divagar até ao fim deste artigo, o que me obriga a começar por um dialecto qualquer e não, como eu desejaria ardentemente, pela palavra «Fim» que, dando aqui por finalizado este artigo, me permitiria ir já para a cama.

Começo, portanto, pelo dialecto de toda a gente, aquele que os meus leitores certamente desejariam que fosse o mais «divertido» mas

que — sou obrigado a dizê-lo — é muito menos divertido do que outros que, por aí abundam.

ALGUMAS FRASES QUE TODOS UTILIZAMOS

- «Só queria ter tempo para ir...».
- «Li e fez-me pensar...».
- «Passei ontem o dia a tentar comunicar contigo mas não te apanhei...».
- «Já resolveste o que levas vestido ao baile do Manuel?».
- «Quero que venhas jantar a minha casa na sexta-feira».
- «Espero que gostes de perdizes...é o que temos...».
- «Tens de desculpar o jantar, mas é o dia de saída da criada...».
- «Quem quiser beber sirva-se...».
- «Sim... deixa ver... sim...».
- «Desde que apareceram as sopas de pacote nunca mais quis outras...».
- «Disseram-me que...».
- «Está a fazer-se tarde».
- «Isto que te estou a dizer, dizia-lho a ele...».
- «Punhamos as cartas na mesa».
- «A vida está para ti...».

O QUE AS FRASES QUEREM DIZER

- «Tenho tempo mas não estou para maçadas».
- «Li mas não percebi nada».
- «Já sei que tu sabes que dei ontem à noite uma festa e que não te convidei».
- «Foste convidada para o baile do Manuel?».
- «Disseram-me que na sexta-feira dás uma festa e quero saber se me convidas».
- «Quero que repares nelas porque estão caríssimas...».
- «Tinha-me esquecido que vinhas cá hoje e não mandei fazer nada de especial».
- «Tenho pouco whisky e, assim talvez façam cerimónia...».
- «Não».
- «Não havia a Maria de entornar a canja!».
- «Ando a espalhar que...».
- «Isto está morto».
- «Dir-lhe-ia o contrário...».
- «Continuemos a dizer o que estávamos a dizer mas, agora, com grandes manifestações de sinceridade».
- «Vou-me embora antes que ele me peça dinheiro emprestado».

E pronto, estimados leitores. Não voltaremos a este dialecto. Passamos já tratar de outro, o dos chamados intellectuais de segunda ou intellectuais aparentes. Todos os conhecemos e, por isso mesmo, não é necessário explicar quem são.

ALGUMAS FRASES UTILIZADAS PELAS PESSOAS COM «CHEIRINHO A INTELLECTUAL»

- «Muito interessante... muito interessante...».
- «Saí antes do final...».
- «É um livro básico... básico...».
- «O cinema americano? Péssimo».
- «Não digas isso... não digas isso...».
- «Gostaste? Pois eu achei que era reaccionário...».
- «Estávamos a dizer a mesma coisa por palavras diferentes».
- «O tipo é curioso, mas...».
- «Achei muito superficial, muito superficial...».
- «Tenho o meu livro pronto mas não sei a quem o hei-de entregar...».
- «Não é para todos... profundo demais...».
- «Quê? Mas leste a tradução? Devias ter lido o original...».
- «Sou formado em Germânicas».

Poderíamos citar mais frases mas não o fazemos por amor à vida. Já estamos, daqui, a ouvir os comentários a nosso respeito dos intelectuais aparentes. Que lhes façam bom proveito. De qualquer forma o autor destas linhas não deseja entrar a sério neste capítulo porque tem vários amigos no meio. Passa, portanto, a examinar o dialecto dos jornalistas.

ALGUMAS FRASES UTILIZADAS PELOS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO

- «Telefonou-me ontem o Dr. X...».
- «Não posso dizer quem me deu a notícia».

O QUE AS MESMAS FRASES QUEREM DIZER

- «Ainda não li o que os críticos disseram e não me quero arriscar...».
- «Olhei à minha volta e, como não estava ninguém conhecido, fui-me embora...».
- «Consegui lê-lo até ao fim».
- «Se não digo isto os tipos chamam-me parvo...».
- «Para estar à la page é preciso dizer o contrário. Vinha no L'Express».
- «Como vês sou muito mais progressivo do que tu».
- «Afinal somos todos bons rapazes».
- «Não pertence à minha «malta» nem vai ao meu café...».
- «Percebi tudo...».
- «Não arranjei quem o quisesse editar...».
- «Li até ao meio e não percebi nada...».
- «O teu francês é tão mau como o meu...».
- «Também não falo inglês».

O QUE AS MESMAS FRASES QUEREM DIZER

- «Consegui, à sétima tentativa, que o Dr. X viesse ao telefone...».
- «Disseram-me na Brasileira...».

«Corria ontem em Madrid o boato...».

«Almocei ontem com o Dr. Y».

«Fontes geralmente bem informadas...».

«O nosso correspondente em Marselha».

«Como previ há cinco anos...».

«Não trataram o representante da Imprensa com o devido respeito...».

«O senhor sabe com quem está a falar?».

«A imprensa leva a verdade a um milhão de lares...».

«Um jornalista, precisa de calo».

Poderia terminar-se este breve estudo do dialecto do jornalismo com as mesmas palavras que encerraram o estudo do dialecto anterior mas aqui, também, o autor destas linhas se vê forçado a confessar que tem muitos amigos no meio jornalístico e que, por isso mesmo, não deseja aprofundar o assunto. O seguro morreu de velho e, como diria qualquer jornalista «com calo» o autor destas linhas «não sabe com quem está a falar». (ver significado desta expressão na lista apresentada).

Estimados leitores: muito mais poderia o mais que modesto autor destas mais que modestas observações escrever sobre o assunto. Muito mais, repete-se, haveria a dizer se valesse a pena. O signatário confessa, porém, que está farto. Infelizmente, sempre que pega na pena para tecer os seus habituais comentários no «Almanaque», vem-lhe à memória uma frase que se atribui a Brito Camacho e que se refere à instabilidade da existência das moscas e à permanência do seu alimento favorito. O autor destas linhas é

«Ontem em Madrid não corria nenhum boato mas, agora, é natural que passe a correr...».

«Vi o Dr. Y no restaurante onde eu estava a almoçar»

«O empregado do meu café...».

«Aquele tipo de Marselha que escreve para todos os jornais...»

«Ninguém se lembra do que eu disse há cinco anos...».

«O porteiro não me quis deixar entrar de borla...».

«Ou faz o que eu quero ou invento uma patranha a seu respeito no jornal...».

«Há quinhentos mil tipos que folheiam diariamente o jornal».

«É preciso saber qual é o lugar comum adequado às circunstâncias».

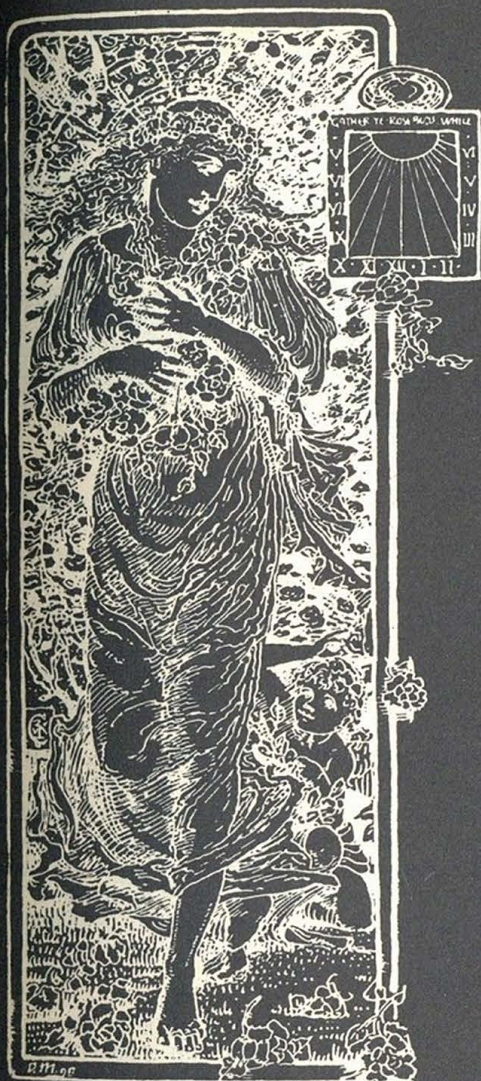
ainda novo para discordar de Brito Camacho e é preciso muita idade para se ter o direito de discordar duma personagem histórica. Se não fosse isso diria que o alimento das moscas é que muda mas que as moscas são sempre as mesmas. Sempre que pega na pena vem-lhe à memória este pensamento e sente uma necessidade imperiosa de ir para longe, para muito longe, para uma terra onde haja mais borboletas do que moscas e onde estas tenham, por alimento favorito, um nectar qualquer desconhecido do Brito Camacho. Não lhe sendo possível fazê-lo, vê-se forçado a tomar a única atitude possível e, neste caso, despede-se, com a pequena vénia da praxe, dos seus estimados leitores, agradecendo-lhes, antes de se retirar, o facto de o terem inspirado a escrever este — repete-se — mais que modesto artigo.

Criado, sempre às V. Ordens

FERNÃO PACHECO

POEMA EM NAFTALINA

no jardim



Mimoso passarinho de mil cores
Voava no jardim,
Aspirando contente os mil odores
Da rosa e do jasmim.
Esplêndida manhã! O sol brilhava!
Lydia os olhos ergueu
Eramos sós; eu ébrio contemplava
O lindo rosto seu!
«Formoso passarinho! Me dizia,
«Como é encantador...
«É sublime no amor e na poesia;
«Olhae, só beija a flor».
De face no meu hombro recostada,
O contacto senti!...
Inclinei-me e um beijo, um só... mais nada
Nos seus lábios colhi!...
«Que maldade!... meu Deus!... que feio crime!...
«Praticaste, Senhor!...»
Sorrindo respondi: «Pois já sublime
«Não é quem beija a flôr!...»



LUGARES SELECTOS DO LUGAR-COMUM

O lugar-comum é uma mēzinha caseira para uso dos pequenos Pachecos em aflições de imaginação. Verdade se diga que eles nem dão por se tratar de uma mēzinha, de tal forma se habituaram, a viver apoiados a essas bengalas do raciocínio.

Na vida diária há mil lugares comuns que se intrometem com os cidadãos e aos quais alguns resistem corajosamente. Exemplo: contribuir para certos peditórios públicos e pôr o «rccibo» (em forma de emblema de cartolina) dependurado do lado de dentro da lapela. Chama-se a isto dar com a mão direita, sem que a esquerda veja — o que é ainda um lugar-comum dos bons sentimentos, segundo o código oficial.

Mas na literatura é que o lugar-comum é gloriosamente cultivado. Como os cactos minúsculos nos vazinhos das casas «à antiga portuguesa» de enternecer os mestres-de-obras... Ora, em literatura que se prese, o lugar-comum é inimigo público declarado. Sabe a queijo da serra fabricado com batata. Ou a uísque saloio (três partes de água mais um pouco de aguardente velha). Engana e provoca más digestões.

É claro que há muitos escritores que têm vivido do lugar-comum e para o lugar-comum. Há muitos jornalistas que só escrevem no estilo maravilhoso, saudável e académico-burocrata do lugar-comum. A todos acontecerá o mesmo: como escritores morrem e os lugares-comuns ficam.

RECEITA PARA CAPTAR O LUGAR COMUM EM LITERATURA

Pegue-se numa folha de papel e faça-se uma lista dos substantivos qualificados no texto. Guarde-se a folhinha em local bem escondido, durante uma ou duas semanas a aboborar, isto é, o tempo suficiente para que não reste a mais pequena recordação dos substantivos anotados e dos adjectivos que os qualificavam.

Nessa altura o caçador de lugares-comuns pegará na lista e acrescentará à frente de cada substantivo o adjectivo que habitualmente (na linguagem pretenciosa dos lugares-comuns) o acompanha.

Assim, por exemplo, se tivermos o substantivo *nariz* é certo e sabido que o adjectivo «clássico» é *aquilino*; que um *queixo* é *proeminente* denotando *voluntariedade*; os caminhos são sempre *tortuosos*, etc.

Uma vez preenchida a lista procuram-se na obra em exame os adjectivos que de facto lá estão escritos e conforme a maior ou menor percentagem de coincidência assim se pode honrosamente classificar o seu autor de mau ou bom escritor, isto é, de viciado ou não pelo vírus do lugar-comum.

Damos a seguir um exemplo (em lista negra) desses lugares-comuns muito consagrados pela literatura cor-de-rosa. A saber:

<i>veloz</i>	Como um gamo
<i>olhar</i>	de lince
<i>olhos</i>	vivos e inteligentes
<i>sensibilidade</i>	requintada
<i>força</i>	hercúlea
<i>riso</i>	sardónico
<i>ironia</i>	mordaz
<i>intuição</i>	feminina
<i>rubor</i>	virginal
<i>cabelos</i>	sedosos
<i>colo</i>	de garça
<i>pele</i>	ebúrnea
<i>cintura</i>	de vespa
<i>dentes</i>	como pérolas
<i>lábios</i>	sensuais
	carnudos
<i>nariz</i>	adunco
	aquilino
<i>narinhas</i>	frementes
<i>riectus</i>	cruel

Vírus terrível sem outro antibiótico conhecido que não seja o bom gosto ou o talento, o *lugar-comum* encontra terreno favorável nos escritores menores, nos académicos, nos oradores de jantares de homenagem e nos locutores da rádio. Compreende-se: corpos decrépitos, maleitas dobradas...

Assim, em matéria de humor, o lugar-comum atacou de catarro crónico personalidades bem



prometedoras como os Ilmos. Srs. Campos Monteiro (do Porto) e o dr. Luís de Oliveira Guimarães (de Lisboa). Na prosa jornalística e na crítica literária nem é bom falar. Desde o solícito correspondente do *Correio de Minas* ao literário fundista Dr. Ramos de Almeida não faltam exemplos de *fino quilate* de progressiva e indefectível instituição do lugar-comum.

O Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Ramos de Almeida a todos os títulos excede na arte de pôr em fina, requintada e portuguesa prosa os altos pensamentos das suas esclarecidas meditações.

OS FIÉIS TESTAMENTÁRIOS

O Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Ramos de Almeida é solícito testamentário de *palavra oportuna* nas circunstâncias monumentais das progressivas capelas do Reino do Pacheco. Com a devida vénia transcrevemos de um artigo do ilustre prosador e homem de ideias duas passagens esclarecedoras. Certo é que nos abonámos no Acaso para escolha de tão belos exemplos, mas, como disse La Palisse, o génio tem a marca própria em cada linha que *subscrive*. Vejamos então o Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Ramos de Almeida referindo-se a acontecimento relativo à cidade do Porto (que designa por «capital do Porto») fá-lo nestes termos: «Sua Excelência procurou o lugar mais próprio e a ocasião mais oportuna para as dizer com o máximo de solenidade que a cerimónia oficial lhe impunha e, acima de tudo, deu-lhes a completa autenticidade que a sua qualidade de chefe de Estado tornou indiscutível.

Há muito, desde a sua extinção, que o Porto esperava que justiça lhe fosse feita, porque em boa verdade só de justiça se tratava».

Conclui com um hino ao Progresso, cheio de ineditismo e de profundos conceitos como estes:

«A evolução da vida moderna exige uma cultura dinâmica, viva, renovadora. O diálogo entre os homens e os povos é cada vez mais animado, mais inadiável, mais rico e variado. E os homens e os povos não falam a mesma língua e as palavras

não possuem sempre o mesmo significado. Fazer uma cultura para o futuro, eis a fundação da Pedagogia moderna.»

(In «*Jornal de Noticias*», de 27-10-60)

Já dizia o estafado Albalat: «é preciso evitar, a todo o custo, empregar imagens usadas, que serviram a toda a gente, como:

- veneno da lisonja
- facho da discórdia
- espada da lei
- balança da justiça
- arminhos da realeza
- pérfida Albion
- Lusa-Atenas
- tirania das paixões, etc.»

Mas nem os bons escritores escapam por vezes à epidemia geral. Barley d'aurevilly no livro «*Les Bas Bleus*», critica os «tropos decrepitos e solenes» de George Sand, entre os quais destaca:

- ruínas que desabam
- anjo do destino
- folhas secas que o vento da morte dispersa
- pomba que constrói o seu ninho solitário para significar: o *celibato*), etc.

Pegamos, ao acaso, num livro de Vitor Hugo. Ao alto da página está o título do poema: «*A Villequier*», e sai logo isto:

- a beleza dos céus
- a paz da grande natureza
- as verdades profundas
- divinos espectáculos
- ó deus vivo, vós sois bom, clemente, indulgente, e doce
- as formas magníficas de que a natureza se reveste
- doces aventuras, etc.



Mas deixemos o Hugo de lado. Passemos a outra margem. Há agora dois poetas que acabam de sair de duas antologias substanciais: António Sardinha e Alfredo Pimenta.

Pegamos, ao acaso (também), num livro de António Sadinha: «Era uma vez um menino». Livro dedicado à morte de seu filho, o que prova mais uma vez que «com muito bons sentimentos tem-se escrito muito má literatura».

E encontram-se coisas assim:

- campos largos de amargura
- cheio de graça pura
- sorriso divino
- auréola de luz
- cheia de graça e carinho
- manhã muito pura
- como um poço sem fundo
- mar de alvorada
- sonho infinito, etc.

e esta quadra:

*O nosso sangue antigo
São bem antigos os meus.
Por isso louvo e bendigo
O Santo nome de Deus.*

Fechamos o livro e tiramos à sorte Alfredo Pimenta. «Poemas em prosa», escritos em 1924. «Poemas em prosa», escritos em 1924.

[A propósito: A. Pimenta foi o célebre literato que escreveu no seu «Manual de Versificação»:

«Verso é um conjunto de notas musicais, ordenado a um determinado, restrito e previamente ideado fim». (1)

A lista, de tão longa, torna-se monótona:

- cor maravilhosa dos teus olhos que são noites feiticeiras
- mistério do meu amor infinito
- pálpebras trémulas
- Tentava-me o vermelho fresco dos teus lábios

- a tua alma é de formosura rara
- perfumes perturbantes
- êxtases sagrados
- cânticos de glória
- abismo profundo e insondável do espaço
- queda vertiginosa
- meu desejo é chama palpitante e sequiosa
- areias fulvas do deserto
- desejo insaciável
- os teus braços nus são serpentes de neve
- o seu corpo esbelto de deusa, trémulo e tímido
- boca ardente como a chama
- brancura do colo
- a sombra da tarde caía melancólica
- noite tépida como as folhas de rosa
- águas tranquilas e profundas
- a sua boca é uma flor ardente
- névoa transparente e diáfana
- sombrios arvoredos
- a ambrosia dos seus beijos
- és bela como as estrelas
- teu colo é um jardim nevado onde eu quero passear os meus caprichos
- o paraíso do teu corpo
- beijo longo e interminável
- superfície mansa das águas
- imaginação exaltada e ardente
- mãos brancas e delgadas

[basta! basta! basta! (como nos circos)]

Ainda a propósito: parece que esta «prosa poética» exerceu profunda influência nos anos 20. Pelo menos, o Autor assim o julga, pois escreve: «o Autor constatou que depois de os ter escrito e lido (1), começaram a aparecer em público vários avatares dos seus Poemas (com p grande), mais ou menos felizes, consoante a inteligência de cada

(1) Garante-se não haver aqui qualquer erro de transcrição.

(2) Facto que precedeu em cinco anos a respectiva publicação.



um e o conhecimento que cada um teve deles. O Autor não leva isto a mal. Mas entende dever prestar este esclarecimento, em homenagem à justiça que lhe é devida.»

Mas, francamente: por que motivo Alfredo Pimenta não havia de clamar por justiça, já que, abrindo, por exemplo, a «*Musa em férias*» de um verdadeiro poeta como Guerra Junqueiro, se encontra logo ao primeiro contacto um desfiar como este:

- inefável pureza
- candura imaculada
- natureza ridente
- relva virginal, fresca e primaveril
- ficaste mudo e quedo
- os fossos da memória
- bom como as pombinhas mansas
- tímidas crianças
- rubro amor da glória
- luz etérea e calma
- ignóbil assassino
- riso de cristal
- é uma bela manhã esplêndida de Abril
- indómito corcel de ventas dilatadas
- ímpeto selvagem
- olhar candente como um ferro em brasa
- pálida virgem
- puro como uma hóstia, etc., etc?

E, PARA TERMINAR, UM GRANDE...

Apesar da sua grandeza, José Régio também não escapa aos apelos do lugar-comum. Peguemos nos seus livros «*A chaga do lado*» e «*Mas Deus é grande*». Neste último, encontra-se esta frase antológica:

«canto... como sussurra a linfa dos ribeiros»

E a lista é longa:

- névoas do horizonte
- brumas do horizonte
- ondas... revoltas
- caveiras a rir
- sonho de glória

- cinza fria
- imensa torre de Babel
- sombras ilusórias
- azul celeste
- esmola de amor
- filhos inocentes
- pupilas a arder como luzinhas pretas
- paupérrimos mendigos
- Jesus... roxo na Cruz
- ovelha fiel
- fronte augusta
- indecifrável placidez dos céus
- dignidade digna de registo
- correu como um rastilho
- uma mulher da vida, uma perdida
- a música reboava em todo o templo
- mesas sumptuosas
- sinfonia visual de mil matizes
- mão calosa e deformada
- mão suja e honesta
- esperança enganadora
- o gigantesco polvo da cidade
- soldadesca ignara
- imponente edifício
- céu mudo e trémulo de estrelas
- arcanos do infinito
- tarde clara e calma
- chegou a noite silenciosa
- noite vasta e calma
- luta fraticida
- imensa catedral do firmamento
- nostalgia auréola
- Deus, cuja caridade é... infinita
- ondas, flocos de espumas encrespadas
- a tremer de amor e de receio
- mãos roídas como as de um leproso
- sonhos de glória e de riqueza
- a boca rubra
- rojar de verme

E, por hoje, ficamos por aqui.

Terminamos, assinando, muito atentos, vendedores e obrigados,

aa) **Fernão Pacheco, cronista-mor do reino Abecassis, escriba do dito Frei Mem de Lavos, copista Abade Generoso, também copista**

colecção

3:0



aventura



ficção científica

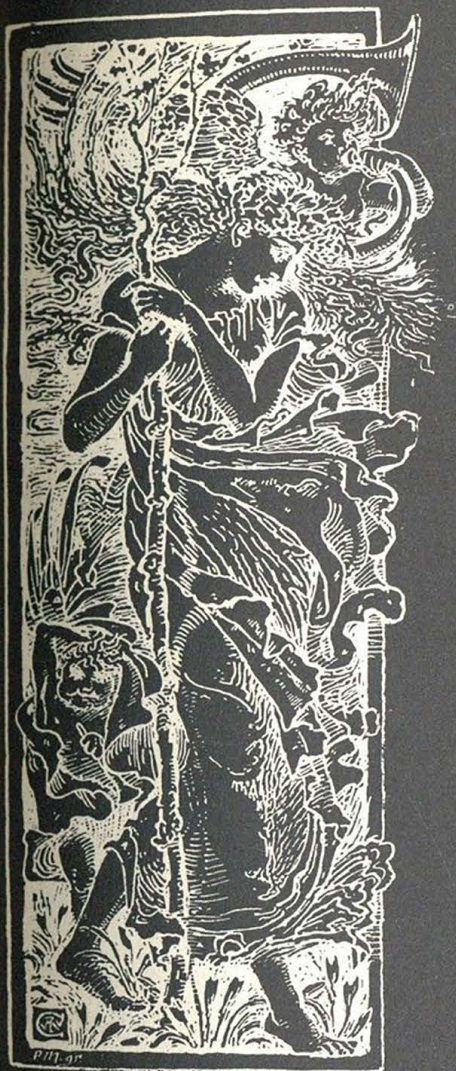


policial

**três
conjuntos
de
obras populares
nos domínios
policial
aventura
ficção científica**

cada volume 10\$00

2.º POEMA EM NAFTALINA



no album

da Ex.^{ma} Sr.^a D. Laurinha Neves

Saudando a rosea luz da madrugada
O terno rouxinol gorgeia amor;
E os suspiros do alado trovador
Échoam na floresta inda ensombrada.

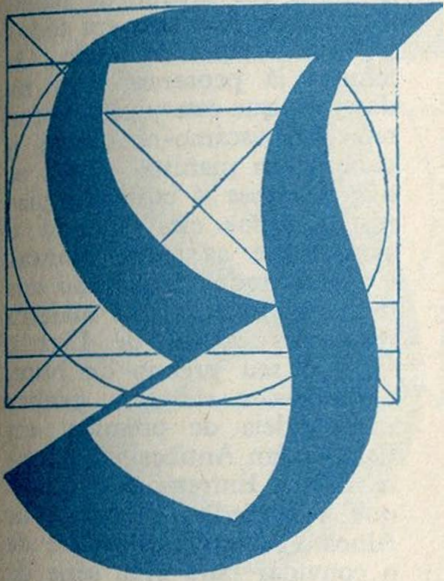
Arrubra-se o horizonte, e aljafrada
Mil scentelhas esparge a debil flor,
Brilhando qual a pedra do fulgor
No matiz da planície encastoadada.

Desce um raio de sol; bello e divino
Oscula a flôr e n'ella se detém,
Haurindo à pet'la o rócio crystallino !...

Como a d'orvalho, brilho tem
A lagrima n'um rosto peçuenino
E um beijo a leva... o ósculo da mãe!

D. HENRIQUE DE ALARCÃO





Gilbert Bécaud

Nos velhos tempos, quando não havia aviões e os países estavam mais longe uns dos outros, a humanidade não sabia ainda o que era ter pressa.

Quem ouvisse dizer a um amigo «Parto amanhã para Malaca» já sabia que antes de dois ou três anos não voltaria a vê-lo. Mas achava isso natural. E se lhe dissessem que quatro séculos depois os tetractos ficariam indignados por o comboio levar mais de vinte e quatro horas a chegar a Paris, o nosso velho antepassado não compreenderia.

Os homens não tinham pressa. Os relógios de pulso estavam por inventar. As canções que as bonitas mulheres cantavam era já cantadas havia séculos e continuariam a ser cantadas por muitos séculos mais.

*«Estava a bela infanta
No seu jardim assentada...»*

Por muitos séculos mais até que os aparelhos de rádio invadissem todas as regiões do globo. Porque então a pressa tomaria conta de toda a gente. A pressa e o cansaço. E o mesmo povo que durante séculos cantara com enlevo a mesma canção seria depois incapaz de se fixar sem cansaço numa melodia mais do que cinco semanas.

De súbito, com o aparecimento dos relógios de pulso e da Televisão e da Rádio, todas as coisas perdiam o antigo

ar de perenidade para se colocarem sob o signo do efêmero. Era preciso mudar, mudar constantemente. Não importava já que a mudança fosse um progresso, bastava que fosse mudança.

Que terá tudo isto a ver com Gilbert Bécaud?

Muita coisa: porque Gilbert Bécaud deve o seu êxito ao cansaço fácil das multidões. Por volta de 1952 a cançoneta francesa tomara um rumo que poderá designar-se de excessivamente intelectualista.

O existencialismo estava na moda. Os cançonetistas entregavam-se a essa moda, sofriam de angústia, desesperavam-se, olhavam para o mundo como se olhava para o inferno.

O grande mérito de Bécaud foi esse: no momento em que a cançoneta sofria de intelectualite aguda e se tornava de dia para dia mais mórbida, no momento em que o pessimismo intoxicava a juventude, Bécaud começou a cantar couplets otimistas.

A mocidade descobriu de repente que o optimismo também tinha algum interesse e aceitou as novas ideias. Afinal o que importa — pensavam os jovens que se converteram a Bécaud — é no pensar... E não pensavam mesmo. Liam o seu jornal matutino e eram otimistas ou pessimistas consoante a canção da moda.

Mas Bécaud lá foi jogando a sua carta. No meio dos pessimistas ser optimista era ser

original. Ele revelara portanto o seu génio: descobria que se podia ser original sem inventar coisíssima nenhuma. Chamassem-lhe tolo!

Assim, Gilbert Bécaud ilustra bem o nosso tempo. Na cançoneta, como na pintura ou na poesia as coisas chegaram a um tal ponto que nem sempre é fácil saber se a mais recente descoberta é verdadeiramente significativa ou não passa de pura mistificação. Ser diferente, ser diferente, brilhar pela diferença!... E, perante Bécaud, optimista, histérico, possesso, batendo com as mãos no piano, gesticulando, que havemos de pensar? Ele traz-nos alguma coisa de novo ou tudo nele é falso e aparente?

Chama-se François Sully e nasceu em 1927 quando o mundo se preparava já para uma grande crise económica que seria o prelúdio duma grande crise que ensanguentaria o mundo.

— Nasci sob o signo do Escorpião — lembra ele muitas vezes. E nesse ponto não pretende ser original. Nesse ponto continua a cantar:

*«Estava a bela infanta
No seu jardim assentada...»*

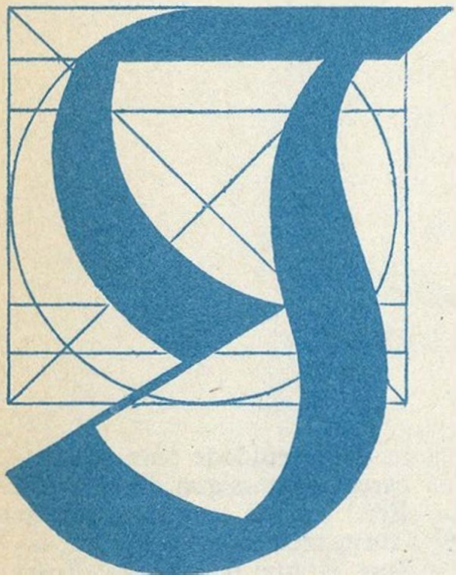
Nesse ponto é igual portanto às mesmas senhoras que apaixonadamente o ouvem e que todas as semanas procuram nos semanários os sábios avisos dos seus horóscopos. Nesse pequeno nada revela Bécaud aquilo que de facto é o segredo do seu êxito: opinando embora pelo diapasão mais vulgar fingir que não é vulgar. E isso de modo a que o público mais medíocre se julgue inteligente e actualizado. No fundo, o segredo consiste no seguinte: «Os homens e as mulheres consultam envergonhadamente os respectivos horóscopos? permitir-lhes que os consultem sem se sentirem envergonhados. Mais: dar-lhes a entender que devem consultá-los. Argumento: pois não é verdade que um espírito tão jovem, tão inteligente, tão sensível, tão moderno, tão etc., como Bécaud, também vê na astrologia?»

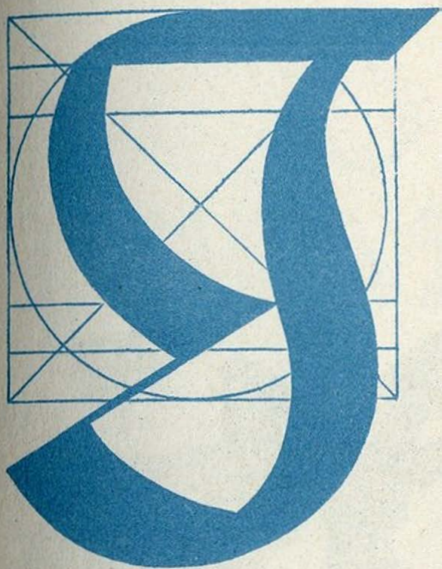
Bécaud passou a infância em Nice onde pôde observar alguns dos mais ricos turistas do mundo. E também alguns dos mais pobres. Pelo caminho ganhava um prémio de piano o que deve provocar em todos nós um arripio de medo. Os leitores já pensaram bem na desgraça que esteve para acontecer? Arriscámo-nos todos a ganhar um pianista! Como se não houvesse já bastantes pianistas, todos eles fazendo o pino sobre as teclas brancas e pretas, todos eles sendo «os mais esperançosos, as maiores revelações depois de Liszt!» Com o seu prémio de Nice, preparava-se ele para ganhar uma cadeia de prémios: em Cannes, em Antibes, em Monte Carlo. Entretanto, e antes que a Sociedade Musical de Alhos Vedros se lembrasse de o convidar para uma série de concertos, Bécaud arribava a Paris onde os prémios de piano são — apesar de tudo — um pouco mais difíceis do que em Nice.

E assim, em vez de ir tocar o Concerto de Tchaikowski a Alhos Vedros, ele foi acompanhar Jacques Pills (um cançonetista) a Nova Iorque. Êxito notável. E a Nova Iorque, vestíbulo do mundo, sucedem-se outras cidades. E às duas por três acabou por acontecer esta coisa extraordinária: Pills sentou-se ao piano e Bécaud cantou. Invertidos os papéis o êxito ainda foi maior, dado o carácter original e disparatado do conjunto.

Bécaud escrevia a música, uma música que cedo veio a receber as influências dos países que eles atravessavam.

Regressado a Paris casou-se e ainda bem. Por vezes o casamento acalma os espíritos, rouba aos homens as suas ilusões, obriga-os ao trabalho diário e inofensivo de ganhar num escritório o pão de cada dia. E, na maior parte dos casos, por cada indivíduo que perde as suas ilusões de artista, livra-se a colectividade de um pouco de mediocridade a mais. Mas não foi o que sucedeu. Com o casamento, Bécaud refinou. Para cúmulo da infelicidade (nossa) conheceu a





grande Edith Piaf. E Edith Piaf tem o vício comum a todos os grandes artistas: descobrir jovens gênios. Poder-se dizer deles que não eram apenas notáveis artistas, mas que sabiam animar a juventude e tinham um sexto sentido para descobrir novas revelações. Piaf resolveu jogar em Bécaud e em Pills. Havia já cinco dias que não descobria ninguém e nesse dia resolveu considerar genial fosse quem fosse. Cantaram-lhe: «Je t'ai dans la peau». Resultado: Pills casou com Piaf e Bécaud tornou-se uma vedeta.

Que remédio!

Para cúmulo da infelicidade nossa (mas se não fosse Bécaud seria outro qualquer) Bruno Coquatrix pensava em tomar o Olympia um grande music-hall. Bécaud apresentou-se com uma cartinha de recomendação assinada por Edith Piaf. E o resto? O êxito, o êxito completo...

Segundo os jornais Bécaud «era uma nota nova no panorama cansado do music-hall», «preenchia uma lacuna que há muito se fazia sentir», etc.

O resto era fácil: 50 000 francos por cantar no Casino de Deauville contra os 2 000 francos que ganhava no dia anterior! Esses 50 000 francos vieram a subir depois até 500 000 francos por noite. Moralidade: o trabalho e o talento são sempre recompensados. Não é?

Depois, a rádio.

Depois, o cinema.

Françoise Arnould, para começar, foi a estrela com quem se apresentou no primeiro filme que era, como não podia deixar de ser, bastante mau. E ainda bem, porque foi um êxito.

Caterina Valente, no Casino.

E a América, de novo. Como se copia Frankie Laine, como se copia Johnny Ray? Tão bem o sabe Bécaud que os americanos lhe passam a chamar Mister Kiss. E o nosso Bécaud que havia nascido na Costa Azul, que chegara a ter à sua frente a carreira excepcional de pianista que os seus mediocres dotes lhe asseguravam, veio a tornar-se numa

personalidade eminentemente «sexy».

Ah, mas não se iludam as admiradoras! Porque Bécaud é um excelente chefe de família, um marido modelo. Trata a esposa por Kiki, ternamente. E Kiki é adorável: pequena, loira, tímida. Ao contrário dele: grande, moreno, descontraído. Desportivo, como convém. Nada como um campeão, rema como ninguém, viaja por vezes no comboio mais rápido do mundo (Paris-Bordéus) e trepa às árvores. Ternamente, com os olhos em alvo, cheia de felicidade, Kiki chama-o: — Tarzan!

Tocante!

Mas o nosso homem gosta também dos automóveis de grandes cilindradas. O irmão, então, guia magnificamente...

Outros dotes: um mestre em tirar fotografias! E àqueles que o ouvem confessa:

— O meu grande sonho é ser realizador de cinema!

É esse o futuro que nos espera a todos. Qualquer dia temos aí uma fita nova «nouvelle-vague»... Deve ser fresca! Mas valha-nos ao menos que a mereçamos...

P. S. — Tendo recebido ordem para escrever sobre Bécaud, o autor destas linhas que nunca mais ouviu qualquer canção daquele artista admite perfeitamente ter-se enganado na sua interpretação. É possível que Bécaud seja o contrário do que ele escreveu. Convencido porém que às leitoras a verdade não interessa e que lhes basta um artigo, isto é, alguns minutos de leitura, entendeu que poderia escrever qualquer coisa sem se preocupar com a exactidão do que afirmava. De resto, quanto a este ponto, o autor destas linhas, nem sequer foi original: seguiu os usos e costumes dos grandes magazines internacionais. Porque a verdade é muito menos interessante do que a mentira — já o dizia Pascal (que nunca o disse, evidentemente).



Luis Filipe

O AMOR DA MEIA NOITE

CONTO DE PUCHKINE

OS Kutusov tinham aberto nessa noite as portas do palácio e davam uma recepção. Nos salões brilhantemente iluminados os convivas conversavam familiarmente uns com os outros ou reuniam-se em volta das mesas e jogavam às cartas. Envolveria-os uma atmosfera íntima e quente, altera aos rigores do Inverno.

Nadia, sòzinha a um canto, aborrecia-se.

Os seus olhos, toldados pela melancolia, perdiam-se muito longe, como se o entusiasmo existente naquela sala os repelisse, os atirasse para o mundo longínquo das recordações. Porque Nadia sonhava. Revia um rosto de olhos cinzentos a condizer com uma bela manhã de Outono. Um rosto simultâneamente próximo e distante. Imóvel, encostada à grande janela que dava para o jardim, ela ouvia apenas o murmúrio insistente dos seus pensamentos. E de tempos a tempos, como se estivessem situados num outro plano muito menos real, chegavam até ela, farrapos de conversas:

— Outra chávena de chá, querida amiga?

— Vejamos, Ivan Ignatitch, em que está a pensar? Se fossemos a uma partida de whist?

— Ah! Uma partida de whist... Mas não se recorda, Ana Federovna, que desde a época em que estivemos em Simbirak...

— Eu sei! Mas é a moda...

— Garanto-lhe que é assim. Ainda neste Verão em São Petersburgo...

— Gostava de saber o que pensa a nossa querida Nadia. Vamos a ver. Nadiejda Petrovna?

Por um momento Nadiejda Petrovna saiu do seu devaneio, e com uma expressão plena de suavidade respondeu que não gostava de jogar às cartas. Depois voltou-se outra vez para a janela e ficou a contemplar o jardim coberto por um expesso tapete de neve, e os cavalos que esperavam impacientes pelos donos. E desse inverno que a realidade lhe oferecia ela evadiu-se para uma longínqua manhã de Outono...

NA recepção dos Kutusov estava presente toda a nobreza da região, muitos proprietários e oficiais. Deve acrescentar-se que o palácio dos Kutusov era um pólo de atracção para todos os celibatários dos arredores. E todos eles se achavam seduzidos não apenas pelo encanto e graça de Nadiejda Petrovna, mas também pelo dote que não era nada para desprezar. A senhora Kutusov não teria qualquer dificuldade em descobrir um bom partido entre os jovens que lhe frequentavam a casa. Ela tinha até as suas preferências. Mas não queria mostrar-se despótica e por isso deixava-lhe a liberdade de escolher.

Quanto a Nadia, ela era muito menos indulgente do que a mãe. Ela achava todos os seus pretendentes, sem excepção, pretensiosos e estúpidos. Suportava-lhes com dificuldades as conversas, condenava-lhes severamente a vida que levavam.

— Nadia — chamou-a a senhora Kutusov, sempre apreensiva pelos modos da filha. — Vem servir o chá a Pedro Serguievitch.

«Aturar este ou qualquer outro vem a dar na mesma coisa» — pensou Nadia, momentâneamente roubada à sua meditação, pegando no samovar. Aproximou-se indolentemente (mas com que graça!) de Pedro Serguievitch e perguntou-lhe em francês:

— *Voulez-vous encore un peu de sucre, monsieur?*

Tudo isso para ser agradável com a mãe — que vivera durante muito tempo em Moscovo — e provar assim aos convidados que recebera uma excelente educação e que as suas maneiras eram dignas duma moscovita.

Mas não deve esquecer-se que os requintes duma educação moscovita eram completados pelos encantos que uma vida ao ar livre sempre prodigalizam. Porque a existência calma que era a de Nadia ali na província desenvolvera-lhe faculdades extraordinárias de sensibilidade e de imaginação. Faculdades que as leituras romanescas naturalmente estimulavam. E isso queria dizer sonhar ela muitas vezes para compensar a monotonia duma vida em que qualquer pequena viagem era um acontecimento de primeira grandeza.

Nadia tinha dezoito anos, grandes olhos negros, a face perturbadoramente pálida, um ar propositadamente exagerado de pensativa tristeza. Aos romances estrangeiros, a cuja leitura tantas vezes se entregava devia ela esse gosto pela melancolia que assenta tão bem às raparigas bonitas! E nas heroínas infelizes e atormentadas via ela, romanescamente, uma imagem de si própria.

MAS algumas dores romanescas ela tinha, na verdade. Porque Nadia amava alguém. E aquele a quem ela amava, amava-a também. Situação banal, situação pouco romanescas... Mas havia um problema grave: os pais opunham-se. E dessa maneira o idílio tomava o sabor duma verdadeira tragédia. E assim se explica por que Nadia estava reduzida a sonhar em frente das vidraças que davam para o Inverno, tão distante da alegria que reinava naquela sala.

Alexis — assim se chamava ele — tinha evidentemente todas as qualidades necessárias para apaixonar uma rapariga. Era belo, era infeliz, não tinha fortuna. Aos olhos de Nadia, o facto de vestir um uniforme pouco impressionante — o da infantaria —, em vez de usar o aristocrático uniforme da guarda, não lhe diminuía em nada o encanto dos olhos cinzentos e o prestígio do seu corpo elegante. Mas a estes argumentos são geralmente os pais pouco sensíveis! Nadia confessara-lhes sinceramente o seu amor e eles haviam-lhe respondido com palavras indignadas.

— Como! Um simples oficial de infantaria!

— Já pensaste nas terras que herdarás comparadas às dele?

— Impossível! Esse casamento não tem sentido!

A senhora Kutusov conseguiu mesmo descobrir uma certa parecença entre Alexis e um tal Velodia Baranov que, embora menos sedutor, tinha a vantagem de ser muito mais rico. Mas, Nadia não podia comparar Alexis a ninguém. Ele era único, como todos os homens que são amados! Incapaz de fazer frente aos pais, e em particular ao pai que havia despedido àesperamente o jovem Alexis, Nadia refugiou-se no seu quarto para chorar. Poderia ter sorrido, pensando que estava a viver um autêntico romance, mas a sua infelicidade não lho permitia!

O tempo passou. Veio o estio, depois o Outono. Quando o Inverno chegou, Nadia nem mesmo teve o recurso de sair às escondidas de casa e de ir encontrar-se com o seu apaixonado no bosque. Fora lá que vivera os mais belos momentos da sua vida. O Inverno tornava-se assim a estação dos sonhos: e constantemente Nadia revia esses intermináveis passeios em que, de mãos dadas, eles falavam do amor que os unia, tão terrivelmente comprometido.

O Inverno tornava-se também a estação das cartas.

Como a vida do campo era desprovida de todo o imprevisto era através da correspondência que eles procuravam fugir ao tédio dos dias sem esperança! Separados por um destino cruel, fascinados pelas leituras romanescas, os dois apaixonados deixavam com alívio a terrena realidade para se entregarem aos sonhos num mundo quase imaginário, pleno de sedução. Um mundo que fatalmente os conduziria à desgraça e à separação definitiva.

E assim resolveram que a fuga era a única esperança que a vida lhes proporcionava. Alexis raptaria Nadia, tal como sucede nos romances. E pelos romances eles sabiam como as coisas se passavam. Partiriam juntos pela calada da noite, casar-se-iam numa igreja próxima, esconder-se-iam depois na casa dum tio de Alexis. Após algum tempo regressariam a casa dos pais, perdoados finalmente. Alexis e Nadia imaginavam com deleite todos esses pormenores.

DECIDIRAM fugir em Janeiro — corria então o ano de 1812.

Alexis não teve dificuldade em encontrar as testemunhas necessárias. Um capitão de Hussards, amigo da família, e o filho desse capitão. O padre que devia casá-los mostrou-se muito pouco entusiasta e Alexis teve dificuldade em convencê-lo. Mas por fim acabou por aceder.

Quanto a Nadia ela sentia-se terrivelmente atormentada. Continuava a lutar consigo mesma. Súbitamente aquele acto aparecia-lhe como uma rematada loucura. O seu coração apertava-se quando pensava no desgosto que ia dar aos pais. E outros receios lhe assaltavam o espírito: E se os os pais não lhe perdoassem?

Mas era preciso agir, era muito tarde para recuar. Alexis preparara tudo; amava-a, ela também o amava. Assim, Nadia protestou depois do jantar uma dor de cabeça para poder retirar-se e, durante horas, passeou de um lado para o outro no seu quarto. Escreveu depois uma carta em que explicava aos pais, chamou Macha (a criada) e, acompanhada por ela, fugiu pela porta das traseiras e instalou-se no trenó que Alexis lhe tinha mandado. Ele encontrar-se-ia com ela na igreja.

Desde o meio-dia que um céu cor de chumbo anunciava uma tempestade de neve. Ela desencadeou-se bruscamente com rara violência, no momento exacto em que Alexis entrava no seu trenó para ir ter com a mulher amada. Impelida por rajadas de vento, tão densa que não deixava distinguir nada em volta, a neve continuou a cair durante muito tempo. Como se trevas lívidas tivessem invadido o mundo, o horizonte desaparecia e o céu confundia-se com a terra. O cavalo avançava às cegas, resvalava nos valados, ia de encontro às árvores. Alexis compreendeu que já não tinha mão no cavalo, que não sabia onde estava, e muito menos sabia para onde ir. Mergulhado num universo branco e frio ele perdera os pontos de referência e ignorava completamente se o trenó avançava sobre a estrada ou ao acaso nos campos. Em vão procurou ele distinguir no horizonte a mata de abetos que anunciava a aproximação da igreja.

Passou-se uma hora, passara-se duas.

Alexis via apenas flocos de neve agitados pelo vento implacável. E os campos brancos, sempre os campos brancos, sempre iguais. Enfim uma massa escura surgiu não muito longe e Alexis lançou-se a galope nessa direcção. Bem cedo porém ele percebia que a floresta em que acabava de entrar não era aquela que procurava. Sentiu-se completamente perdido e o cavalo, esgotado, avançava a passo. Paralisado pelo frio, transido também pelo desespero, Alexis não sabia que fazer.

Começava a acreditar que nunca mais saíria vivo daquela aventura quando a tempestade amainou. Descobrira perto umas choupanas e conseguiu convencer um homem a servir de guia. Quando chegou à igreja onde combinara encontrar-se com Nadia já a madrugada rompera. Mas de Nadiejda Petrovna só conseguiu saber que partira havia muito. Com a cabeça perdida Alexis dirigiu-se para casa do padre.

Mas um outro drama se representava em casa dos Kutusov. Estes pela manhã tinham encontrado a filha deitada sobre a cama, ainda vestida, lívida, gelada. No decorrer do dia a febre subiu e quando o médico chegou ela delirava.

Apesar de todos os cuidados Nadia esteve entre a vida e a morte durante duas semanas.

— A minha filha morre de amor — pensou a senhora Kutusov que também lera na sua adolescência alguns romances de amor. E sem mais hesitações escreveu a Alexis a anunciar-lhe que podia visitar Nadia. No entanto Alexis não

apareceu. Limitara-se a escrever uma carta equívoca, estranha, na qual em termos confusos, falava em «espiar uma falta imperdoável» e pedia-lhes insistentemente que esquecesse «um desesperado que apenas desejava morrer». De facto alguns dias depois soubera que Alexis se alistara no regimento que seguia ao encontro das tropas napoleónicas.

Nadia curara-se mas a doença mudara-a muito. Ficara extremamente submissa, perdera toda a «coquetterie». Desinteressara-se de viver incidentes romanescos, já não lia, ajudava a mãe nas lidas da casa, aparecia mesmo na cozinha.

Quando chegou a notícia da morte de Alexis na frente de Moscovo, Nadia recebeu a notícia com uma grande calma: nem triste, nem alegre. Guardou num armário as poucas coisas que possuía de Alex — alguns livros, alguns poemas —, e nunca mais pronunciou o nome dele.

Depois o pai de Nadia morreu.

As duas mulheres deixaram o domínio em que viviam, e partiram para uma propriedade perto de Kazan. Um novo círculo de pretendentes se formou em torno de Nadia que estava mais bela do que nunca. Ela mostrava-se amável com todos, mas indiferente, tão indiferente que desesperava todos os apaixonados. Dizia-se dela que era fiel à memória dum morto e que nenhum vivo conseguiria pôr à prova essa fidelidade.

A guerra acabou. No meio do entusiasmo geral, e numa atmosfera de triunfo, os diversos regimentos regressaram do estrangeiro, os soldados invadiram as cidades e as aldeias, aureolados pela glória, orgulhosos, cheios de prodigiosas histórias que não se cansavam de contar.

Mas entre todos os soldados que ocorreram a Turiev, havia um que fascinava todos os corações. Condecorado com a Cruz de São Jorge por ferimentos graves ele usava uma pala de veludo que prolongava uma rebelde mancha de cabelos negros, dotado dum espírito simultaneamente céptico e exaltado extremamente pálido, tanto podia personificar Hamlet como Des Yrieux. Passava por ser um grande partido e agradava portanto não só às filhas como às mães. Recebia convites constantes, ninguém sabia que mais fazer para lhe atrair as atenções.

Em vão, escusado será dizê-lo, porque apenas Nadia cativara os sentimentos de Wladimir Burine. E ela, apesar da sua eterna melancolia, tinha de reconhecer que aquele jovem oficial lhe agradara e que, muitas vezes, sentia de novo despertarem em si os seus velhos sonhos romanescos, todo esse mundo em que ela se identificara ora como Manon, ora como Ofélia. E pela primeira vez compreendeu que o seu desgosto, que a sua solidão não eram irremediáveis.

Mas o amor que surgia entre eles longe de os tornar menos tristes, mergulhava-os numa tristeza ainda maior.

Além do mais uma atitude de Wladimir intrigava muito Nadia; ele nunca lhe falara do seu amor, nunca lhe expressara qualquer palavra de simples amizade! E no entanto era evidente que a amava. Os seus olhos, o seu modo de falar, a ternura que se desprendia dos seus gestos falavam bem alto. Irritada, perturbada, fascinada, Nadia não sabia que fazer para forçar Wladimir a dizer

a verdade. Mas um dia ele entrou de improviso na residência dos Kutusov e chamou Nadia.

A senhora Kutusov interrompeu uma difícil paciência e ajelhou-se diante dos ícones, dando graças a Deus. Porque, era evidente, chegara enfim o dia da esperada confissão. A pressão de Wladimir não podia ter outro motivo. E ao mesmo tempo, a senhora Kutusov observava que esse dia duma luz puríssima se prestava maravilhosamente às confissões de amor.

Foi no jardim junto dum tanque que os dois apaixonados se encontraram. Quando o olhar de Nadia encontrou o de Wladimir este pareceu perturbar-se.

— Tenho de lhe falar — disse ele com uma voz febril: — É muito importante, Nadia.

— Estou a ouvi-lo — respondeu ela, quase desfalecida ao pensar nas palavras de amor que ia ouvir.

— Em primeiro lugar tenho de lhe dizer, Nadia que gosto muito de si, que a amei logo na primeira vez em que nos conhecemos. Mas eu não tenho o direito de lhe confessar isso e ainda não tenho... Há entre nós uma barreira intransponível...

— Eu sei — disse Nadia, com muita doçura. — Mas...

— Não, Nadiejda Petrovna, não é o que está a pensar. Eu sei que existe para si uma recordação dolorosa, sei que é fiel a essa recordação. Mas os anos passaram-se, quatro já, deixe-me acreditar que o meu amor não lhe é indiferente, que da sua parte...

— Também o amo, Wladimir Burine.

— Mas é isso que me desespera. A Nadia poderia ter sido a minha mulher. E eu não desejo outra coisa. Mas, escute-me: eu sou casado...

— Casado?

— Sim. Há quatro anos. E sem saber com quem, até porque ignoro o sítio onde me casei!

— É impossível, Wladimir Burine! Que história inverosímil! E no entanto ela faz-me pensar... Conte-me tudo, peço-lhe, conte-me a sua história...

— **T**UDO se passou nos princípios de 1812. Numa noite em que eu regressava à aldeia do meu regimento abateu-se sobre mim uma terrível tempestade de neve. Perdi-me até que fui parar a um lugarejo cujo nome esqueci. À porta da igreja estavam algumas pessoas que pareciam esperar impacientemente por alguém. «Por aqui», disseram quando me viram. Desci do trenó e um oficial, homem já de certa idade, pegou-me no braço e introduziu-me no interior da igreja onde a escuridão era quase completa, iluminada apenas pela luz débil de três ou quatro velas. Entorpecido pelo frio, mal podendo abrir os olhos, morto de cansaço, deixei-me levar sem compreender o que o oficial queria significar quando dizia que estavam todos à minha espera. Num banco estavam duas mulheres, uma das quais parecia não dar pelo que se passava, inconsciente e alheia. Ela deixara-se

conduzir até ao meu lado e eu ouvi uma voz que rezava desesperadamente. De súbito notei que o padre nos abençoava, mas tudo isso era como se não fosse comigo, como se eu estivesse num teatro a representar uma peça.

— Beijem-se — ouvi dizer!

Vi então um rosto de mulher voltar-se para mim, mergulhado na obscuridade, e de súbito ouvi um grito: «Não é ele! Não é ele, Deus meu!».

Depois ela caiu no chão desmaiada, perante o pasmo da assistência. Deixei a igreja sem que ninguém procurasse impedir-me e saltei para dentro do tremó que me esperava lá fora.

É esta a minha história, Nadia. Acredite em mim, nunca mais consegui descobrir a aldeia em que isso se passou, em que eu me casara quase sem dar por nada. E ignoro completamente o nome da mulher que eu enganei tão cruelmente. Não compreendo como foi aquilo... Estaria bêbado? Mas havia também o frio, e eu estava transido, gelado... Não sei. Acredita-me Nadia? Tem de me acreditar que a amei sempre...

Wladimir calou-se, os olhos febris, esgotado pelo esforço de contar aquela história. Quando ergueu o rosto notou que o olhar dela era franco e luminoso. Mas Nadia sorria, um sorriso como ele nunca vira. Dir-se-ia que era feliz, estranhamento feliz.

— Sorri, Nadia? — disse ele perturbado.

— Era o Wladimir... respondeu ela, ainda incrédula. — Como é possível que não nos tenhamos reconhecido? — Wladimir ficou um largo momento sem poder dizer qualquer palavra. Seria possível? Fechou os olhos, depois tomou Nadia nos braços, abraçou-a largamente, afastou-se um instante, acariciou-lhe depois o rosto com muita ternura. Nadia, a mulher que ele amava, a mulher com a qual ele era já casado havia quatro anos.

De mãos dadas, os olhos iluminados pela felicidade, caminhavam para casa.

No terraço esperava-os a senhora Kutusov. Pela maneira como eles se aproximavam, compreendeu que Wladimir acabara de se declarar. Mas o que ela não sabia ainda era a verdade, a estranha verdade.

Adaptação de Natércia Lima Bastos

FIM

O COMUM DE OIS

No Reino de Pacheco, como em qualquer Reino antigo ou moderno, o substantivo comum é necessário ao homem como o pão para a boca. Começamos a ouvir falar nele na segunda classe adiantada das escolas primárias e morremos com um substantivo comum na boca que nos dispensamos de reproduzir. Tal substantivo destina-se aos mortais que por cá ficam.

Mas a gramática oficial tem uma variante que importa considerar: o substantivo comum-de-dois, também chamado epiceno. Pegue-se na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e recorde-se: *Epiceno*. Lá vem: «GRAM. São epicenos os nomes de animais que designam indiferentemente o macho ou a fêmea».

Os epicenos não são tão pouco identificáveis como possa depreender-se da definição acima. Pelo vestuário, pelo tom da voz, por certas expressões e modos de andar denunciam-se logo como epicenos. E são comuns, substantivos e de definição fácilima.

Estes epicenos são actualmente um adorno da civilização. Com substantivos dessa ordem escreveu o Sr. Roger Peyrefitte o célebre «Exilado de Capri».

Mas deixemos o «Mundo sob o Signo Wilde» e passemos ao «Mundo sob o Signo Pacheco».

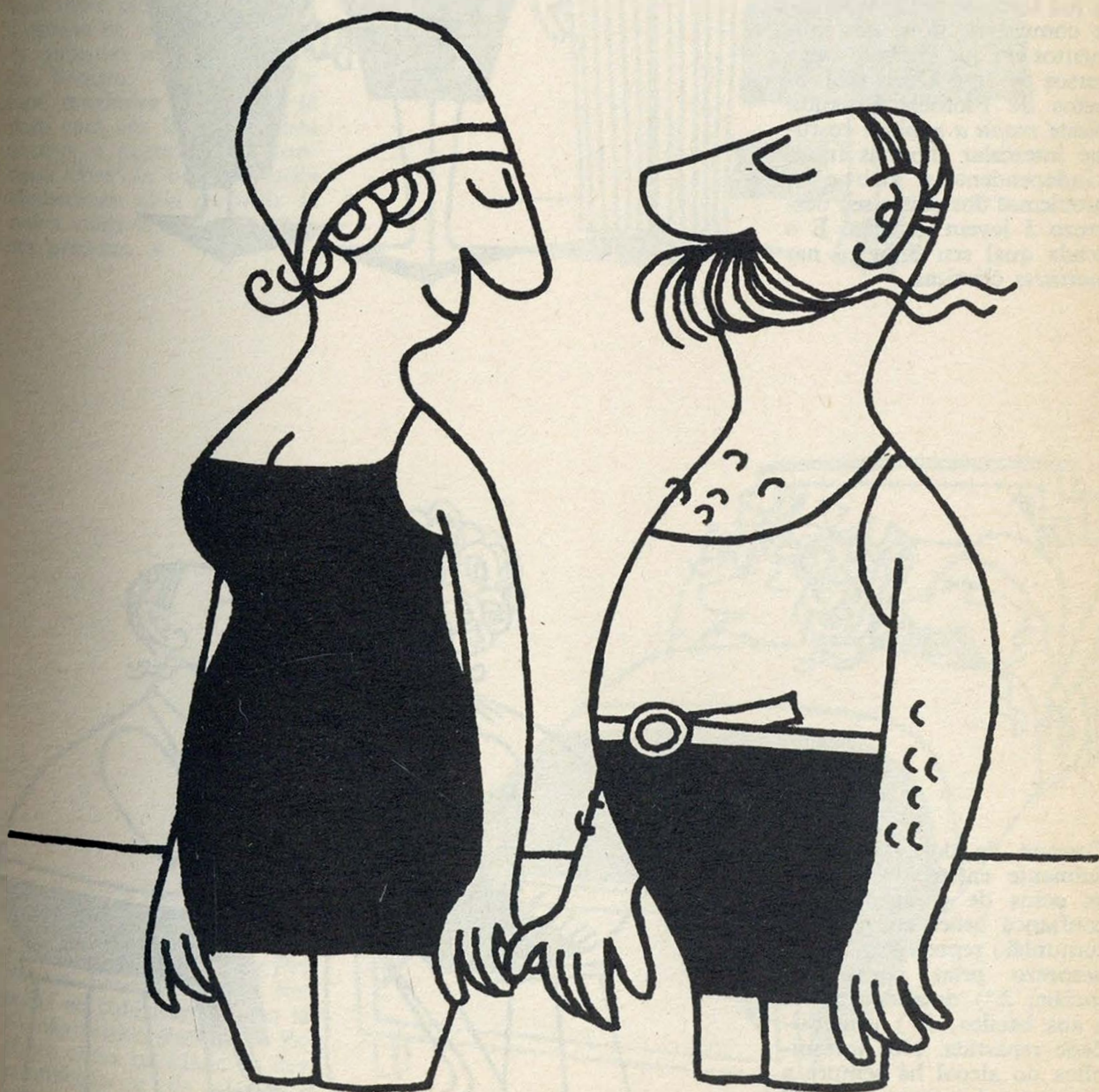
Neste Universo, como se sabe, há imensos substantivos comum-de-dois. Certos momentos da vida, certo copo por onde dois bebem um «whisky», certos calões com que dois se insultam a sós. Há carros de dois lugares, tipo desportivo, que são comuns de dois mas neste caso é bom evitar juízos precipitados. Na prática esses carros são comuns a muitos mais do que dois e há tabuleiros de xadrês nas casas de grande frequência nos quais, embora joguem dois, acabam por jogar afinal todos os «mirones» que assistem ao combate glorioso.

Mas afinal que outra coisa há mais comum a dois do que o amor? O amor, essa sublime dádiva, esse estado de sítio em que se colocam duas almas eleitas — oh, como é diferente o amor no Reino de Pacheco! É um substantivo gramaticalmente comum mas socialmente comum-de-dois em toda a parte deste mundo — e até no Reino de Pacheco, *malgré* «Monsieur» Le Cardinal Dantas.

O amor, comum-de-dois... João Abel Manta atira para cima da mesa dos solícitos escribas de Almanaque o testemunho vivo desse capítulo existencial de Pacheco. Como se vê, captou-o nos mais ínfimos pormenores e com a agudeza própria de quem tem bom aparato estilográfico. O leão domesticado da Metro Goldwyn Mayer dá o seu ronco tremido, ouve-se a palavra mágica «Acção!» e as actualidades pachequianas começam ao som da valsa «Algés, Flor do Tejo» com letra do *Noivado do Sepulcro*.

No princípio era o Verbo. Eu banho-me, tu banhas-te, ele banha-se... Lembrado de tradição marítima, Pacheco fez a sua declaração a rigor, isto é, em fato de banho segundo as regras dos cabos-de-mar. E embora voltado para os oceanos, não vai fora de pé. Compreende-se: no amor, um passo em falso pode ser mortal.

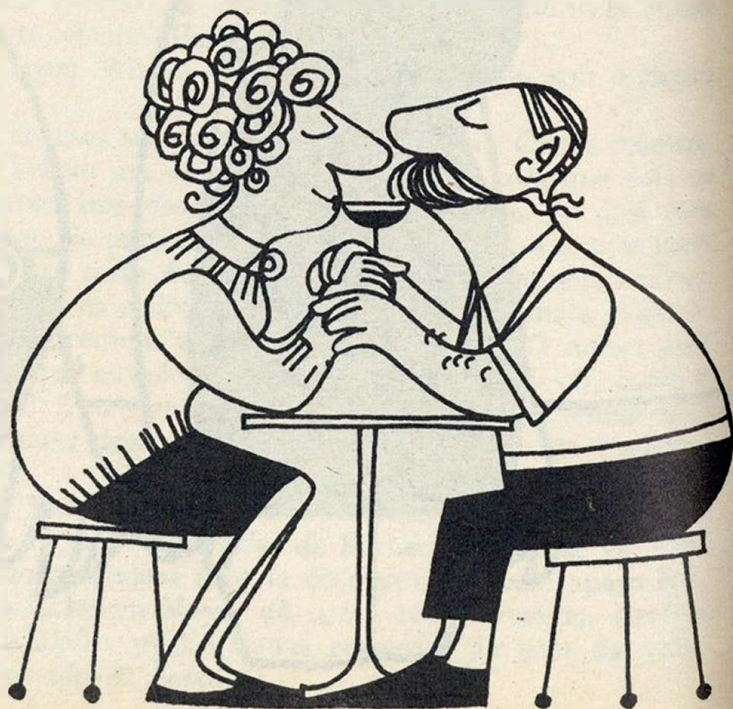
desenhos de João Abel Manta



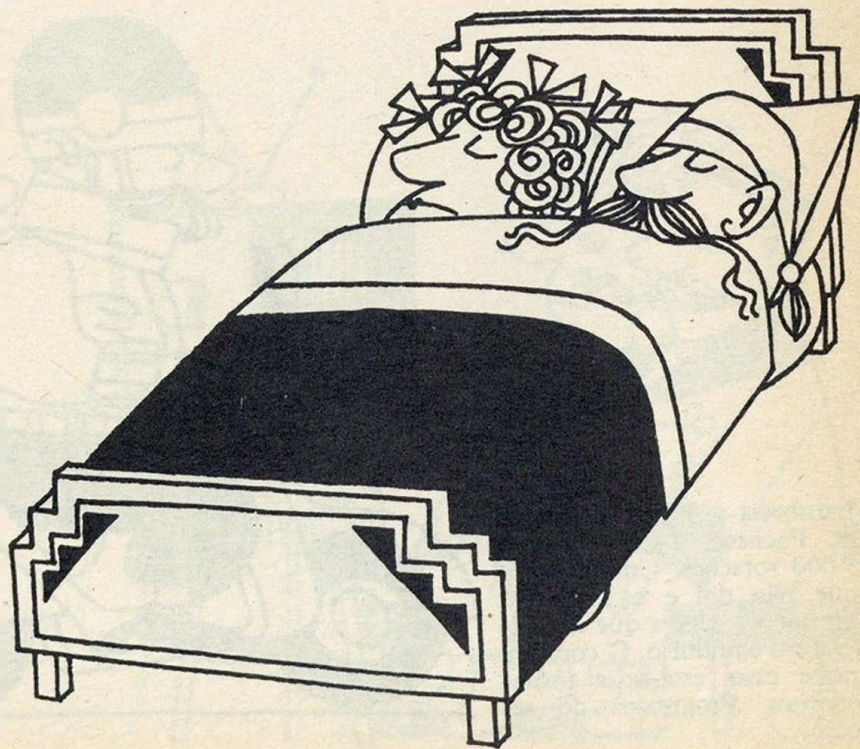
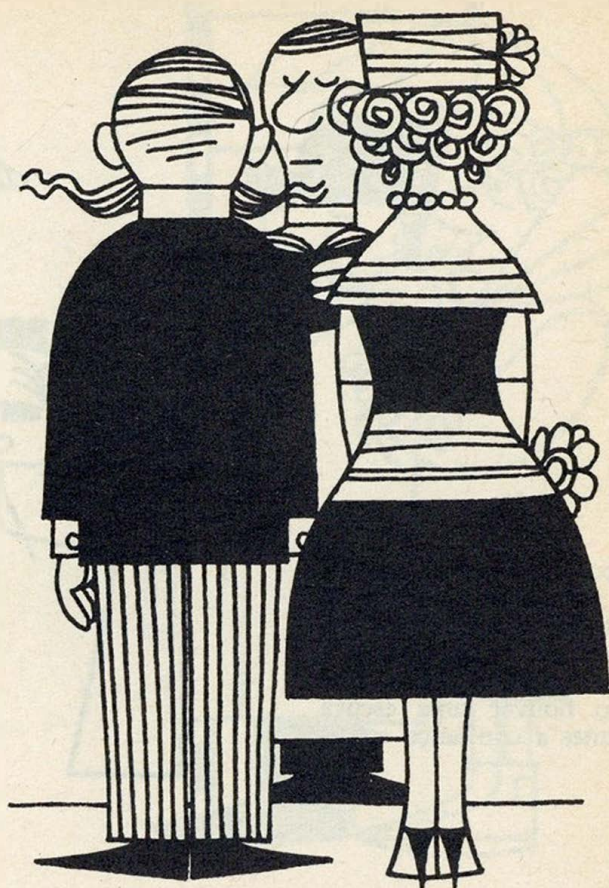
Saint Germain - sur - Arieiro. A lua torna-se exclusivamente comum de dois, nos momentos em que Pacheco troca versos de José Duro por sonetos de Florbela Espanca. Neste *manu a manu* é costume intercalar algumas frases «independentes» sobre os problemas dos pais e seu desprezo à jovem geração. E o «cada qual seu bilhete» nas *matinéés* clássicas.



Comum de dois (intencionalmente enaltecido). Entre os actos de coragem e de confiança beber em perfeita comunhão representa: 1.º) O desprezo pelas convenções sociais; 2.º) desafio à morte e aos bacilos; 3.º) generosidade repartida. Nos inferninhos do alcool há sempre a esperança de encontrar 50\$00 na garrafinha de Vermute.



Casamentos em Tânger, nunca! Um Pacheco é cidadão de regras estritas de bem com a moral e a tradição. João Abel Manta não obteve o *cliché* essencial à curva da vida deste cidadão exemplar: o retrato na sacristia, quando os nubentes assinam o livro de Registo. «*Consumatum est*», murmura o sacristão lá para com ele. E o jornalista encerra a reportagem mundana com as originalidades conhecidas: «Na *corbeille* da noiva viam-se lindas e valiosas prendas...»

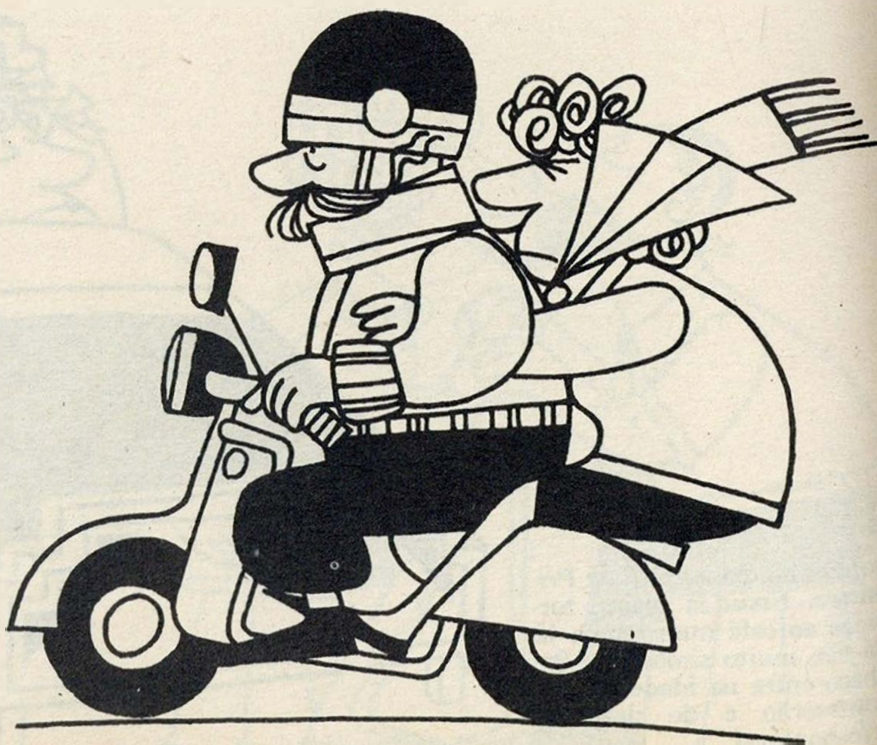


Sonhos em comum. *Fase Primítiva*. Freud a meias, torradas ao café num «toma lá, dá cá» muito simbólico. Pacheco entra na idade da descontracção e do despertar irresponsável.

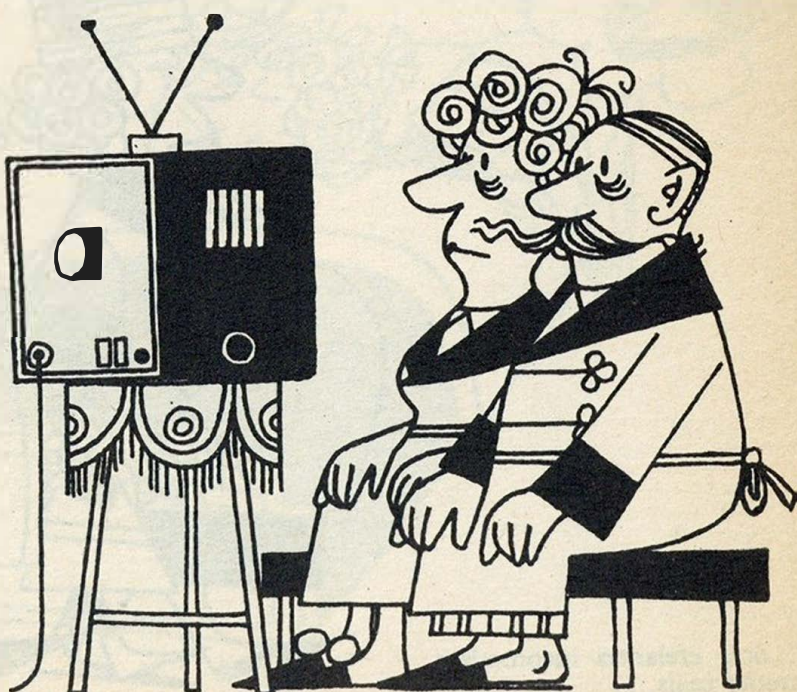
O copo (de whisky) em comum tornou-se devaneio de juventude. A intimidade vai mais longe: micróbios a meias, higiene a meias. Enquanto houver uma escova de dentes a confiança continua.



Lambreta-se muito no Reino de Pacheco. Lambreta-se a 5 000 rotações. Uma entrada que não doi e o resto em prestações suaves que não alteram o equilíbrio. O comum, neste caso, está-se a tornar comum. Progressos do século...

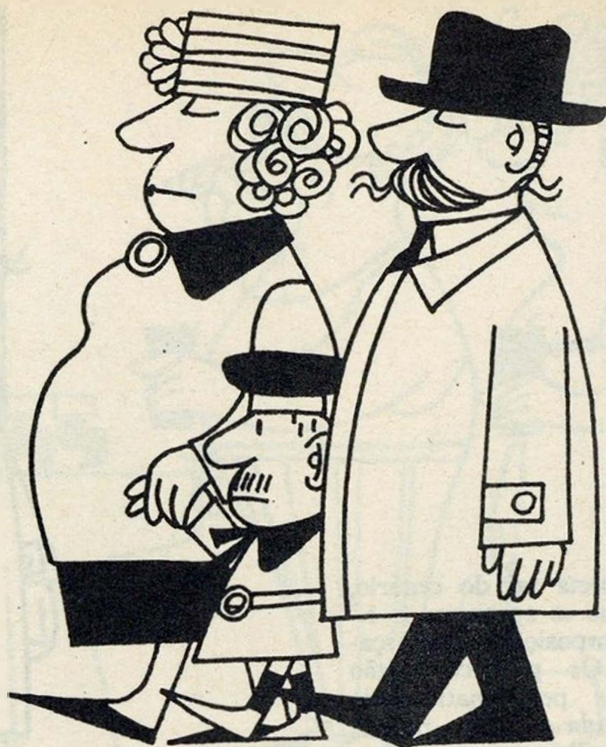


A Lambreta sai do cenário, assim que se aproxima o 1.º filho. Imposições do orçamento. Os pachecos estão unidos pelo matrimónio para a vida e para a morte; para o melhor e para o pior. Para dois lugares ou para a corajosa renúncia no caso de só haver um disponível no autocarro.

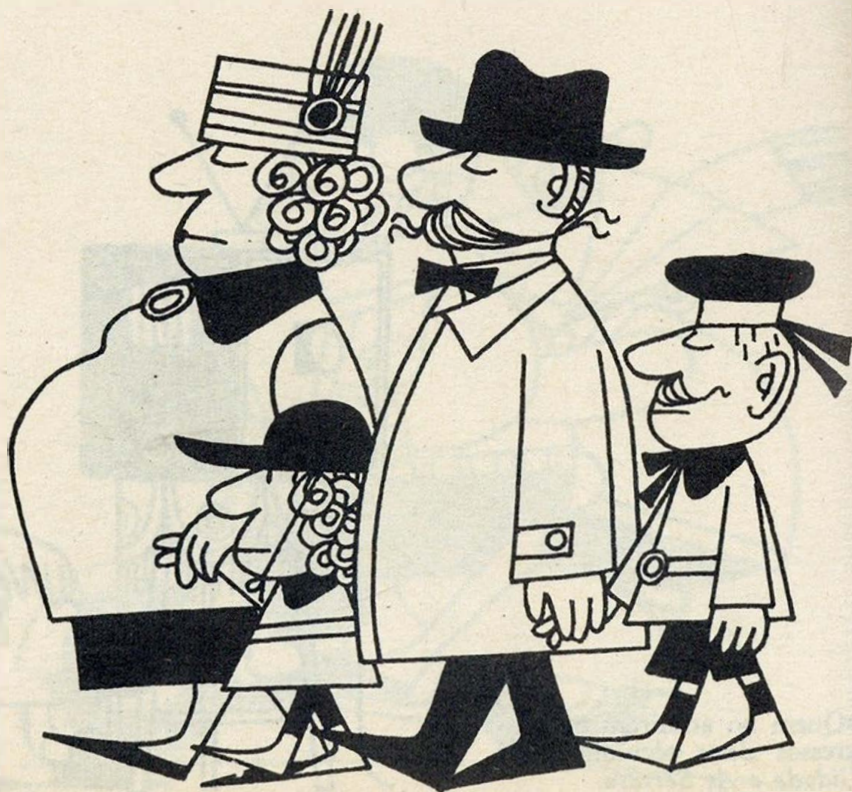


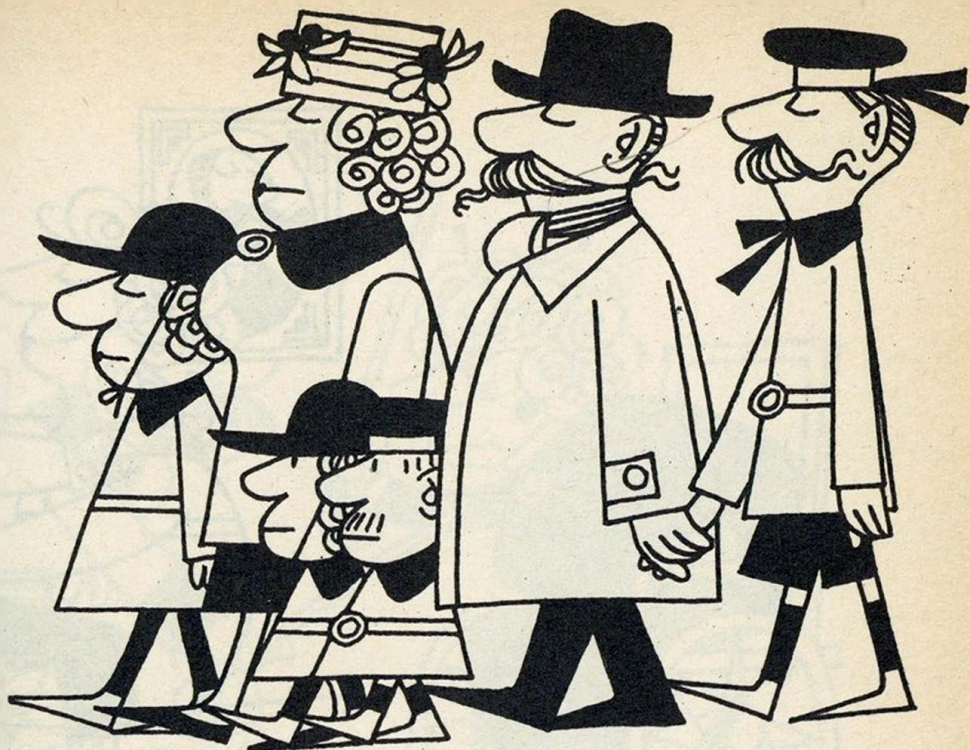
«Quem no admirará os progressos deste século?» — «A Cidade e As Serras».

Se um elefante incomoda
muita gente...

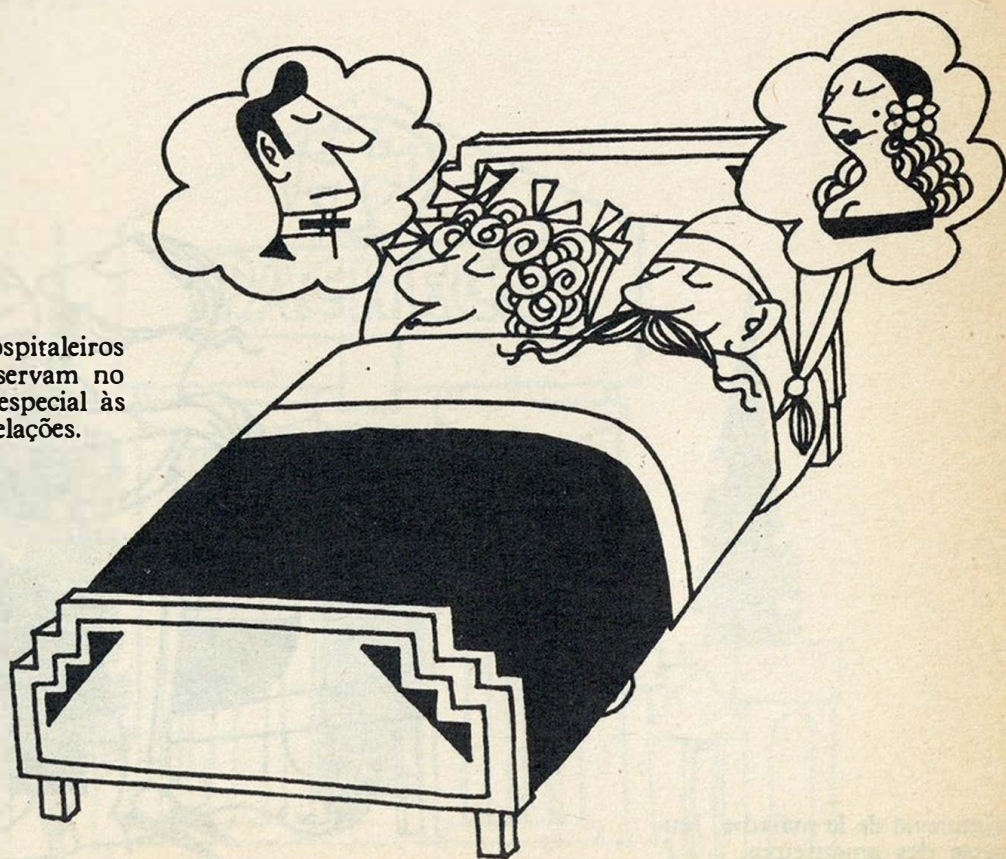


...dois elefantes incomodam
muito mais...





...se dois elefantes incomo-
dam muita gente... «après
moi le déluge».

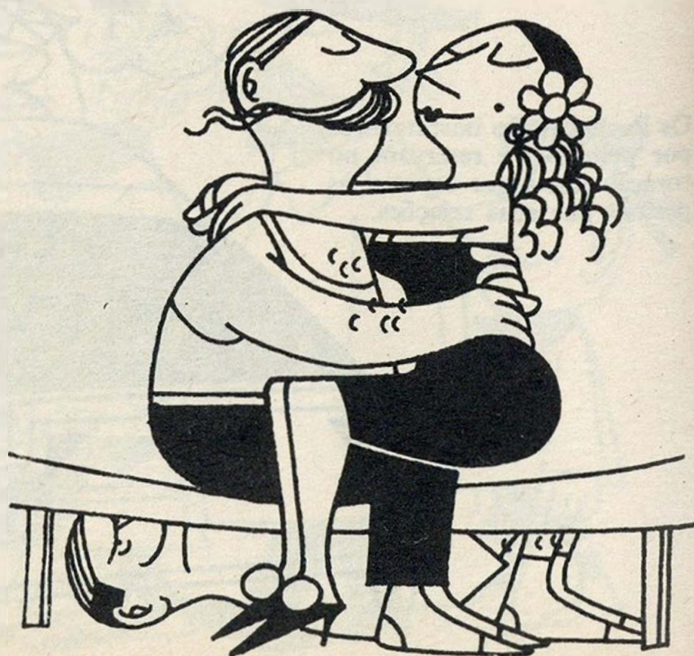


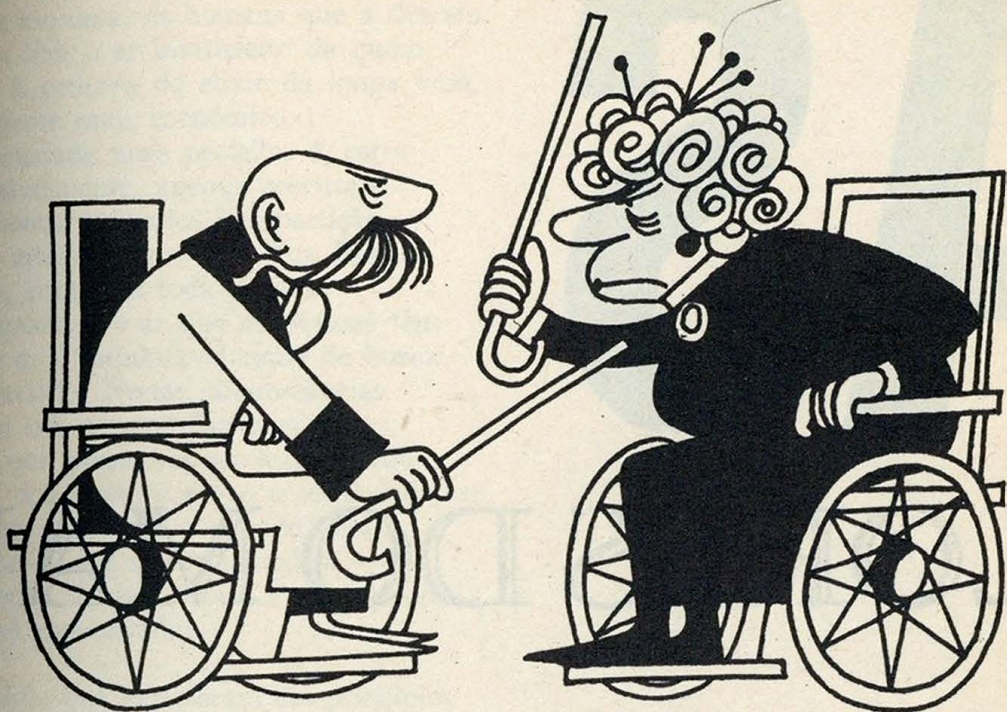
Os Pachecos são hospitaleiros
por princípio e reservam no
coração um lugar especial às
pessoas das suas relações.

«Maladie d'amour, maladie
de la jeunesse».



«Jeunesse de la maladie, Jeu-
nesse des amoureux».





Da «Sabedoria de Pacheco»:
*Os solteiros acabarão os seus
dias, solitários e sem o cari-
nho dos seus...*



AS

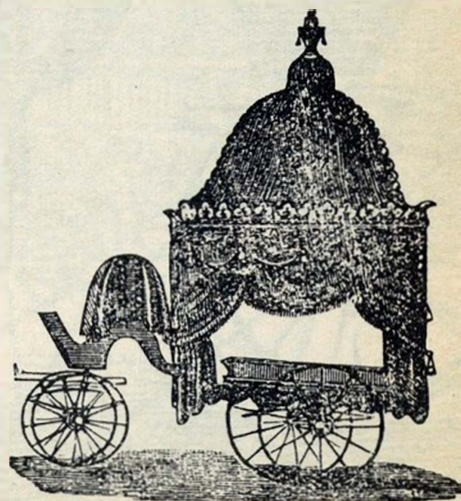
FLORES DO MAU

ALGUMAS GARFADAS
EM BROCOLOS, GRELOS
E NOUTROS LEGUMES
DA CONSIDERAÇÃO PÚBLICA

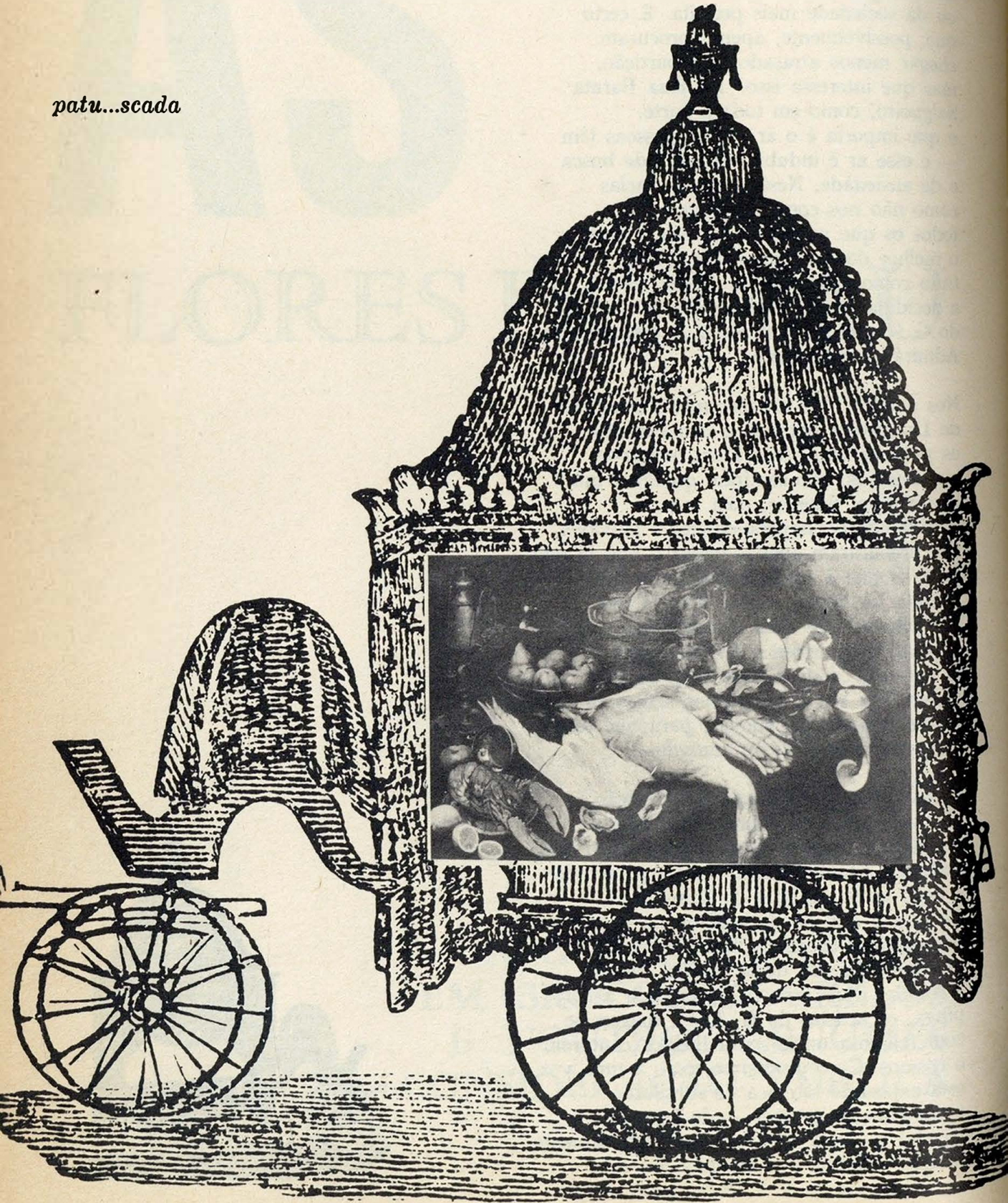
Mesmo na Rua Barata Salgueiro,
verdadeiro oasis de paz nesta Lisboa
agitada e inquieta, os homens que a descem
ou sobem têm o ar insatisfeito de quem
continua à procura do elixir da longa vida,
do detergente mais económico
ou da sociedade mais perfeita. É certo
que, possivelmente, apenas procuram
chegar menos atrasados à repartição,
mas que interessa isso? Na Rua Barata
Salgueiro, como em toda a parte,
o que importa é o ar que as pessoas têm
— e esse ar é indubitavelmente de busca
e de ansiedade. Nestas circunstâncias
como não nos congratularemos nós,
todos os que pensamos ser este mundo
o melhor dos mundos e que o ideal é deixar
tudo como está, com a atitude ousada
e decidida — tão alheia a modas! —
do G (rupu) de A (rtistas) P (ortugueses)?
Admirável espectáculo!

Nos quadros que expuseram em princípios
de Dezembro, humilde e heróicamente,
os pintores não procuraram buscar-se
a si mesmos, não sentiram qualquer inútil
inquietação. Serenos, com uma
auto-satisfação impressionante e louvável,
eles procuraram apenas imitar o que já está
feito. E não é verdade que neste nosso
planeta há muitas coisas bem feitas?
Um planeta que além dos repolhos e das
nabiças, dos melões e dos morangos
já nos deu Giotto e Cézanne pode bem
passar sem novas conquistas artísticas.
De facto para quê enovar, para quê reagir,
para quê buscar novos caminhos?

E assim nesta reconfortante exposição
não são apenas os primores do estilo
imitativo e desprovido de originalidade que
podemos admirar. Interessa-nos sobretudo
a lição moral, a lição de humildade.
Perante o que há de sublime na natureza,
o prodigioso encanto duma abóbora
ou duma lagosta, duma mulher nua
e rosada, duns homens apreciando a bela
pinga, os artistas do G. A. P. apagam-se
com religiosa unção para melhor cantarem
o cosmos. Coro prodigioso, coro a uma voz,
esta exposição tão rica de subtilidades
é um grito de pacatez — de fecunda
pacatez — num universo que ingenuamente
procura evoluir. Ela assegura-nos que
os artistas do G. A. P. defenderão sempre
os seguros valores da rotina, do amor
tão visual pelas hortaliças, pela boa pinga,
pelas belas mulheres



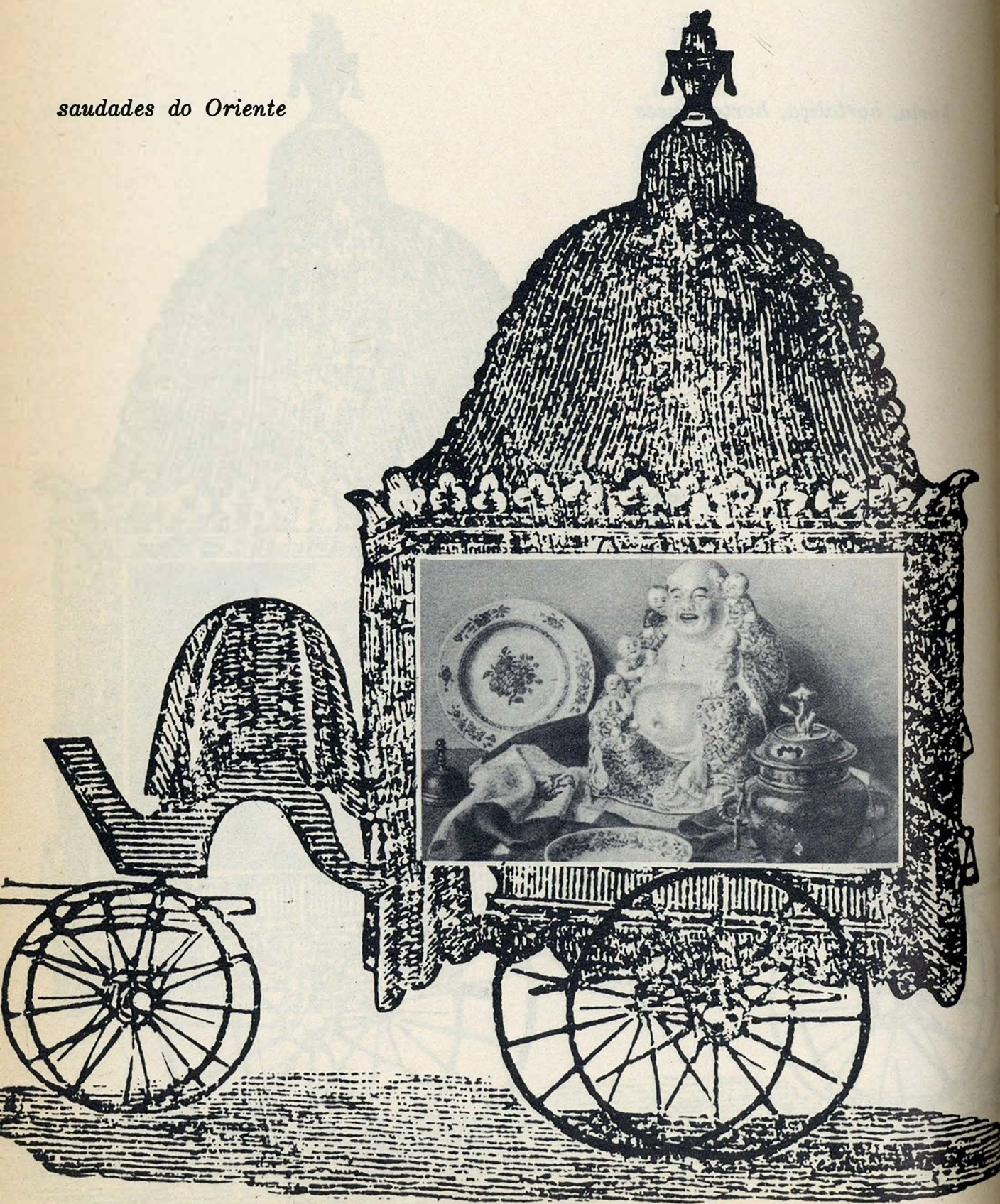
patu...scada



horta, hortaliça, horta...enses



saudades do Oriente

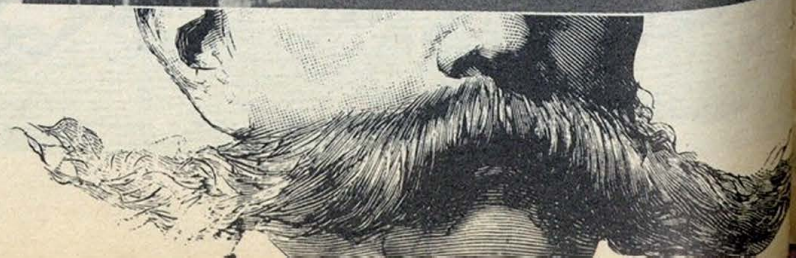
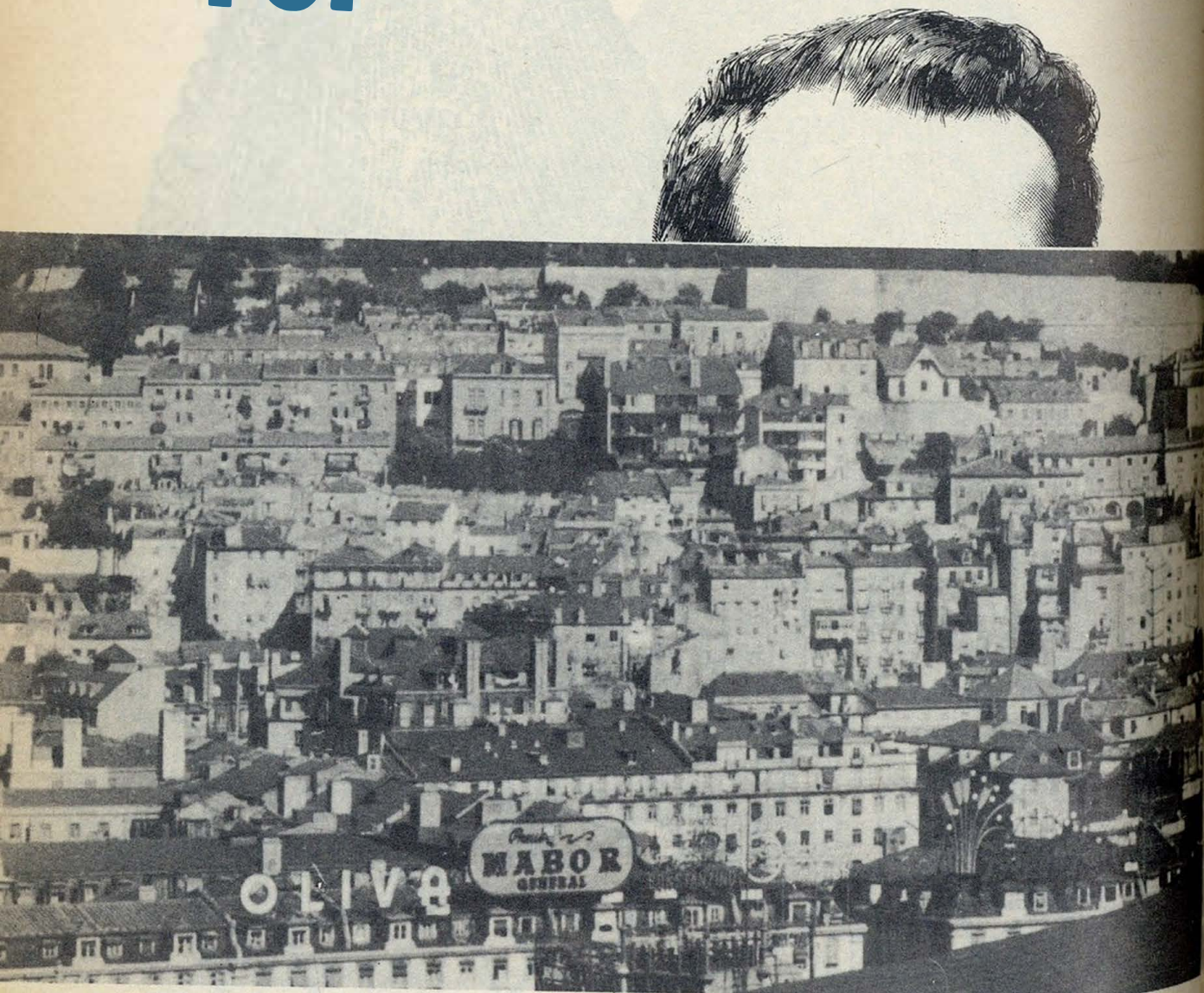


Abóbora...!



carta de guia do lisboeta arrependido

rei capitão



lisboeta-peão

Verdade incontroversa: todos os lisboetas nasceram na província. Mas uma verdade nunca deve ser confessada aos quatro ventos senão depois de elaborada ponderação. Nas esquadras da polícia é, de facto, aconselhável não mentir. Mas no barbeiro, na modista, no alfaiate, convém que nos confessemos lisboetas de nascimento, sob pena do nosso prestígio se empobrecer. Porém, que ninguém se atreva a confessar-se lisboeta a uma boa família. Pois não é verdade que todas as boas famílias nasceram no campo?

Nessas circunstâncias, impõe-se-nos mesmo uma frase de reforço:

— Adoro o campo! É uma vida tão natural, tão sã, tão calma! Nada que se compare com a intensidade inútil desta vida de Lisboa! — Uma pausa, um olhar um tudonada embaciado, onde se pode ler um misto de saudade e de tristeza: — O meu desejo seria viver e morrer entre as árvores, os regatos, as giestas em flor...

Delicadamente, o nosso interlocutor deve objectar:

— Meu amigo, não diga isso! Com o seu espírito, o seu gosto requintado...! Podia lá v. ir enterrar-se na província!

Lisonjeados, devemos acrescentar:

— Está enganado, sou homem de gostos simples, sempre fui...

Mas ser lisboeta e ter nascido em Alguadares-de-Baixo também levanta alguns problemas. O principal é este: o das visitas de um conterrâneo.

Nessas circunstâncias, o lisboeta que se preza, tem de mostrar bem que o nascimento na província foi um acidente. E, em dado momento, deverá deixar cair esta frase inofensiva: «Sou um lisboeta de gema, sabes?»

Ser lisboeta de gema significa:

1 — Conhecer muito bem os *dancings* e *bars* de Lisboa. Mas seria ingenuidade dizer: «Eu conheço todos os *bars* de Lisboa». O lisboeta de gema actua com subtileza. Assim, será no meio de uma conversa sobre qualquer outro assunto, que dirá: «Há mais de três meses que não vejo o Guedes! Deixa ver... É isso! A última vez que estive com ele foi na *Tágide*. Eu tinha lá ido com... Espera... Estou a mentir. A última vez que o vi foi no *Carioca*. Eu tinha lá ido beber um uísque...», pronunciado com naturalidade e indiferença. Esses nomes criam, necessariamente, no lisboeta de gema um grande prestígio, a insinuação de que «ele é que a leva direita!...» (expressão extremamente provinciana).

2 — O lisboeta de gema deve dar a entender ao seu amigo da província que não pode jantar com ele na quinta-feira porque é o dia em que o Dario recebe. Não importa que o Dario não exista, mas o lisboeta de gema deve pronunciar-lhe o nome, com tal autoridade, que o outro fique envergonhado de não saber quem é. O lisboeta de gema poderá acrescentar, para conseguir maior efeito: «O Dario, sabes?»

— Perfeitamente — dirá o outro, um tudo-nada corado.

— A mulher é muito simpática — dirá o lisboeta de gema — e a filha.

Lisonjeador, o outro poderia dizer:

— Grande maroto! — mas o melhor será ficar calado.

— Na semana passada estava lá em casa Fulano de tal. Conheces? O subsecretário...

3 — Outra coisa se impõe: conhecer muita gente. A demonstração desta falsidade (porque o lisboeta de gema, no fundo, não conhece ninguém) deve ser feita no Chiado, às seis e meia da tarde (às dezoito e trinta, na linguagem do nosso homem). O lisboeta de gema tirará o chapéu à direita e à esquerda. Na falta do chapéu, dirá: boas-tarde (e não «boas-tardes» — porque o final é demasiado provinciano). Por cada cumprimento fará um comentário:

— É o Manuel Hesíodo, grande companheiro de umas jantaradas... ou então: — É a Helena dos Santos, uma boa amiga... etc.

Pensar-se-á: e o risco dos cumprimentos não corresponderem aos cumprimentos? E ainda: não poderá acontecer que alguns deles digam: «Mas eu não o conheço»? É claro que há sempre esse risco. No último caso o lisboeta de gema deverá dizer: «Ter-me-ei enganado? Não nos conhecemos no jantar da baronesa de X?» Remédio santo: lisonjeado, o outro defender-se-á atrás de um «talvez». Razão: o outro também era

um lisboeta de gema. Quem sabe se não estaria também acompanhado por um amigo da província? Quem sabe se esse golpe não terá ido ao encontro dos seus desejos? Pelo menos ia ao encontro da sua vaidade, o que já não era pouco.

E, no entanto, um incidente desse género é, apesar de tudo, raro. Quando alguém é cumprimentado de surpresa, não tem tempo de se refazer da surpresa. E quando se refez, já é tarde. Na maior parte dos casos — na dúvida — retribui o cumprimento. A verdade é que por cumprimentar a mais nunca veio prejuízo a ninguém...

4 — No «café», no engraxador, no cinema, o lisboeta de gema deve tratar sempre aqueles que o servem por tu, mesmo — e sobretudo — que tenham cabelos brancos. Assim procedem as pessoas de bom-tom e o nosso herói não pode deixar os seus pergaminhos mal defendidos. «Rapaz! Vai ali comprar uma caixa de fósforos!» — «Traz-me uma «bica»!» — «Troca-me esta nota!» O tratamento por «tu» tem, além de mais, a virtude indiscutível de mostrar que o lisboeta de gema está à vontade. Mas não basta tratar os criados por tu. É preciso — o que somente se consegue depois de uns meses de trabalho — que eles mostrem conhecer de longa data o lisboeta de gema. Por isso este deve ter familiaridades do género: «Ouve lá, João! Como está o teu pequeno?» E em à parte, para o amigo da província: «Tem o filho doente, ganha mal, uma miséria, enfim! Tive de o levar ao

médico!), porque a generosidade fica sempre bem a um cidadão de Lisboa.

5 — Mas — e isto é o mais difícil — o lisboeta de gema, se quer de facto fingir que é de gema e de Lisboa, tem de saber, de cor, os nomes das ruas da cidade e as respectivas localizações. Imagine-se que o amigo da província lhe pergunta onde fica a Rua Saraiva de Carvalho e que ele hesita! Todo o seu prestígio se perderá ingloriamente, o lisboeta não tem, pois, outro remédio: compra um roteiro ou toma lições com um motorista de praça. Com aplicação, com paciência, o lisboeta de gema deverá decorar tudo muito bem decoradinho. Depois, perante o amigo da província, poderá fazer um vistão. E dizer coisas neste género: «Não conheces a Praça da Ribeira, às seis horas da manhã?» É claro que o homem da província não conhece, nem quer conhecer: «É muito interessante, sabes?»

6 — Além do mais o lisboeta de gema deve saber onde se come bem em Lisboa. Mas — ponto fundamental — não deve citar os restaurantes onde, é evidente, que se come bem. Deve citar, sim, umas casas de pasto que só ele conhece, geralmente fora de portas, ou quase.

— Olha, «pá»! Esta noite vamos comer ao Guedes.

— Onde é?

— Come-se lá uma caldeirada! Pouca gente conhece, estes lisboetas são uns bár-

baros, não sabem comer... E há lá um vinho verde!

Sobem para o táxi. Com um ar à século XIX, o lisboeta de gema manda bater para o Lumiar:

— Rua Miguel dos Santos, 14 — declara, depois de consultar na agenda a indicação que lhe dera um amigo lisboeta, cujos gestos e costumes o nosso herói imita. Um desses amigos que sabem tudo, que são a imagem perfeita do lisboeta sem-mestre, um desses lisboetas, que encontra pessoas na *Tágide* ou no *Carioca*, que jantaram em casa do Dario, que tratam os criados por tu, que sabem os nomes das ruas de Lisboa, e já foram ao mercado da Ribeira às seis horas da madrugada.

— Sim, homem. Fica no Lumiar...

— Ah, pois...

O táxi corre através de Lisboa, rumo ao Guedes. O motorista insiste:

— Não me recordo bem onde é...

Nem poderá recordar-se. Porque o que caracteriza também o lisboeta de gema autêntico é saber pregar uma boa partida àqueles que se fingem lisboetas de gema. E, assim, o nosso herói fora enganado pelo tal amigo lisboeta que lhe dera a morada do restaurante. Enganado em todos os sentidos: porque não havia o restaurante, nem sequer a rua...

— Mas tu não tinhas dito que ias lá muitas vezes? — perguntará o homem da província, descobrindo, finalmente, que o amigo é um fantasista.



BREVE VIAGEM GASTRONÓMICA AO ALGARVE

A história da cozinha portuguesa pode dividir-se em dois períodos distintos: aquele que precedeu a descoberta do «pudim de Flan» e o período actual. É que, segundo consta, até à descoberta do já mencionado «pudinzinho», comia-se bem em Portugal. Foi aos nossos pais que coube a honra de esquecer a comida portuguesa, uma honra que todos andamos fazendo o possível por herdar, com uma eficiência que, a revelar-se noutros campos, certamente nos traria grande fama e proveito.

Actualmente come-se muito mal neste jardim da Europa à beira-mar plantado. Em Portugal «dia a dia Deus melhora» e a comida piora. É claro que a culpa não é, apenas, dos homens, já que a natureza não dotou o país de géneros alimentícios de primeira qualidade. O nosso clima, seco e quente, não favorece as pastagens que são necessárias à criação de gado, o que talvez explique certos «bifes à portuguesa» que por aí vegetam e certos vegetais do nosso mercado que, também por causa do clima, são duros como bifes da «nouvelle vague». Se alguns produtores de fado e vinho tinto que, por nunca terem saído do país, continuam a in-

sistir em que os legumes, tal como o fado e o mar, são invenções nacionais, é lá com eles.

Rezam as crónicas que já houve em tempos fruta comível na nossa terra mas, como todos sabemos, essa fruta ou foi comida pelo bicho, ou tuberculizou, ou emigrou em massa para as charcuterias mais caras da Baixa. O que chega à Praça e às nossas mesas não justifica qualquer elogio. Se exceptuarmos algumas laranjas deliciosas, dois ou três melões «que saem bons» e as uvas, não teremos nada de que falar. Os próprios queijos de que tanto nos gabamos não tem categoria internacional e, se exceptuarmos o queijo da serra, o queijo de Azeitão e alguns queijos de Serpa, o que nos resta só adquiriu fama à custa do velho provérbio: «Em terra de cegos quem tem um olho é rei.»

Duma coisa, porém, nos podemos gabar: temos o melhor peixe da Europa. Em matéria de peixe ninguém nos bate e se nos tivesse sido possível mandar às Olimpíadas as nossas pescadas, os linguados da Costa, salmonetes de Sesimbra, os nossos chocos, certamente teríamos obtido resultados dignos de aplauso, o que, como todos sabemos, não aconteceu.

Claro está que temos tido o maior cuidado

em estragar o peixe, em cozinhá-lo por vinhaça e de má fé. E claro que, na travessa, o nosso peixe fica irreconhecível e parece nada ter de comum com o peixe que vimos sobre a mesa da cozinha. A culpa é nossa e não do peixe. Em data que não podemos precisar deve ter-se realizado em qualquer anfiteatro o Congresso Nacional das estragadoras do peixe português.

Por motivos que desconhecemos, as congressistas devem ter deliberado que há três formas de cozinhar peixe: cozê-lo, fritá-lo e caldeirá-lo. Inútil será descrever em que consistem. Todos sabem o que é pescada cozida, pescada frita e caldeirada. (Ou aquilo a que chamam caldeirada...)

O que certamente foi ignorado na dita assembleia é que há outros processos de preparar peixe e que a cozinha popular portuguesa é fértil em receitas deliciosas que os nossos excelentes pais perderam, no dia exacto em que descobriram umas receitas de copiar (mal) um tal molho francês que dá pelo nome de Mayonnaise e que os portugueses adoptaram para disfarçar uma ignorância culinária indisfarçável.

A nossa ignorância a respeito da nossa própria comida pode ser avaliada pelo facto que

passo a expor. Uma senhora americana, Sula Benet, resolveu publicar um livro de culinária com receitas dos pratos típicos dos dias de festa em toda a parte do mundo. A fim de obter essas receitas recorreu a indivíduos particulares e aos organismos de turismo dos diversos países nos E. U. Estes apressaram-se a fornecê-las. A autora, agradecida, indica na página 11 do seu livro, a origem das suas informações e lá figura a Casa de Portugal, como fonte das informações da nossa terra. A ementa portuguesa, indicada para o dia da Ascensão, é a seguinte:

Azeitonas
Sardinhas (de conserva)
Sopa de cebola
Bacalhau à portuguesa
Galinha corada
Cestinhos de verdura
Ovos Nevados

O autor destas linhas, ao receber o livro, ficou perplexo. Que seriam os cestinhos de verduras? Lá está a receita: cestinhos de massa folhada com quadrados de nabo, de cenoura e de beterraba!

— Ao que as coisas chegaram!

— A fim de que esta receita possa chegar às mesas dos nossos leitores (não se vá perder mais este prato tradicional descoberto pela Casa de Portugal...) indicamos o nome do livro: «Festival Menus round the world», Sula Benet, editado por Abelard Schuman Limited, New York.

Mas nem tudo está perdido, honra nos seja feita. Ao pensar em peixe o bom português lembra-se, imediatamente do Algarve, esse Al Gharb distante e maravilhoso que é, em Portugal, o domicilio oficial do sol. Na verdade, gaba-se essa província de peixe excepcional e, a julgar pelo que dizem os Algarvios, indivíduos sobejamente conhecidos por falarem muito, só eles o sabem cozinhar. Entendemos que uma visita ao Algarve poderia ser útil aos leitores do «Almanaque» e lá fomos, com armas e bagagens, até essa Pasargada extraordinária que só agora começa a ser estragada pelos turistas. Devo dizer que deparámos, logo à chegada, com uma decepção. Na pousada de Lagos, ao almoço, pretendiam dar-nos aquele prato tão algarvio, tão delicioso e tão conhecido de todos nós que dá pelo nome de... pescada cozida com batatas!

Recusámo-nos a comer a pescadinha e lá fomos, batendo a várias portas, até des-

cobrir uma tasca onde nos abriram umas ameijoas que poderiam ter sido maravilhosas se... a dona da casa não tivesse vindo dizer que não havia limão!

Coisas da vida... portuguesa.

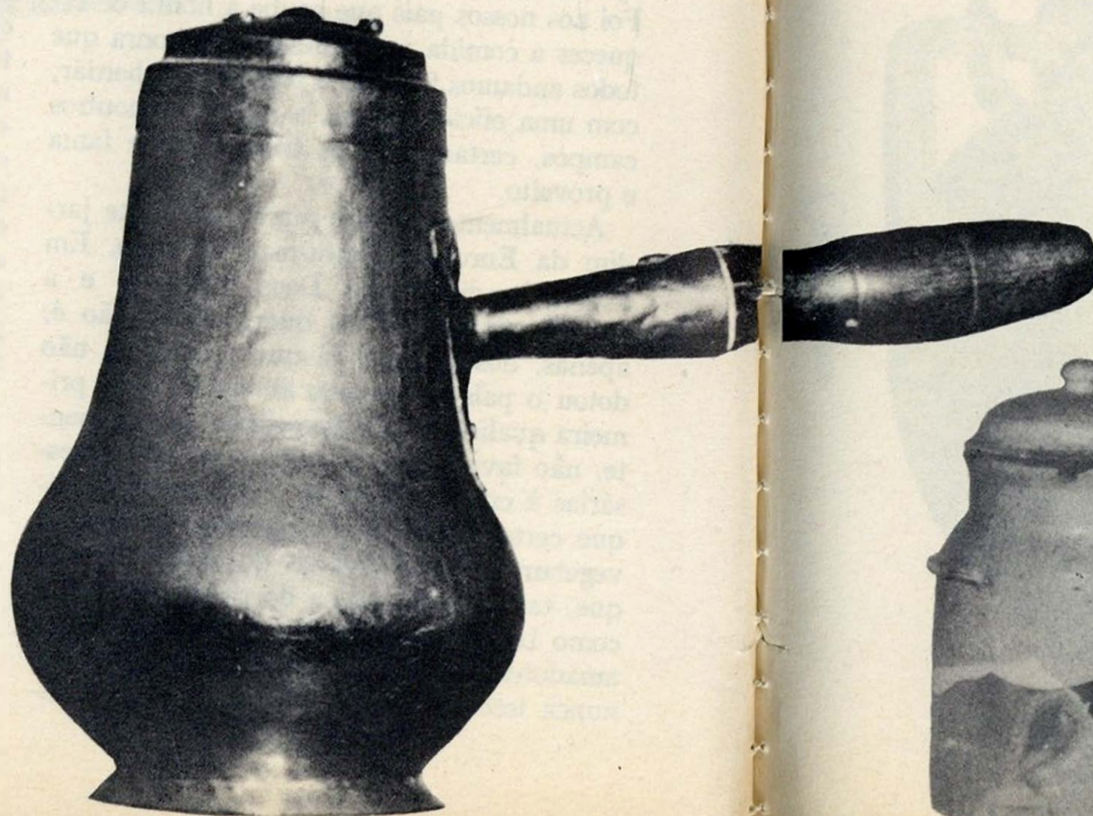
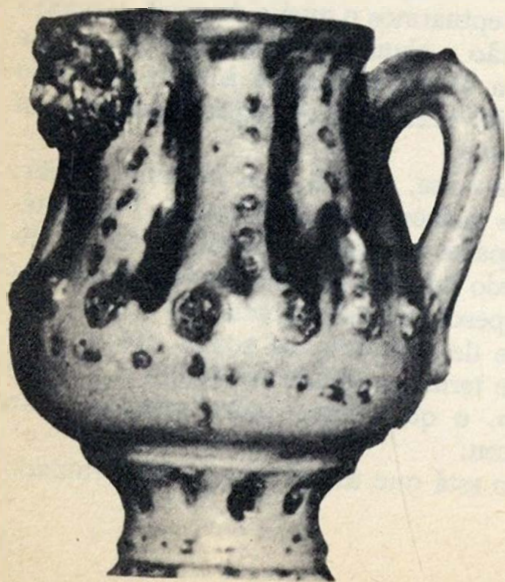
Por fim encontramos um algarvio, já velho, que nos falou com saudade da boa comida Algarvia e das receitas deliciosas que os mouros levaram com eles para tristeza dos cristãos.

No Algarve, porém, é possível comer-se bem. Para isso há que sair dos restaurantes e entrar nas casas particulares, já que os Algarvios, ciosos dos seus segredos, se recusam a revelá-los nos restaurantes onde, como no Minho ou no Ribatejo, se comem os portuguesesíssimos filetes com «molho de Mayonnaise».

Recomendamos aos leitores do «Almanaque» que experimentem esta receita, extraída da revista «Banquete», uma revista que aproveitamos para recomendar aos nossos leitores e que se impõe pela sua qualidade:

CATRAPLANA

Lave bem 4 quilos de ameijoas e ponha-as numa panela de pressão com um chouriço



de carne, 150 gramas de toucinho, uma garrafa de vinho tinto, um copo de vinho do Porto, sal, pimenta, salsa, cumentros e oregão. Leve ao lume até a panela criar pressão, deixe estar 6 minutos, tire do lume e ponha de lado, sem destapar, durante mais dez minutos. No Algarve cozinha-se a Catraplana em tachos de barro herméticamente fechados. Para isso, prendem a tampa com arames.

Já que falámos do Algarve, aqui fica outro conselho: antes de comerem o delicioso prato que recomendamos, bebam um copo do maravilhoso vinho D. Afonso. III da Adega Regional da Lagoa.

Disse Frei Lucas de Santa Catarina que «o vinho deve ter a veneração de todos, porque é o apito dos enfermos, as cócegas dos tristes, a gaita dos alegres, o melaço dos marotos, o mimo das damas, o beijo das freiras, a mecha dos moços e o borracho dos velhos».

Sigamos os conselhos deste bom frade que parece ter conhecido bem a vida. Tomemos, porém, cuidado, pois que

«O vinho é cousa santa
Que sai duma cepa torta;
Faz uns quebrar a cabeça
E outros errar a porta».

Com este vinho da Lagoa já o autor destas linhas «teve uma experiência infeliz» que não julga necessário descrever.

É também algarvia esta receita que recomendamos:

Cozem-se, sem cabeça e sem vísceras, carapaus salgados de véspera. Com a água em que foram cozidos, salsa e cebola muito picadas, azeite, vinagre, pimenta e um dente de alho esmagado, faz-se um molho com que se regam os carapaus. Acompanham-se com batatas cozidas.

Não seria justo terminar esta breve viagem gastronómica ao Algarve sem a receita dum bolo que meta amendoas...

Aqui vai uma:

Pôr ao lume 350 gramas de açúcar com água suficiente para o demolhar. Quando estiver em ponto de pasta tire do lume, deixe arrefecer e junte 250 gramas de miolo de amêndoa pisada. Leve o açúcar e a amêndoa ao lume para que esta coza. Tire novamente do lume, deixe arrefecer e junte: 9 ovos, uma colher e meia de farinha, duas colheres de sopa de gila e uma colher de café de canela. Polvilhe com farinha uma forma lisa e vase



lá dentro a massa que deve, também, ser polvilhada com farinha. Coza em lume vivo, desenfome e polvilhe com açúcar pilé.

Este bolo parece chamar-se bolo real. Podemos, porém, chamar-lhe bolo mouro para lhe dar cor local. Um outro nome que seria muito típico: Albolomouro.

Felizmente que nem tudo está ainda perdido em matéria de culinária, pois nem todo o «gourmet» que se preza anda com o apetite pautado pelas ementas dos chamados restaurantes típico-regionais. Por essas províncias lá aparece de quando em quando um refractário ao gosto geral da «mayonnaise» que, por isso mesmo, é capaz de tratar os nossos peixes com as honras devidas. O Minho tem pequenas especializações na arte de cozinhar peixes do rio, e em particular as trutas e os salmões. No que respeita ao peixe de água salgada é o Algarve que apresenta maior variedade e a julgar pelo que dizem os próprios algarvios parece que só eles têm o exclusivo de preparar umas tantas receitas que os mouros deixaram por cá e de repetir de memória umas outras tantas que os mesmos infiéis levaram consigo para desgosto dos cristãos.

A *catraplana* é um desses pratos típicos, um monumento da experiência algarvia que

de resto já foi apresentado pela revista «Banquete». Outros pratos populares de uma confecção simples e ingénua, como os *carapaus amados* não tiveram ainda semelhantes honras e encontram-se aristocraticamente votados ao esquecimento.

Usando a terminologia gastronómica, sirvam-se estas especialidades na hora própria e regadas a bom vinho porque o vinho, como muito bem disse Frei Lucas de Santa Catarina, «é o apito dos enfermos, as cócegas dos tristes, a gaita dos alegres, o meloço dos marotos, o mimo das damas, o beijo das freiras, a mecha dos moços e o borracho dos velhos.»

Preste-se-lhes as honras do vinho. Um prato algarvio de qualidade merece que se lhe garanta a cor local com um copo de vinho branco da Lagoa — um D. Afonso III, por exemplo — a abrir a refeição. Presta-se assim a justa homenagem à *catraplana* ou aos *carapaus* com molho de mar, exemplos acabados de uma tradição abafada pelo estilo filete oficialmente aprovado.

E já que o vinho serviu de prefácio, remate-se a refeição com um epílogo à altura: um doce — de amêndoas, evidentemente. Ficam os apreciadores satisfeitos e não se desiludem os turistas...





a nova academia literária (em letra de imprensa)

Que o futebol é em si mesmo um dos problemas mais importantes do nosso tempo, ninguém duvida. Ele preside aos destinos dos homens. Abel a primeira coisa que faz quando lhe nasce um filho é inscrevê-lo como sócio do *Almirante Reis F. C.*. E, mais tarde, acabará por morrer com uma síncope cardíaca no momento decisivo em que o seu grupo falhará uma grande penalidade. O mesmo Abel, antes de morrer (bem entendido), deslocar-se-á ao Porto para apoiar o seu clube, descobrindo de súbito os duzentos escudos que ainda no dia anterior lhe faltavam para comprar um par de sapatos. Na sua breve vida (e sempre antes de morrer) Abel terá sofrido muitos milhões de horas para alcançar alguns minutos de alegria — mas uma alegria sempre provisória. Uma alegria que ele sabe que poderá transformar-se em dor na semana seguinte.

Tudo isso é sabido. O futebol é hoje tão importante como a economia ou a política ou mais ainda: é fonte de actividades económicas e políticas, de tal modo que não está longe o dia em que há-de surgir um teórico que se proporá explicar o comportamento das sociedades humanas pelo futebol. As causas da guerra dos cem anos, são políticas, económicas, psicológicas? Não — responderá esse teórico. — Têm a sua origem no futebol. E a Revolução Francesa? Também. A Guerra Mundial? Aspas, aspas.

Ninguém ignora as graves consequências que terá no comércio duma cidade de província o afastamento da primeira divisão do seu grupo desportivo. Consequências tão graves que as forças vivas farão imediatamente saber aos Governos que é necessário alargar essa divisão. E isso que demonstra? A tese do tal teórico: o futebol explica os próprios fenómenos económicos. Mas não só.

A própria arte literária começa a sofrer tais influências. E o problema merece cuidada atenção. Na verdade essas influências tornaram-se tão fortes que estão a desviar o

que ainda ontem parecia a tendência geral de todo a papel impresso: a simplicidade.

A grande maioria dos romancistas do nosso tempo começaram pelo jornalismo. Quase sem dar por isso eles levaram para a Literatura as frases desnudadas, o sabor telegráfico das notícias escritas sobre o joelho, o estilo seco de quem não tem tempo para boleios de linguagem. Desse modo a Literatura aproximava-se da vida quotidiana e adquiria um tom oral manifestamente anti-literário. Hemingway, pode dizer-se, é provavelmente o mais alto expoente dessa tendência. Mas enquanto as coisas assim se passavam, algo sucedia. O quê? A ascensão social do futebol, uma ascensão que não é menor em importância do que a divulgação da ferradura na Idade Média ou do motor de explosão nos tempos contemporâneos. De resto, o futebol bem cedo deixou de ser um fenómeno puramente físico para se tornar também uma fonte de especulação intelectual. Aqueles que não podiam jogá-lo, comentavam-no, nascendo desse modo um novo género literário e crítico: o comentário desportivo. E então sucedeu uma coisa extraordinária. Afastado da literatura pela mão do romancista, o «estilo literário» procurou refúgio no jornalismo desportivo. Ele vingava-se assim no próprio jornalismo do descrédito a que este o votara!

Não nos esqueçamos: os jornais desportivos são hoje os grandes órgãos de opinião. Os jovens aprendem a ler nesses jornais. Mais tarde, quando adultos, será a esses semanários ou bi-semanários que irão buscar toda a Literatura de que sentem necessidade. A pouco e pouco aprendem a usar os termos que todos os dias lêem. O vocabulário do homem comum é hoje o vocabulário da tal Imprensa. *Massa associativa, jogar mais em força do que em jeito, poder de antecipação, oportunidades soberanas, capacidade de infiltração, engodo pela baliza, jogada que não foi concluída, avançados pouco realizadores, sistema de ferrolho*, não são hoje apenas expressões-chave da linguagem futebolística. Elas transcederam esses horizontes. A todo o momento surgem dos lábios do homem vulgar para descrever acontecimentos que nada têm a ver com o desporto.

Fluxo e refluxo. É muito possível que amanhã os romancistas comecem a sofrer a

influência do jornalismo desportivo. Para já, aqueles que amam a boa literatura, têm de dirigir a sua curiosidade para os relatos dos desafios de futebol. Pois não é verdade «ser a curiosidade a flor que mais cresce na actual paisagem do futebol português»?

É certo que nem tudo corre bem nesse futebol. Como o salientava um crítico recente em opulentas imagens as «interrupções passaram a ser como as cerejas quando se abana a árvore. Por dá cá aquela palha o juiz apitava e, conseqüentemente, a fluência da manobra acusava vazios incomensuráveis. Irritantes!» Felizmente que — como observava um outro comentador — «o Benfica usou na circunstância táctica semelhante à dos dominadores de cavalos selvagens, procurando primeiro, vencer-lhe os ímpetos da fogaçidade inicial, para, depois de dominada, lhe impor, livremente, serenamente, incontestavelmente, a força superior do seu talento e da sua inteligência». É que, ninguém o esqueça, «ele buscava preservar o corpo ideal, dos seus sonhos!» Quem o ignora? Quando o jogo é decisivo «ele ganha em emoção tudo quanto, forçosamente, perde em harmonia e beleza de pureza futebolística».

As imagens sucedem-se, o relato jornalístico dum desafio já não é apenas uma descrição objectiva e crua, mas uma obra-prima digna do P.^e António Vieira:

«Pode até acrescentar-se, sem exagero, que a talentosa habilidade dos avançados «verde-brancos» não os convertem apenas em brilhantes pirotécnicos, mas, em certos casos, em requintados lavrantes de metal fino. O leve toque com que Fernando fez o quarto golo foi, realmente, coisa delicada, mas antes, já o segundo tento, começado em Geo, continuado por Figueiredo, selado com finta primorosa de Diego, convertido com remate do mesmo Fernando, tinha sido todo ele, preciosa peça de joalheria».

De resto a atitude dos avançados «era lógica, muito embora a inversa houvesse de ser também equacionada no palpitante debate dos vaticínios».

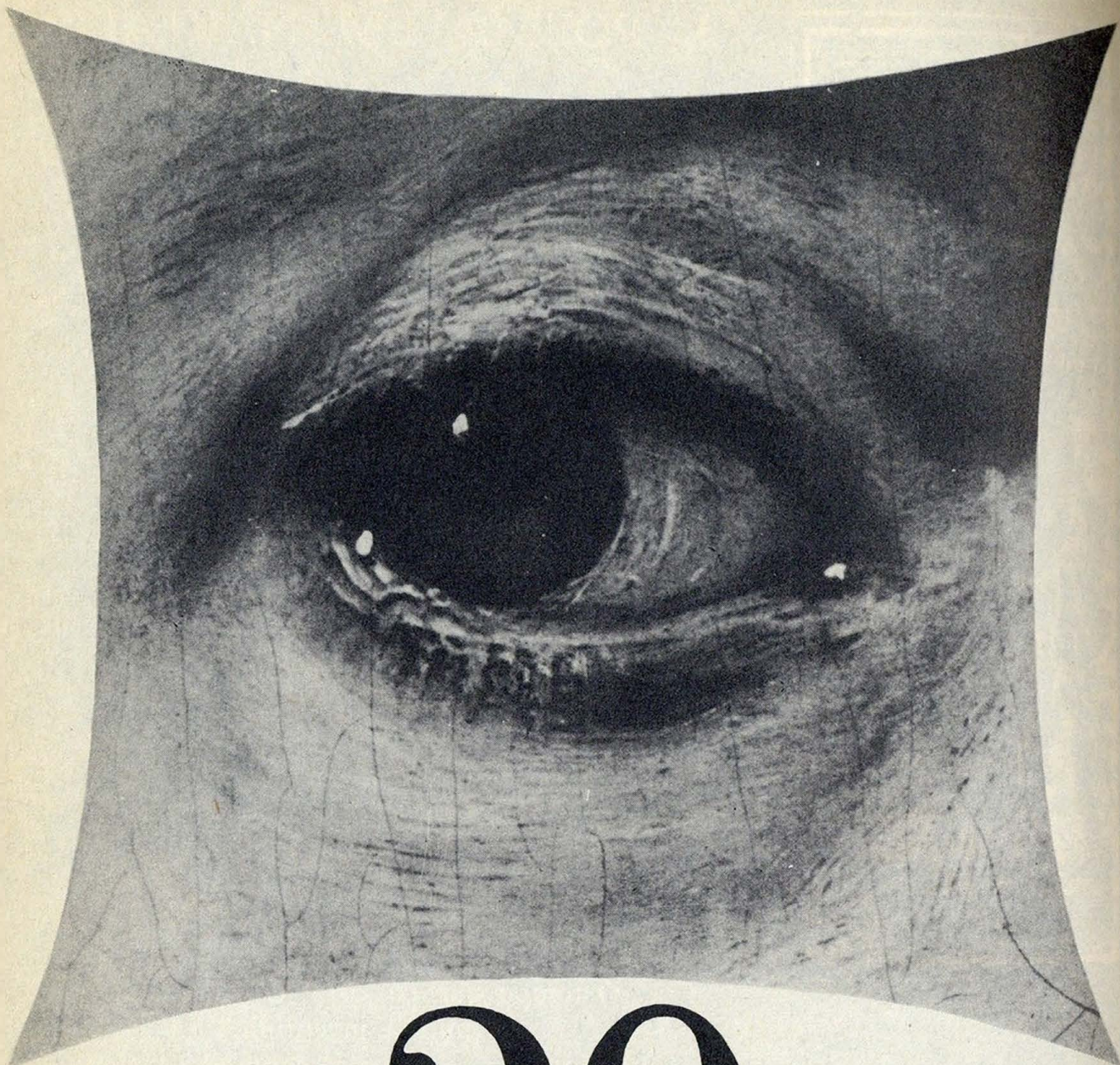
É certo, o jornalismo assaltara a Literatura, empobrecera-a, desnudara as frases... mas os tempos mudaram. Mergulhando as suas raízes nas apreciações técnicas ao futebol, um novo estilo literário prepara-se para conquistar o mundo. Assim seja!

3.º POEMA EM NAFTALINA



hontem e hoje

Ó tempo que passaste! Ó tempo lindo
Da minha juventude!
Não mais te gozarei, cantando e rindo,
Ao som do alaúde!
Minh'alma se prendia ao doido canto,
Da lyra às harmonias;
Não tinha o suspirar d'amargo pranto,
A amargar-me os dias.
Aspirava nas flôres, nos seus segredos
As gratas impressões;
A brisa que passava nos olmedos
Trazia-me illusões!
Era a vida miragem sedutora
Em quadros divinais;
Era um sonho, um encanto, um rir d'aurora
Que não voltará mais.
Agora sinto n'alma o desalento
E vejo a sepultura!
Ninguém me escuta um ai, um só lamento
Da minha desventura!...



20

CONSELHOS

AO RECEM-CINÉFILO

1.

Nunca pergunte porque vai ao cinema. O cinema é o lugar-comum dos ociosos, sobretudo as «matinéés». Vai-se ao cinema porque não há teatro (quase), porque não há espectáculos de «music-hall», porque não há lugares públicos de convivência.

Vai-se ao cinema — e este é o máximo segredo — porque: «Não se pode fazer mais nada».

2.

Nunca pergunte para que serve o cinema serve para se ver o «namoro», o amigo, para juntar o «grupo», como lugar de encontro e, secundariamente, como divertimento.

3.

Nunca pergunte qual é o filme. O importante é a companhia e não confundir o S. Jorge com o Royal ou o Cinearte com o Roma. Quando chegar inquiria discretamente: «O que é que vamos ver?».

4.

Não vá às «matinéés» de sábado se é de gente «bem». Se é de gente «bem»

sirva-se das «soirées» de semana, das segundas «matinéés» de um modo geral, principalmente se tiver o mau gosto de ir ao cinema no fim-de-semana, coisa que «ninguém» faz.

5.

Se é desempregado, vive dos rendimentos, se é senhora casada, parasita, estudante do Liceu ou reformado, frequente as «matinéés» de semana. Mais barato e mais cómodo.

6.

Se é criada de servir, corra ao Odéon ver «o mais terno idílio do século XIX, com Arturo de Córdova e Marga Lopez» ou para se chocar com as realidades da vida, «o drama íntimo duma mulher», com Zulmira Gomez, mexicana, e Vicente Parra, um lindo bigode.

7.

Se trabalha e não ganha muito, leve a sua senhora ao Lys e ao Imperial: dois filmes pelo preço de um.

8.

Fixe que os cinemas «finos» são o S. Jorge, o Tivoli, o Monumental e o

Império, o Roma e o Avis. Se é «filius famílias» não vá com o «namoro» aos outros.

9.

Nos filmes sérios, note bem, o lugar de mais «classe» é o segundo balcão. Frequentá-lo criar-lhe-á uma reputação de inteligência e cultura.

10.

Em todos os outros, não se arrisque a sentar-se ao lado da mulher-a-dias. O seu bom-nome vale sete e quinhentos.

11.

Nunca critique, senão superficialmente, o filme que acaba de ver; é sinal de má educação e, o que é muito pior, de ingenuidade. Em última análise, o filme não passa de um pretexto. Nunca comente também o filme porque se arrisca a debitar asneiras em frente de um «entendido». Diga:

Se foi longo, que é maçador.

Se foi curto, que é uma «coisinha».

Se foi médio, que «se vê».

Se se trata de uma super-produção, que é «impressionante».

Se se trata de uma comédia, que é «agradável».

Se se trata de um drama, que é «real».

Se mete religião, que é «comovente».

Se é homem de negócios que são «brincadeiras» que o aborrecem.

Se é senhora casada, suspire.

Se é «filius famílias» diga que foi «giro».

Não se alargue demasiado.

12.

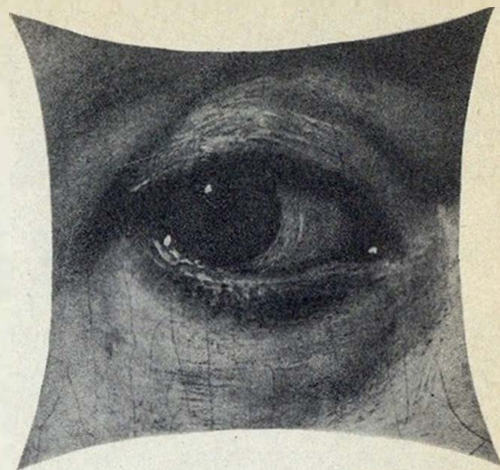
Aproveite o intervalo. Faça o que puder para falar ao maior número de pessoas e para ser notado pelas que não conhece.

13.

Dê gorjetas sempre, mas jamais de cinco tostões, porque «ça fait» plebeu. Quinze ou vinte cinco tostões é o mínimo permitido. Peça o programa. Nota: Importante para o caso de ir acompanhado.

14.

Nas «matinéés» clássicas do Tivoli a regra número doze é essencial. Os organizadores, por isso, puseram à sua disposição uma desnecessária, mas útil e providencial interrupção. Não a estrague.



15.

No Politeama, «Os mais belos filmes de amor», oferecem-lhe além de cinema um ramo de flores e, por vezes, um desfile de modas. Porém, só deve frequentar estas sessões se for mulher de pequeno comerciante. Sinceramente não é «fino», não é coisa que se faça.

16.

No Império, «Gente de cinema fala de filmes», há também um conferencista, que convém fingir que se conhece e depois criticar.

17.

Para todas as sessões especiais fixe e observe a seguinte regra: Chegue tarde, atropelc uma fila inteira e, no fim, jure que chorou, que chorou a bandeiras despregadas. A demora dar-lhe-á um ar «blasé» e as lágrimas deporão pela sua sensibilidade.

Nota: Afirme que os actores «iam muito bem». Contudo, salvo se for «filius famílias», não cite nomes. Deixe o culto da personalidade para os mais novos.

18.

Guie-se pelo jornal mas com prudência. Senão observe: «a melhor comédia

do ano» passa em três lugares diferentes; o «colossal filme» tem dois casos; em matéria de sensação pode-se escolher, conforme os gostos, entre «um sensacional drama», «uma sensacional história de amor e ciúme» e «um êxito sempre sensacional»; por êxitos contaremos «um êxito excepcional»; «um dos maiores êxitos do ano» e «um êxito fantástico»; os filmes pessados na Antiguidade, sobretudo se cheiram a Bíblia estão na moda, «uma história dos tempos do Cristo», «um grande filme bíblico» e «uma vibrante evocação de um rei bárbaro» fazem o seu caminho de rosas; e para findar algumas variedades menores, «uma genial obra-prima», dois «maiores colossos cinematográficos de todos os tempos», «um filme fantástico», «a mais requintada história de amor», «vibrante» e «diferente» (supõe-se que filmes), acabam o ramalhete de maravilhas.

19.

Finja sempre estar enfadado.

20.

Mas jamais deixe ver que está mesmo enfadado.



JULIETTE GRECO

o snobismo importado

O tempo corre depressa, não é fácil medir-lhe a velocidade. Dir-se-ia que há muitos anos, vivia num pequeno hotel de St. Germain-des-Prés uma jovem (de voz «escura», como então se dizia) que à noite cantava no *Flores* ou no *Tabou*. Quanto ganhava? Mil francos por sessão — o que não era nada mau (pensava ela)!

— Afinal, a maior parte das pessoas cantam por prazer e cantam de graça. Também canto por prazer. E pagam-me! Que mais posso desejar?

Pouco, que é como quem diz: muito.

E o mesmo (não exactamente o mesmo) poderiam dizer três dos seus vizinhos mais anónimos, com quem ela se dava, com quem se encontrava nos «cafés», com quem conversava acerca da vida e do mundo. Três vizinhos com quem muitas vezes nem chegava a conversar porque se limitava a ouvi-los.

— Se não temos cuidado, a França regressa à III República — diziam. Ou então:

— Escrever romances é uma forma de fazer política, de levar os leitores a interessarem-se pelos problemas nacionais...

Três vizinhos quase anónimos como ela. Quase. Os seus nomes? Albert Camus, Jean Paul Sartre, Bernard Buffet.

Ainda ela hoje se recorda com saudades desses tempos.

— Camus era o mais tímido, todo ele parecia respirar generosidade... Sartre era o mais afirmativo. De todos nós era o único que tinha a certeza de que o futuro lhe pertencia.

Todos eles poderiam ter a certeza — como é fácil afirmar hoje isto! Porque Juliette Greco acrescenta:

— A verdade é que não tinha apenas três vizinhos. O bairro era grande, eu falava com centenas de pessoas, ainda me recordo de uma dezena de nomes. E, no entanto, a amizade verdadeira dessa época ultrapassava essa dezena de nomes. Como é possível que nos deixemos levar pelo tempo e que a nossa memória esqueça tanta gente amável, gente que tanto esperava do futuro?

O futuro. Mas, neste momento, Albert Camus, o desconhecido de então, tem o seu nome apregoado pelo mundo. Escreveu romances, peças de teatro, ensaios, ganhou o

Prémio Nobel. Que futuro mais invejável do que esse? A glória que não pôde evitar um desastre de automóvel e a morte.

Nesses dias recuados, toda a gente da *rive gauche* conhecia Greco: pelo menos conhecia os seus largos cabelos negros e os seus olhos verdes. Hoje é o mundo inteiro que a conhece, muito embora ela continue a habitar o mesmo bairro. Com uma diferença: o quartinho inóspito onde ela vivia transformou-se num andar ricamente decorado.

Graças a quê?

Alguém disse de certa vez:

— O mais importante em Greco é o seu silêncio, o seu recolhimento, a ausência de gestos.

E ela respondeu:

— O gesto é uma coisa monstruosa e impúdica. Eu teria desejado ser carmelita...

Teria desejado... Seria mais justo dizer: teria desejado desejar. Porque essa vida recolhida, toda entregue à alma, é uma coisa em que muitas vezes se pensa para temperar a agitação da vida. Mas quem pensa em trocar essa agitação pela calma? E quem pensa trocar os vestidos da Rue de la Paix pelo burel grosseiro? Não Juliette Greco, cujos vestidos eram imaginados por um amigo seu, já morto também: Christian Dior. Foi Dior que lhe desenhou o vestido de casamento, como foi Dior que lhe desenhou o vestido de baptizado da Laurence-Marie.

Juliette Greco nasceu em 7 de Fevereiro de 1927, em Montpellier, mas a sua família é originária da Córsega. Ao contrário do que poderia supor-se, o seu nome não é um pseudónimo. O pai chamava-se Gerald Greco e representou um importante papel na contra-espionagem francesa durante a primeira guerra mundial. Quanto à mãe, ela foi uma heroína da Resistência! Claro: não é impunemente que se é filha de um patriota. Juliette Greco tinha apenas quinze anos quando a mãe e a irmã foram deportadas para a Alemanha. Muito jovem, essa prova foi-lhe evitada, mas teve de passar dez dias na prisão de Fresnes, o que não é nada agradável.

Quando saiu trocara um problema por outro problema. Não tinha dinheiro.

Mas nesses dias cruéis a amizade não era uma palavra vã. Ajudada por estes e aqueles, instalou-se num hotelzinho modesto. Depois frequentou, durante dois anos, um curso de arte de representar, ao mesmo tempo que ganhava alguns francos como mulher a dias.

Em 1945 entrou numa comédia e começou então uma existência livre e feliz.

Apenas por um desejo de comodidade Juliette Greco veste calças. E deixara crescer os cabelos porque preferia gastar em comida o que, de outro modo, teria de gastar no cabeleireiro.

A sua silhueta torna-se então familiar, ela intriga, seduz as pessoas. Para mais, não é a única que assim se veste e que assim deixa crescer os cabelos. Centenas de raparigas da *rive gauche* se parecem com a Greco. Ou é ela que se parece com elas? A dúvida persistirá. A única coisa que se pode dizer é que de todas essas centenas de raparigas, vestidas como rapazes e de cabelos caídos sobre os ombros, só o nome de Juliette passará à posteridade. Sejamos modestos: passou ao nosso tempo. Quanto à posteridade. Talvez apenas os seus amigos Camus e Sartre guardem essa sorte. E mesmo assim, quem sabe?

Não eram apenas as parisienses da *rive droite* que iam espreitar para o «café» de *Flore* e observar, com curiosidade, essa forma estranha de que Juliette era a *vedeta* incontestada. De todo o mundo, os turistas nesse ano da graça de 1945, vinham dar uma espreitadela furtiva a esse bairro estranho.

— Ah, Paris! — diziam, meio escandalizados, meio invejosos.

O *Tabou* onde, além de Greco, cantavam Boris Vian, Yves Rebert, etc., torna-se famoso. Os turistas invadiram-no, abriam a boca, olhavam Juliette e os seus amigos como animais fabulosos. A moda de Saint-Germain-des-Prés estava lançada. Mas Juliette não cantava. Quando muito recitava poesias...

E só por volta de 1950 Greco se decidiu a cantar.

— Os turistas terão então alguma coisa para ver em mim — dizia com alguma modestia.

Jean-Paul escreveu para ela uma canção: *Les blancs manteaux* e Raymond Quenau

outra: *Si tu t'imagines*. A música ficou a cargo de Kosma. Cantou também *L'eternel féminin*, sobre um poema de Lafforgue e canções de Prévert.

No dia seguinte toda a gente falava dela. Nico, o director do *Rose rouge* contratou-a e, durante mais de um ano, Juliette Greco conheceu um grande êxito pela sua voz grave e aveludada, pela autoridade da sua presença, pelo seu estranho e inesquecível rosto.

No passado, muita gente procurava vê-la por simples curiosidade. Agora, pelo prazer de a ouvir cantar.

O estrangeiro, o próprio cinema americano (*Raizes do Céu*) lhe abriam as suas portas.

— Mas será isso verdadeiramente importante? — pergunta. — Quando eu tinha dez anos cheguei a desejar ser corredora de automóveis. Era isso um desejo de me notabilizar, de vencer os homens no seu próprio terreno... A mesma razão levou-me depois a querer ser aviadora. Por volta dos quinze anos desejei um marido. É evidente que me tornara mais modesta... Mas, mesmo assim, não tive sorte...

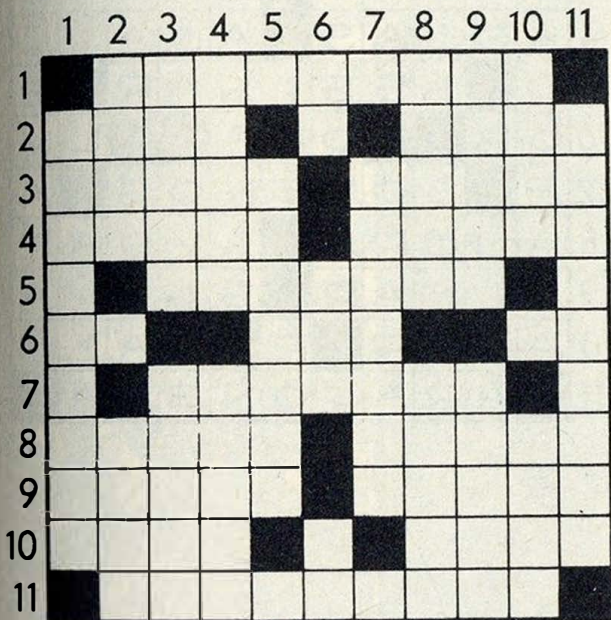
Que se entende por ter sorte? Que se entende por não ter sorte? Juliette Greco casou-se, teve uma filha, divorciou-se. Todos esses acontecimentos se situaram muito perto uns dos outros, o que permitiu às pessoas de ironia fácil o comentário profundo:

— Mas Juliette Greco não é existencialista?

Uma famosa cantora portuguesa, a quem, de certa vez, numa entrevista, fizeram idêntica pergunta, respondeu que, «pelo menos na modalidade brasileira, não era existencialista». Na ignorância do que seja o «existencialismo na modalidade brasileira», Juliette Greco respondeu que não conhece o existencialismo e que, portanto, não sabe se é ou não existencialista.

Doce, algo misteriosa, apaixonada por tudo quanto é vivo e quente: os gatos, o Sol, as crianças, o amor de um homem, Juliette Greco leva muito a sério o seu papel de artista.

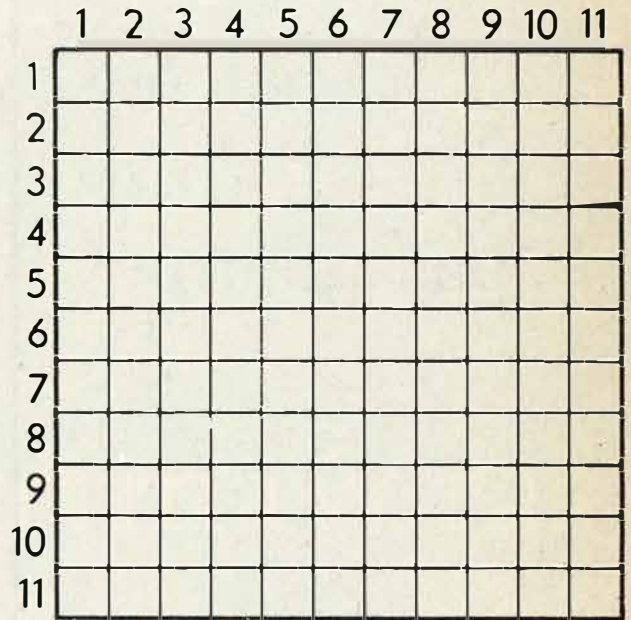
— Artista de uma arte menor — confessa. — Por isso mesmo tem de ser grande o esforço para que essa arte não se apague de todo, para que fique alguma coisa dela.



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Sociedades. 2 — Terreiro; braços de rio. 3 — Roca; lama. 4 — Empunhavas; caudilho. 5 — Subscrever. 6 — Rio da Sibéria; capa sem mangas; cinquenta e cinco. 7 — De qualidade inferior. 8 — Fruto silvestre; repartir a herança. 9 — Versejar; apelido. 10 — Sulcar; o primeiro filho de Adão e Eva. 11 — Casta de uva.

VERTICAIS: 1 — Preparara. 2 — Povoação alentejana; objectivo. 3 — Consumia-se; juntar. 4 — Poucas; discursara. 5 — Aparecer. 6 — Art. ant.; nome de várias plantas do Brasil; letra grega. 7 — Nome de fruto (pl.). 8 — Enraivecida; obstáculo. 9 — Refrescar-se; plantas. 10 — Veste indiana; despacha. 11 — Soergueram.



PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Rendido; último rei da Lídia, célebre pelas suas riquezas. 2 — Altar; rio de Portugal; ião (pl.); designação (pl.); suf. desig. origem (pl.); designação vulgar dada ao expresso de Paris. 4 — Tapeçarias de grande valor. 5 — Porto da Arábia à entrada do Mar Vermelho; grande lago salgado da Ásia. 6 — Defeito; acrescenta. 7 — Chegarão; impulso. 8 — Resolves. 9 — Tenho; interj. desig. espanto (pl.); antecipadamente. 10 — Pref. desig. ombro; chefe etíope; soberano. 11 — Imagem; crónica.

VERTICAIS: 1 — Caprichos. 2 — Cercadura; entregar; nome próp. fem. 3 — Dirijas-te; nome de um notável romancista português; o mesmo que ionte. 4 — Cordeiros. 5 — Perfume; fama. 6 — Encoleriza-se; juntava. 7 — Pesponte; coze. 8 — Enxadas. 9 — Aqui está; dança escocesa ant.; para. 10 — Estou; prendo; carta de jogar. 11 — Encaracolarieis.

soluções
dos
passatempos

PALAVRAS CRUZADAS

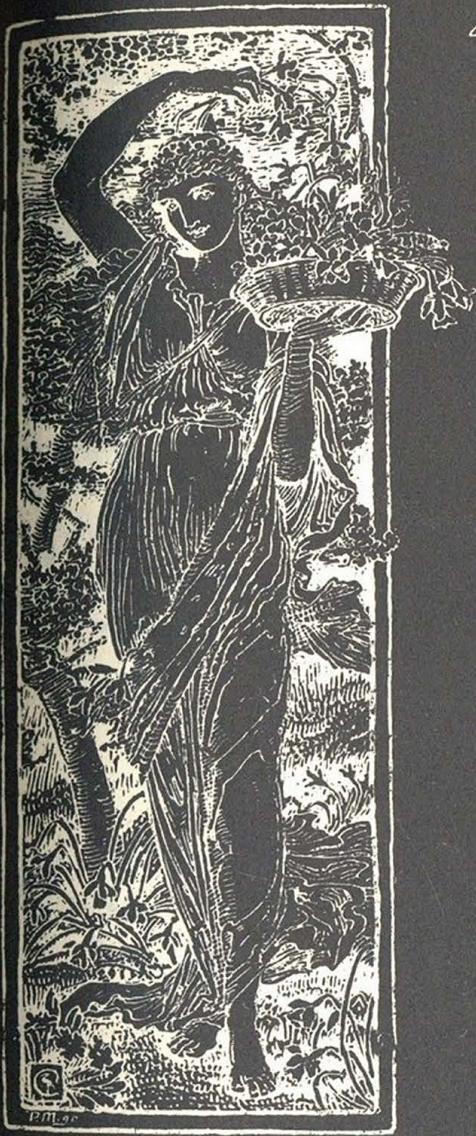
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1		P	A	R	C	E	R	I	A	S	
2	E	I	R	A		L		R	I	A	S
3	L	A	D	R	A		B	A	R	R	O
4	A	S	I	A	S		A	D	A	I	L
5	D		A	S	S	I	N	A	R		E
6	O	B				O	P	A			L
7	R		S	O	M	E	N	O	S		A
8	A	M	O	R	A		A	V	O	A	R
9	R	I	M	A	R		S	I	L	V	A
10	A	R	A	R		R		C	A	I	M
11		A	R	A	G	O	N	E	S	A	

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	C	A	I	D	O		C	R	E	S	O
2	A	R	A		D	A	O		I	O	N
3	R	O	S		O	I	S		S	U	D
4	R			A	R	R	A	S			U
5	A	D	E	N				A	R	A	L
6	P	E	C	H	A		A	D	I	T	A
7	I	R	A	O		U		A	L	O	R
8	C			S	A	N	A	S			I
9	H	E	I		U	I	S		P	R	E
10	O	M	O		R	A	S		R	E	I
11	S	A	N	T	A		A	N	A	I	S

4.º POEMA EM NAFTALINA



primaveras

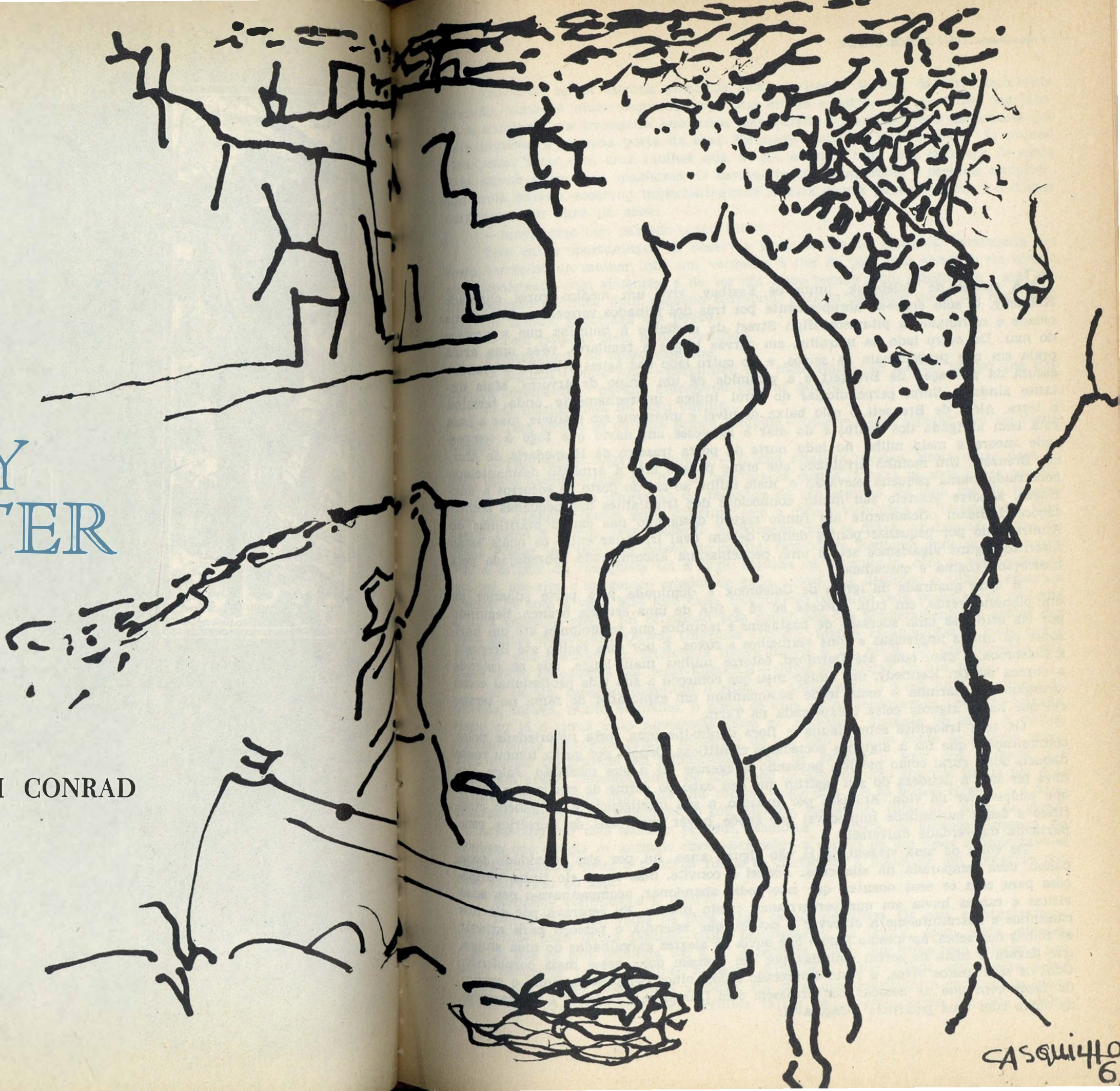
Na quadra dos poetas e das flores
Em que as manhãs são bellas e formosas,
Em que o infindo céu é immaculado,
Como um véu transparente de noivado,
Surgem também às vezes nubulosas.

Como na doce e etherea primavera
Na minha mocidade tão querida,
Tenho gozado célicas venturas
E também já sentidas amarguras
A annuuearem minha curta vida.

JULIO DE ROSIERS

AMY
FORSTER

CONTO POR JOSEPH CONRAD



CASQUILLO
6

NA cidade de Colebrook, junto de Eastbay, vive um médico rural chamado Kennedy. O solo ergue-se abruptamente por trás dos telhados vermelhos da pequena cidade e estrangula a pitoresca High Street de encontro à muralha que a protege do mar. Do outro lado da muralha, em curvas largas e regulares, vê-se uma árida praia em que predominam os seixos, e do outro lado das águas avista-se a mancha escura da povoação de Brenzett e a pirâmide de um grupo de árvores. Mais distante ainda a linha perpendicular do farol indica imprecisamente onde termina a terra. Além de Brenzett o solo baixa de nível e prossegue em planície, mas a baía está bem abrigada dos ventos e do mar e às vezes um navio que foge à tempestade ancora a meia milha no lado norte da porta traseira da Hospedaria do Mar, em Brenzett. Um moinho arruinado que ergue para o alto a armação desmantelada construído numa pequena elevação e, meia milha ao sul do posto de socorros a naufragos, a torre Martelo são muito conhecidos dos tripulantes das pequenas embarcações. Indicam oficialmente um fundo seguro designado nas cartas marítimas do Almirantado por pequenas pontes dentro de um oval irregular entre os quais estão inscritos alguns algarismos seis e uma pequeníssima âncora, tudo sobrepujado pela indicação: «Lama e cascalho».

A torre quadrada da igreja de Colebrook é dominada pela parte superior de um planalto verde, em cuja encosta se vê a fita de uma estrada branca. Seguindo por ela atinge-se uma sucessão de pastagens e moinhos que se prolonga até um horizonte de linhas imprecisas e tons vermelhos e roxos. É por essa região até Brenzett e Colebrook, e para cima até Darnford, catorze milhas mais longe, que se estende a clínica do Dr. Kennedy, um amigo meu que começou a sua vida profissional como cirurgião da marinha e mais tarde acompanhou um explorador de fama no tempo em que havia alguma coisa inexplorada na Terra.

Os seus trabalhos sobre fauna e flora deram-lhe uma certa notoriedade pelas comunicações que fez a algumas sociedades científicas. Depois, por gosto, tomou posse daquela zona rural como médico, passando a exercer ali a sua profissão. Julgo que deve ter sido a agudeza do seu espírito que deu cabo do germe de qualquer ambição que pudesse ter na vida. Analista por instinto, a sua inteligência é do género científico e dessa curiosidade implacável que supõe haver em todos os mistérios uma partícula da verdade universal.

De volta de uma viagem, já lá vão alguns anos, fui por eles convidado para passar uma temporada na sua casa. Aceitei o convite, mas como ele tinha obrigações para com os seus doentes, que não podia abandonar, acompanhava-o nas suas visitas e tardes havia em que percorríamos trinta milhas. Eu esperava por ele nos caminhos e entretinha-me a observar o cavalo, que estendia o pescoço para atingir as folhas das sebes, ao mesmo tempo que ouvia as alegres gargalhadas do meu amigo, que davam a ideia de serem emitidas por um homem duas vezes mais corpulento. Com os seus gestos vivos, o rosto bronzeado e dois olhos perspicazes, tinha o mérito de fazer com que as pessoas conversassem com franqueza e lealdade e ele também as ouvia com uma paciência inesgotável.

Entrando numa estrada cheia de sombra depois de sair de um importante povoado, vimos à nossa esquerda uma casa escura e baixa, com os vidros das janelas a cintilar, uma trepadeira que subia pela parede e rosas na grade da cancela que dava ingresso à pequena porta da casa. Kennedy abrandou o andamento do animal para poder falar com uma mulher que, ao sol, estendia uma peça de roupa de cama num arame entre duas macieiras. O cavalo, de cauda aparada e pescoço comprido, que tinha parado, escarvou impacientemente a terra com a pata esquerda, e o doutor perguntou, por cima da sebe:

— Amy, como tem passado o seu filho?

Tive então oportunidade de observar uma expressão estúpida estampada no rosto vermelho da mulher, não um vermelho à flor da pele, mas como se ela tivesse sido esbofeteada com violência, e de ver um corpo pesado e um cabelo ralo e sem brilho apertado na nuca num pequeno carrapito. Parecia bastante nova. Ao responder, com voz tímida, gaguejava um pouco.

— Tem passado bem, muito obrigada.

Prosseguimos no nosso caminho.

— Alguma cliente sua? — perguntei, e o meu amigo, ao mesmo tempo que chicoteava levemente o cavalo, murmurou com ar abstracto.

— O marido dela foi meu cliente...

— Tem todo o ar de uma pessoa estúpida — observei sem esperar que ele continuasse.

— Tem razão —olveu Kennedy. — É uma criatura passiva. Basta olhar para as suas mãos avermelhadas no fim de uns braços curtos, e para os seus olhos proeminentes para se ter a impressão da tacanhez do seu espírito, de uma inércia intelectual que qualquer pessoa pode imaginar sem o menor vislumbre de imaginação. Mas, assim como a vemos, teve bastante imaginação para se deixar apaixonar. É filha de Isaac Foster, um tipo que deixou de ser um fazendeiro medíocre para se tornar pastor. A origem da sua queda foi a fuga, seguida de casamento, com a cozinheira de seu pai, um rico e sanguíneo criador de gado, viúvo, que deserdou o filho e ameaçou acabar-lhe com a vida. Mas este caso, escandaloso bastante para poder servir de tema a uma tragédia grega, foi originado pela similitude dos temperamentos e gostos das duas partes desavindas. Outras tragédias existem, menos escandalosas e mais comovedoras, que resultam de diferenças inconciliáveis e do medo do desconhecido que paira sobre as cabeças dos seres humanos — sobre as cabeças de nós todos...

O cavalo, cansado, diminuiu o ritmo do andamento, e o sol, num céu limpo de nuvens, tocava, muito vermelho, o cimo de uma colina recém-arada perto da estrada, como eu já o tinha visto numerosas vezes no horizonte distante no mar. A colina, normalmente castanha, estava revestida de um tom púrpura como se a terra revolvida tivesse transpirado em minúsculas gotas de sangue o suor dos homens que a tinham arado. Desembocando de um grupo de árvores, uma charrua tirada por dois cavalos seguia agora pelo dorso da colina — mais alta que as nossas cabeças — e desenhava-se, contra o avermelhado do céu, enorme, fantástica, como um carro de gigantes arrastado por dois animais pesados, fabulosos. A figura, de aspecto grosseiro, do homem que dirigia os animais curvava-se sobre a cabeça de um deles e projectava-se desgraciosamente sobre o pano de fundo do horizonte. A ponta de um comprido chicote agitava-se no azul:

Kennedy continuava a falar:

— Ela é a mais velha de uma longa cadeia de filhos. Os pais empregaram-na aos quinze anos numa fazenda cujos proprietários, os Smith, eram meus clientes, e foi lá que eu pela primeira vez a vi. A senhora Smith, que tinha bom coração e um nariz comprido, fazia-a vestir-se de preto durante a tarde. Ainda estou para saber o que nela me fez despertar a atenção. Há caras que despertam a curiosidade justamente por não terem expressão definida, talvez pela mesma razão por que diligen-

ciamos, quando estamos rodeados de nevoeiro, identificar uma forma vaga que afinal de contas pode ser qualquer coisa banal, um poste, por exemplo. A única característica pessoal que nela encontrei foi uma ligeira dificuldade em se expressar, um princípio de gaguez que desaparece depois de pronunciar as primeiras palavras. Quando se lhe dirigem bruscamente ela fica desorientada; mas foi sempre muito bondosa. Nunca se lhe ouviu a mais simples palavra de desagrado, de antipatia por qualquer pessoa, e é terna para tudo quanto vive. Votava uma entranhada dedicação aos senhores Smith e aos animais que lhes pertenciam, fossem cães, canários ou gatos. Tinha uma predilecção especial pelo papagaio cinzento da senhora Smith, cujas habilidades orais a fascinavam. No entanto, quando o bicho exótico foi atacado pelo gato e gritou por socorro como se fosse uma pessoa, ela, desorientada, fugiu para fora de casa, com as mãos a taparem-lhe os ouvidos, e nada fez para impedir o atentado. A senhora Smith considerou a sua atitude como uma prova de estupidez; mas a falta de encantos físicos da rapariga era uma recomendação de considerar em virtude da conhecida volubilidade do senhor Smith.

«Os olhos míopes de Amy marejavam-se de lágrimas por ver um rato caído na ratoeira, e certa vez uns rapazes viram-na ajoelhada na erva molhada procurando tirar um sapo de dificuldades. Se é verdade, como alguém disse, que sem fósforo não há pensamentos, ainda é mais certo que não pode haver bondade sem qualquer parcela de imaginação. Ora essa parcela de imaginação não há dúvida de que a tinha. Havia mesmo nela uma porção maior do que aquela que é necessária para compreender a dor alheia e deixar-se piedosamente comover. Em circunstâncias que de forma nenhuma podem desmentir as minhas afirmações apaixonou-se, e eu creio que se se necessita de alguma imaginação para apreender qualquer noção de beleza, muito mais é precisa para descobrir o ideal sob uma forma desconhecida.

Como nasceu nela essa faculdade e como a conservou é uma charada que não consigo decifrar. Nasceu aqui mesmo e nunca foi além de Colebrook ou de Darnford. Conservou-se em casa dos Smiths quatro anos. A casa fica uma milha afastada da estrada, e a vista dos mesmos campos, árvores e sebes e das caras dos quatro homens da fazenda durante dias, meses e anos era um espectáculo que não só não a aborrecia mas até parece que a fazia feliz. Nunca demonstrou interesse em manter qualquer conversação e eu até cheguei a pensar que ela não sabia sorrir. De longe em longe numa tarde de domingo, vestia o melhor fato, calçava umas botas pesadas e com um grande chapéu cinzento adornado com uma pena preta e na mão uma sombrinha extraordinariamente delgada e comprida, subia duas colinas, atravessava três pastagens, atingia a estrada da qual percorria uns cem metros e ia a casa dos Foster. Auxiliava a mãe a dar o chá às crianças, lavava a loiça, beijava os irmãos mais pequenos e voltava pelo mesmo caminho. Era nisso que se resumia toda a sua distracção da sua vida, e nada mais parecia desejar. Um dia apaixonou-se. Foi tocada por um amor silencioso, invencível, quiçá inevitável. Levou tempo a chegar, mas quando apareceu teve o poder do destino. Os antigos assim o compreendiam: um impulso inelutável e fatal, uma entrega absoluta. Sim, era para o que a sua natureza a fadava; para ser totalmente perseguida e dominada por um rosto, por uma presença, como se ela adorasse pagamente uma forma sob um sol radioso e fosse despertada dessa misteriosa renúncia de si mesma, desse transporte, dessa magia por um pânico tétrico como o de um bruto».

Com o sol a extinguir-se no poente as escarpas alcantiladas que não estavam expostas aos últimos raios do sol tinham um aspecto sombrio e majestoso. Desprendia-se do silêncio dos campos uma sensação penetrante de tristeza como a que nos toma quando ouvimos um trecho de música grave. Homens passavam lentamente por nós sem sorrir como se os seus ombros vergassem ao peso de uma melancolia que se desprendesse de um mundo carregado de dor fazendo-os baixar os olhos e arrastar os pés.

— Sim — respondeu o meu amigo a qualquer observação que eu acabava de fazer acerca do ambiente de tristeza no qual estávamos envolvidos —, dir-se-ia que a terra geme sob o peso de uma maldição, pois são justamente aqueles que com ela estão mais em contacto os de corpo mais falho de harmonia e tão longe da alegria como se os seus corações estivessem apertados por cadeias. Mas nesta mesma estrada por onde seguimos poderias ter visto, entre estes homens curvados pelas preocupações, um outro de pernas compridas, flexível e esbelto, direito como um mastro e no qual qualquer coisa dava a impressão de descolar da terra como se o seu coração, mais leve que o ar, o impelisse para o alto. Talvez que apenas pelo efeito do contraste, mas quando ele passava pelos outros homens chegava a supor que os seus pés não tocavam no pó da estrada. Deambulava pelas encostas das montanhas com passos de ginasta que o faziam reconhecer a distância. Era tão diferente dos outros seres humanos que o rodeavam que, com os seus movimentos libertos de quaisquer peias e o brilho doce dos seus olhos negros, a pele cor de azeitona e as suas gentis atitudes, me parecia a encarnação de um ser misterioso das florestas. Veio de longe — e o meu amigo apontava com o chicote. Visto do alto da elevação, mais baixo que as copas das árvores cerradas de um dos lados da estrada, via-se o mar como o *parqué* de um imenso edifício com listas escuras de água encrespada e ondulante, outras fosforescentes e lisas ligado ao céu por um rodapé brilhante. Uma ligeira nuvem de fumo saída da chaminé de um navio esbatia-se no horizonte claro como o bafo de uma respiração na superfície lisa de um espelho; na baía as velas de um barco pareciam libertar-se lentamente do cativo dos ramos e apreciavam nesse momento livres da folhagem das árvores.

— Naufragou na baía? — perguntei.

— Sim, naufragou — confirmou o doutor. — Era um pobre emigrante oriundo da Europa Central que depois de uma tempestade conseguiu chegar aqui, à praia. Para ele, que nada conhecia fora da sua terra, a Inglaterra, foi um deslumbramento. Para aprender o nome disto tudo foi-lhe preciso muito tempo. Quando se arrastou pela muralha e se encontrou no mato receou naturalmente encontrar selvagens e feras. Devia ser mais rijo do que parecia para não morrer do terror que certamente se apoderou dele. Mais tarde, no seu inglês macarrónico, que dava a impressão de um balbuciar de criança, disse-me que supusera não pertencer já a este mundo e encontrar-se com Deus. E de facto, como poderia saber onde estava? Durante a tempestade, arrastando-se, encontrou-se no meio de um rebanho que estava junto de uma sebe batida pelo vento. As ovelhas, desorientadas, balindo na escuridão, corriam em todas as direcções e ele deu graças por poder ouvir naquela praia um som que lhe era grato. Calculou serem duas horas da manhã. Não lhe foi possível descrever, porque ele próprio nunca o soube, como conseguiu chegar a terra. E ele não sabia que não tinha sido o único a atingir a terra, mas os que se seguiram só apareceram na praia muito mais tarde nesse dia».

O meu amigo doutor puxou as rédeas, deu um estalo com a língua e prosseguimos mais ligeiros pela ladeira abaixo. Dobrámos pouco depois uma esquina e penetrámos na High Street com um ruído de patas de cavalo e de rodas de carro sobre o pavimento empedrado parando logo a seguir diante da casa.

Nessa mesma noite, dominando a tristeza de que se deixara possuir, voltou à história. Andava de cá para lá a todo o comprimento da casa puxando fumaças do seu cachimbo. Um candeeiro fazia incidir a sua luz sobre uns papéis que estavam sobre a mesa e eu, sentado junto da janela aberta, observava, depois do dia quente sem a menor aragem, o frio esplendor de um imóvel mar cinzento banhado pela fraca luz da lua. Nenhum ruído vinha da terra mais em baixo, nenhum murmúrio das águas, nenhum som do rolar dos seixos vinha do mar mais ao longe; apenas o perfume de um jasmineiro em flor, e a voz de Kennedy, atrás de mim, passava pela larga janela e perdia-se naquela fria e majestosa tranquilidade.

—...As descrições de naufrágios de outros tempos narram-nos muitos sofrimentos e dores. Quantas vezes os náufragos se livraram da morte pela água para perecerem miseravelmente de fome numa costa abandonada? Outros eram submetidos à escravidão passando anos de triste existência com gente para quem, por estranhos, eram motivo de suspeita, de asco ou de horror. Temos conhecimento destas histórias e comovemo-nos. Deve ser de facto triste para uma pessoa sentir-se perdida, sem protecção e incompreendida num meio desconhecido. No entanto creio que de entre todos os desgraçados que naufragaram nas regiões mais inóspitas do mundo nenhum houve que tivesse tido um destino tão trágico como o do homem de quem tenho estado a falar, o mais ingénuo dos aventureiros atirado pelo mar para esta baía, quase em frente desta mesma janela.

«Ele nem sequer sabia o nome do barco em que viajara. Realmente no desenrolar dos sucessos, chegámos à conclusão que nem mesmo lhe passara pela cabeça que os navios pudessem ter nomes «como cristãos», como ele dizia; quando uma vez, do alto do monte Talfourd, descobriu o mar ao longe, na sua frente, ficou abstracto, com os olhos perdidos na lonjura, no espaço que continha uma surpresa tão completa que parecia que nunca o tinha visto. E provavelmente assim tinha acontecido. Tanto quanto consegui saber, ele tinha sido arrebanhado com outros e metido a bordo de um navio de emigrantes ancorado no Elba, demasiadamente desorientado para observar qualquer coisa que o rodeava, muito perturbado e angustiado para prestar atenção ao que havia à sua volta. Assim que chegou a bordo foram metidos—ele e os outros—no porão. Eis como ele o descrevia: «Era uma casa baixa de madeira, com vigas no tecto, como as cabanas da minha terra; para se entrar nela tinha de descer-se uma escada. Era muito grande e muito fria, húmida e sombria, e estava sempre a inclinar-se ora para um ora para outro lado. Tinha prateleiras onde dormíamos amontoados. Deitei-me numa delas vestido com a mesma roupa com que viera das montanhas, alguns dias antes, e pus ao meu lado o cajado e a trouxa. As pessoas crescidas gemiam, as crianças choravam, pingava a água, as paredes estalavam, as luzes tremeluziam e o barco balouçava tanto que aqueles que estavam deitados nem mesmo se atreviam a levantar a cabeça. Perdeu-me do meu companheiro (um rapaz da mesma terra) e o vento soprava lá fora em grandes rajadas. Um mal-estar invadiu-me a ponto de me impedir de rezar. Aliás não podia saber se era noite ou dia. Ali era sempre noite».

—Anteriormente ele havia passado por muitas provas dolorosas. Trabalhava num comboio. Quando olhava para o exterior através da vidraça da janela, os campos, as árvores, as casas, as estradas pareciam correr num círculo que o ia encerrando pouco a pouco até que a cabeça lhe andava à roda. Deu-me a entender que na sua vida vira muita gente—de todas as raças—pessoas bem vestidas como gente rica. Certa vez expulsaram-no do comboio e ele passou uma noite inteira estendido num banco, numa casa de tijolo, com a trouxa debaixo da cabeça. Noutra ocasião ficou algumas horas sentado num chão de pedra juntamente com outros a dormir com a cabeça apoiada nos joelhos e a trouxa debaixo dos pés. Por cima dele havia um tecto que parecia de vidro; era mais alto que o mais alto pinheiro das suas montanhas. Comboios estavam sempre a chegar e a partir. O local estava enxameado de pessoas, mais gente do que poderia ver-se num dia da festa ao Sagrado Coração no convento dos carmelitas, na planície aonde levara a sua mãe uma vez numa carroça; a mãe, uma velhinha piedosa, fora lá rezar e fazer uma promessa pela salvação do filho. Contou-me que nunca conseguiria descrever outro lugar, amplo e alto, cheio de fumo, barulho e de ferros entrechocando-se que ouvira a alguém dizer que era a estação de uma cidade chamada Berlim. Ouvira depois um apito, assistira à entrada de outro comboio, para onde subira, e vira-se viajar por uma região que cansava a vista pela monotonia, sem a menor elevação quer de um lado quer do outro. Outra noite passou fechado num local, que desta vez poderia consi-

derar-se um bom estábulo, com palha no chão a servir de cama, entre outros homens, dos quais nenhum compreendia uma palavra que ele proferia, mas com a preocupação de nunca largar a trouxa. Pela manhã tinham sido conduzidos para a margem de um rio largo e de águas sujas, que corria por entre casas enormes, e não por entre montanhas. Numa máquina que andava sobre a água tinham sido postos quase a montante: uma mistura de mulheres e crianças que choravam e berravam; encharcados e com os dentes a baterem ele e o companheiro do vale deram-se as mãos.

Tinham pensado que iriam directamente para a América mas de repente a máquina parou junto do que lhe pareceu uma grande casa em cima da água. As paredes da casa eram negras e lisas e — coisa extraordinária — no seu tecto havia árvores sem ramagem, muito altas e em forma de cruz. Ele nunca tinha posto os olhos num navio. Mas era precisamente um navio que o levaria à América. Havia uma espécie de escada pendurada até junto da água e que depois era levantada. Vozes gritavam e tudo balouçava. Ele subiu por essa escada com toda a cautela com um receio espantoso de cair na água, que batia em baixo de encontro à parede negra. Separaram-no do companheiro, e quando se encontrou no porão, no meio de tanta gente, mas isolado, sentiu um peso atroz no coração.

Foi precisamente nesse momento — contou-me ele — que perdera o contacto com um dos três homens que no Verão anterior haviam percorrido todas as feiras das encostas da sua terra. Chegavam num carro e armavam uma espécie de escritório nas hospedarias ou nas casas dos judeus. Um deles era possuidor de uma longa barba branca que lhe emprestava um ar venerável; usavam todos golas altas e apertadas de pano vermelho e os casacos tinham fitas dcuradas nas mangas como os altos funcionários governamentais. Sentavam-se a uma mesa em atitude grave e orgulhosa; para que as pessoas vulgares não ouvissem, armavam numa sala contígua um aparelho telegráfico complicado que estava em comunicação com o imperador da América. Os velhos não passavam da porta, mas os novos ficavam em monte diante da mesa; estavam muito interessados e faziam muitas perguntas porque sabiam que na América se podem ganhar três dólares por dia e que não se é apurado para prestar serviço militar.

Mas o imperador da América não aceitava todo e qualquer que pretendesse entrar nos seus domínios. Ele era a prova viva disso pois que o homem da barba e de aspecto venerável tivera de levantar-se várias vezes para comunicar informações a seu respeito através do aparelho telegráfico. Afinal foi aceite pelo imperador americano por três dólares diários porque lhe garantiram que ele era novo e forte. Muitos dos presentes, embora em boas condições físicas, desistiram por temerem a distância tão longa. De resto só podiam ir os que possuíssem algum dinheiro. Muitos tiveram de vender as suas casas e terras porque ainda era bastante o que custava a viagem para a América, mas quando lá se apanhassem ganhariam três dólares por dia e talvez mesmo quem tivesse lume no olho podia talvez descobrir no chão ouro puro. Pelo que lhe dizia respeito, a casa de seus pais estava a ficar demasiado cheia. Dois dos seus irmãos eram casados e tinham filhos. Ele tinha prometido à família mandar-lhe dinheiro, pelo correio, duas vezes por ano. Em vista disso o seu pai vendeu a um judeu uma vaca velha, dois potros e um bocado de terra de cultura e de pastagem numa encosta batida pelo sol para poder pagar a sua passagem para a América.

O rapaz devia ser um autêntico aventureiro em potência. Quantos dos maiores conquistadores das posições-chave do Mundo começaram com a venda da vaca paterna na miragem afastada do ouro! Conto-te isto pouco mais ou menos na forma simples e fragmentada como o ouvi no decurso de dois ou três anos em que nunca desperdiçava a oportunidade de trocar com ele umas palavras. Narrou-me a sua história com muito brilho de dentes brancos e relâmpagos fugazes dos seus olhos negros, a princípio num papaguear de criança entusiasmada, depois, à medida que ia tomando

contacto com a língua, com maior e mais crescente verbosidade, mas sempre naquele tom cantante e doce, mas ao mesmo tempo vibrante, que dava uma estranha profundidade às mais vulgares palavras do inglês, como se fossem expressões duma língua extraterrena. E, ao descrever a tremenda sensação de ter o coração apertado dentro do peito quando se viu dentro do porão do barco, fazia sempre uma pausa, ao mesmo tempo que meneava enfaticamente a cabeça. Desse momento em diante devia ter atravessado um período mergulhado numa semiconsciência, ou pelo menos ignorando tudo quanto se passava à sua volta. Naturalmente sentir-se-ia enfraquecido pelo enjoo e algum tanto ou quanto desgraçado, uma alma sensível como ele era, mergulhado como estava naquela extrema solidão; realmente a sua natureza era extremamente impressionável. O que sabemos ao certo que aconteceu depois de aqui chegar é que esteve oculto num esconderijo que ele descobriu junto da estrada de Norton, a seis milhas do mar. Ele não gostava de falar desse tempo, que parecia ter deixado na sua alma uma mancha sombria de estupor e indignação. O que constava até muitos dias após a sua aparição era que os pescadores da parte ocidental de Colebrook haviam sido alarmados por violentas pancadas nas paredes das suas casas e tinham ficado assustados com uma voz que gritava na noite palavras que eles não conseguiam compreender. Alguns certamente que abriram as portas para observar o que se passava mas nada conseguiam saber porque ele deveria fugir apavorado com o tom áspero e irritado dos que na escuridão faziam perguntas e pediam informações. Um momento de desespero deve ter-lhe dado coragem para subir a escarpada ladeira de Norton e foi aí que o carroceiro de Brenzett o viu, certamente desmaiado, e se acercou dele com curiosidade mas imediatamente, atemorizado pela imobilidade e pelo aspecto estranho daquele vagabundo que dormia tão profundamente debaixo de chuva, recuando e fugindo com pavor. Foi quando amanheceu que algumas crianças chegaram à escola a correr e tão cheias de terror que a professora, indignada, se dirigiu a um indivíduo de aspecto impressionante que andava pela estrada, censurando-o por andar por ali a atemorizar as crianças. A princípio ele afastou-se de cabeça baixa mas em seguida começou a correr com notável agilidade. O condutor da carroça de leite do senhor Bradley confessou ter dado uma chicotada numa espécie de vagabundo de cabelos compridos que tinha saltado para a estrada numa curva perto de Vents e tentara agarrar nas rédeas do cavalo para o fazer parar. Acrescentara ter sido uma boa chicotada, que lhe assentara bem na face e que tinha feito cair na lama aquele cigano mais depressa do que quando saltara para a carroça. Três rapazinhos também disseram mais tarde terem atirado pedras a um indivíduo estranho que por ali andava, todo cheio de lama e, segundo lhes parecia, embriagado, no atalho dos fornos da cal. Foi o que se apurou dos rumores de muitos dias das três vilas; além disso ainda houve o depoimento digno de todo o crédito da mulher do cocheiro dos Smith, a senhora Finn, que o viu na estrada junto da parede baixa do chiqueiro de Hammond; afirmava ela que o homem se mantinha em atitude de defesa e lhe falara com uma voz que seria o bastante para qualquer pessoa desmaiar de terror. Como ela levava o filho no carrinho gritou-lhe que se afastasse; mas como ele teimasse em querer aproximar-se deu-lhe com a sombrinha na cabeça correndo depois sem parar, sempre empurrando o carrinho da criança, até à primeira casa da vila sem olhar uma única vez para trás. Aí parou e, ofegante, contou o que se tinha passado ao velho Lewis, que estava na ocasião a britar pedra; o velho, tirara os óculos de protecção para olhar na direcção em que ela apontava e os dois tinham acompanhado com o olhar um homem que corria pelo campo; viram-no tombar, levantar-se e seguir aos ziguezagues, com os braços a abanar por cima da cabeça, na direcção da Quinta dos Novos Celeiros. É desde esse momento que se conhece com precisão tudo quanto correu e decidiu do seu comovedor destino; nenhum pormenor ficou por esclarecer; o terror da senhora Smith, a convicção de Amy — que nada pôde abalar, contra a opinião de toda a gente — de que se tratava de um ente inofensivo, de que não havia que ter receio, a exasperação de Smith ao encontrar (quando voltou da feira de Darnford) o cão a ladrar, a porta da

cozinha fechada e a mulher presa de um ataque de nervos — tudo por motivo da presença de um infeliz e sujo vagabundo que diziam estar escondido no palheiro. Smith resolveu ir procurá-lo para o ensinar a não assustar mulheres.

Smith é sem dúvida impetuoso e irascível, mas quando viu aquele ser coberto de lama sobre um monte de palha, sentado, pernas cruzadas, como um urso numa jaula, a abanar o corpo de um lado para o outro, ficou mudo de espanto enquanto o vagabundo se levantava e, sujo da cabeça aos pés, se colocava à sua frente. Smith, perante aquela criatura, com o cão a ladrar atrás de si no momento em que as primeiras sombras da noite começavam a cobrir a Terra sentiu os pés pregados ao chão como se lhe tivesse surgido um habitante de outro planeta com qualquer coisa de horrível e inexplicável ao mesmo tempo. Quando o ente estranho, levantando os braços, afastou com as mãos cobertas de lama seca os cabelos que lhe caíam para a cara e descobriu os olhos, que o fitavam com expressão selvagem, Smith estremeceu violentamente. Confessou várias vezes — porque a história constituiu o assunto obrigatório das conversas durante muito tempo — que tinha dado um passo à retaguarda, mas no mesmo instante uma catadupa de palavras precipitadas e incompreensíveis convenceu-o de que estava perante um louco furioso. Tal impressão foi tão profunda que nunca se desvaneceu completamente do seu espírito; ainda hoje Smith tem a convicção íntima que o homem era falso de juízo.

Quando a pobre criatura mais dele se aproximava falando com vivacidade, Smith — sem saber que estava a ser tratado por «gracioso senhor» e lhe suplicava, em nome de Deus, que tivesse a piedade de mandar-lhe dar um pouco de comida e um abrigo — repeliu-o com doçura mas firmemente recuando entretanto ainda mais para o pátio e no momento que lhe pareceu propício empurrou o homem bruscamente para dentro de um barracão de madeira, que servia de depósito, onde o pobre se estendeu ao comprido, e fechou a porta à chave.

Apesar de o tempo estar frio, tinha a testa perlada de suor. Enxugando-o considerou que a colectividade lhe devia estar agradecida por ter aprisionado um demente talvez fugido de algum hospital e que certamente seria perigoso em liberdade. Smith não tem maus sentimentos mas estava fortemente convencido da loucura do pobre homem. Nunca pensou que talvez o vagabundo estivesse cheio de fome e de frio. Quando compreendeu que o tinham encerrado o suposto demente fez um barulho medonho. No quarto em que se tinha refugiado, a senhora Smith também gritava, e Amy Foster, apiedada, torcia as mãos e implorava: «Por amor de Deus, solte-o». Posso assegurar-te que Smith passou momentos trágicos entre a aflição e o nervosismo das duas mulheres e a voz desvairada daquele que ele supunha louco, cujos gritos eram acompanhados de murros na porta. Não era de estranhar que ele não conciliasse a aparição do pobre rapaz com o naufrágio de que ouvira falar em Darnford, e que constava ter-se dado em Eastbay, porque considerava-se como certo não ter havido qualquer sobrevivente. Eu mesmo não deixo de acreditar que o homem encerrado no barracão não esteve muito longe da loucura naquela noite, pois que, até que tombou sem sentidos, ele debateu-se em plena escuridão tropeçando nos sacos que lá havia e caindo no chão para se levantar novamente e mordendo-se de fome, raiva, frio, terror, espanto e desespero.

Ele era um montanhês da ramificação ocidental dos Cárpatos e o barco que tinha naufragado em Eastbay o *Herzogin Sophia Dorotea*, de triste memória, um navio hamburguês de emigrantes.

Poucos meses depois soube-se pelos jornais a odisseia daqueles desgraçados e a infâmia das agências de emigração junto dos camponeses dos confins da Austrália. O objectivo daqueles miseráveis era apossar-se das propriedades daquela pobre e ignorante gente mancomunados para o efeito com os usurários locais. Enviavam a maior parte das vítimas da sua exploração para Hamburgo.

O barco vi-o eu desta janela quando entrava na baía, de velas ferradas, numa tarde escura e que ameaçava tempestade. Ancorou, como está estabelecido, em frente do posto de socorros a naufragos. Recordo-me de o ter observado outra vez antes da noite

cerrada, sobre o fundo das nuvens negras e prenhes de água, à esquerda da torre da igreja de Brenzett. Durante a noite a ‘empestade desencadeou-se e ouvi da minha cama a água que caía com tanta violência que fazia lembrar um dilúvio.

Foi nessa noite que os guardas costeiros tiveram a impressão das luzes de um barco ao entrar na enseada. Mas como logo desapareceram como um relâmpago acreditaram supor-se confusos; chegou-se depois à conclusão de que um outro navio procurou refúgio na baía durante essa noite escura e terrível indo embater no barco alemão — um dos mergulhadores disse-me depois que se tratava de uma brecha no casco que partiria em duas qualquer barça do Tamisa —, saindo depois da enseada e afastando-se para o oceano — com avarias ou não nunca se saberá — sem ser visto para soçobrar talvez misteriosamente no mar largo. Desse barco nada se soube mas se ainda existisse, estivesse onde estivesse, teria sido assinalado de qualquer forma tal o alarido que no mundo se fez à volta deste caso.

Um absoluto mistério, uma opacidade completa, como se se tratasse de um crime bem planeado e ainda mais bem posto em prática foram as características desse desastre espantoso que, como deves recordar-te, foi comentado largamente. Em virtude da força do vento nenhum grito se ouviu em terra e também nenhuns pedidos de socorro foram apercebidos. A tragédia teve um desenlace rápido. A água invadiu de repente o barco alemão, que se afundou de lado, e quando apareceu o dia à superfície das águas da baía nem sequer a ponta de um mastro se via. A sua ausência foi notada, evidentemente, e toda a gente supôs que o navio tivesse garrado e que o vento o tivesse impellido para o largo. Depois a maré libertou alguns corpos do navio submerso; o corpo de uma menina — uma criança loura vestida de vermelho — foi o primeiro a dar à praia próximo da torre Martelo. À tarde outros corpos apareceram a boiar, e mulheres com rostos de traços vincados, homens de ar rude e crianças louras foram levados, já rígidos, em padiolas, que inundavam de água, e em escadas e grades feitas à pressa num longo e trágico cortejo, que passou pela frente da Hospedaria do Mar, a caminho da parede do lado norte da igreja de Brenzett.

Segundo a versão oficial o corpo da criança vestida de vermelho foi o primeiro que deu à praia mas alguns clientes que conto entre os pescadores da parte ocidental de Colebrook informaram-se de que naquela manhã, muito cedo, dois irmãos que tinham ido puxar a rede que haviam lançado na véspera, encontraram a uma certa distância de Brenzett, no meio da praia, uma grade de madeira, já seca, que continha onze patos mortos. Os patos foram comidos por aquela gente e a grade desmanchada a machado para queimar. É possível que o nosso homem — supondo que ele estivesse no tombadilho no momento em que se consumou a tragédia — se tenha servido dessa grade à maneira de jangada para o conduzir a terra. Admito que seja uma hipótese pouco aceitável, mas a verdade é que o homem veio ter à praia e durante muitas semanas não nos passou pela cabeça que o único sobrevivente do trágico desastre se conservasse entre nós. Ele mesmo, depois de alguma coisa se ter feito compreender, não nos pôde esclarecer muitos pontos confusos. Recordava-se de se sentir menos mal disposto — creio que depois de o navio ancorar — mas com a respiração opressa pelo vento, pela escuridão e pela chuva. Isto de alguma maneira confirma a hipótese de ele ter subido ao tombadilho naquela noite. Devemos considerar que ele também estava inconsciente, enjoado, que tinha passado alguns dias apertado no porão, que nem sequer tinha a noção do que fosse um navio, que nunca tinha visto o mar e que por isso nenhuma ideia fazia do que lhe tinha acontecido. Da chuva, do vento, da escuridão, das ovelhas e dos seus balidos, tudo coisas ao seu alcance por já as conhecer, falava ele. Também se referia à mágoa de se sentir tão infeliz e ao espanto e ao peso que sentia no coração por só ter encontrado homens vis e mulheres sem piedade. Era verdade que se tinha aproximado de todos como um mendigo, mas na sua terra, mesmo que se não lhes dê esmola, fala-se com comiseração aos mendigos e as crianças não atiram pedras àqueles que imploram a caridade alheia. O acto cruel de Smith encerrando-o no barracão foi para ele o golpe de misericórdia. Que mais lhe poderia suceder? Não nos devemos

admirar que Amy Foster lhe tivesse aparecido como se anjo fosse. Ela não tinha conseguido pregar olho pensando no pobre homem, e de manhã, antes de os Smiths se levantarem, a rapariga atravessou o terreiro e abriu a porta do barracão. Estendendo-lhe uma fatia de pão, olhou-o humanamente. Quando se falava nisso ele dizia: «Pão como, na minha terra, os ricos comem».

Ao vê-la o rapaz ergueu-se do meio dos destroços faminto, trémulo, infeliz, e ao mesmo tempo, receoso que lhe fizessem mal, contraiu os músculos no jeito de se defender. «Quer», disse-lhe ela com voz doce. Naturalmente ele considerou-a uma «graciosa senhora». Devorou o pão regado por copiosas lágrimas, e antes de terminar fez uma pausa e, agarrando na mão de rapariga, aproximou-a dos lábios e deu-lhe um beijo. Ela não manifestou surpresa nem receio. Sob o aspecto miserável que ele apresentava notavam-se traços de beleza.

Amy tornou a fechar a porta e voltou lentamente para a cozinha. Mais tarde contou como procedera à senhora Smith, que sentiu um estremecimento só com a ideia da possibilidade de ser tocada por tal estranha criatura.

Foi o gesto de piedade de Amy que o ligou novamente à sociedade naquele ambiente tão estranho para ele. Nunca o pôde esquecer, nunca.

Naquela manhã o velho Swaffer — o mais próximo vizinho dos Smiths —, para emitir a sua opinião, veio ver o captivo e acabou por levá-lo com ele. O rapaz tinha-se levantado, todo coberto de lama seca mal se podendo equilibrar nas pernas fracas, humilde, enquanto Smith e Swaffer o interpelavam com palavras para ele incompreensíveis. A senhora Smith não se tinha resolvido a descer enquanto o louco estivesse perto. De dentro da cozinha Amy Foster olhava o exterior pela porta aberta. O rapaz odedeia o melhor que compreendia aos sinais através dos quais lhe eram dadas ordens. O dono da casa continuava porém cheio de dúvidas: «Acautele-se, senhor, pode ser manha», repetia continuamente à laia de aviso. Quando o velho Swaffer pôs a égua em andamento, o infeliz, cheio de fraqueza, quase caiu do banco do carro. O velho seguiu com ele para casa. Foi então que eu tomei contacto directo com o caso quando passei por ali e o velho Swaffer me fez, com o indicador dobrado, um sinal que significava um convite para entrar. Saltei do carro e acedi ao convite, naturalmente.

— Há aqui uma coisa para o senhor ver — resmungou ele, e levou-me para um anexo, pouco distante da casa.

Por cima da cocheira, num quarto comprido e tecto baixo, vazio e branco de cal com uma vidraça ao fundo cheia de pó vi-o então, deitado de costas sobre uma cama de palha. Tinham-lhe fornecido duas cobertas de cavalo e ele parecia ter-se esgotado empregando o resto da sua energia no trabalho de se limpar o melhor que lhe fora possível. Quase sem poder falar, a sua respiração opressa fazia levantar e baixar as cobertas. Os seus olhos escuros faziam lembrar um passarinho caído na armadilha. Examinei-o enquanto o velho Swaffer permanecia à porta passando distraidamente as pontas dos dedos pelo lábio superior. Prescrevi o tratamento conveniente, fiquei de lhe enviar uma poção e, evidentemente, fiz-lhe também algumas perguntas.

— Smith encontrou-o no palheiro da sua fazenda — respondeu o velho na sua maneira impassível e decidida de falar, falando do homem como se tratasse de um animal exótico —, e foi lá que eu o fui buscar. É estranho, não é? Diga-me, doutor, o senhor que correu quase todo o mundo: que lhe parece, será hindu?

Eu não sabia que resposta lhe havia de dar. Os seus compridos cabelos espalhados sobre a palha faziam um violento contraste com a palidez do rosto. Lembrou-me que fosse basco. Se assim fosse, tal facto não significaria necessariamente que ele falasse espanhol; no entanto interpelei-o nas poucas palavras que conheço dessa língua e depois fi-lo também em francês. Curvando-me sobre ele, porque a sua voz era quase imperceptível, por tão fraca, distingui uns sons ininteligíveis que me intrigaram por não fazer a menor ideia do idioma a que pertenciam.

Nesse dia duas raparigas da reitoria — uma delas lia Goethe auxiliada pelo dicionário e a outra esforçava-se há muitos anos por compreender Dante — que tinham ido

visitar a filha de Swaffer procuraram fazer-se compreender por ele em alemão e italiano mas a distância. Mesmo assim recuaram assustadas com a catadupa interminável das palavras que ele proferiu voltado para elas sentado na palha. Concordaram que o som era musical, agradável e suave, mas inteiramente diferente de tudo quanto até então tinham ouvido — talvez por provir de uma pessoa tão estranha.

Os rapazes subiam escadas para poder espreitar o infeliz pela janela e ninguém sabia o que tencionava Swaffer fazer dele.

Não fosse o velho tão respeitado como era e seria considerado um excêntrico. Qualquer pessoa daqui poderá contar-te que ele fica deitado a ler até tarde e que é muito competente de assinar um cheque de uma importante quantia sem pensar duas vezes. Ele mesmo te dirá, se para tal tiver ocasião, que quase todas as terras daqui até Darnford estão na posse da sua família há três séculos. Deve orçar pelos oitenta e tal anos a sua idade mas desde que o conheço nada parece ter envelhecido. É um importante criador de carneiros e negocia também em gado. Com qualquer tempo vai às feiras mais distanciadas no seu carro, que ele mesmo guia. Segue curvado sobre o animal com um cobertor verde sobre as pernas e o cabelo fraco e grisalho a cair sobre a gola do capote.

As suas atitudes têm dignidade e o prestígio da velhice ainda mais lha aumenta. Anda sempre completamente barbado e a sua sensibilidade está bem expressa nos seus lábios finos. A expressão do rosto tem certa elevação devida talvez ao seu ar rígido e monástico. É bem sabido ser capaz de andar quilômetros à chuva para ir ver uma rosa de uma estirpe que desconheça ou mesmo uma couve gigante. Gosta imenso de ver ou ouvir falar de qualquer coisa estranha. Talvez que tivesse sido devido a essa sua característica o impulso que o levou a interessar-se pelo infeliz naufrago, ou talvez um capricho, sabe-se lá! O que posso afirmar-te é que três semanas mais tarde vi aquele que Smith considerava demente a trabalhar descalço, no quintal do velho Swaffer. Tinham compreendido que ele sabia manejar uma pá.

Os cabelos do rapaz continuavam muito compridos a dar-lhe pelos ombros. Devia ter sido dádiva de Swaffer a camisa de riscado que trazia vestida, mas as calças, muito estreitas nas pernas, eram as mesmas que trazia vestidas no dia do naufrágio e conservava-as naquela ocasião seguras com um cinto de couro com aplicações de metal. Ainda então não se animava a ir ao centro da vila. Admirava-se do tamanho dos cavalos que puxavam os carros, tinha a impressão de que as estradas eram áleas de jardim e era de opinião de que as terras lhe pareciam bem cultivadas, e o aspecto do povo, especialmente aos domingos, dava-lhe a ideia de opulência. Fazia-lhe confusão ao espírito o coração duro daquela gente e a crueldade e a ousadia das crianças. Entregavam-lhe a sua comida à porta da cozinha, que ele levava cuidadosamente para o seu quarto, fazendo o sinal da cruz antes de começar o comer. À noite, diante da cama, ajoelhado, rezava em voz alta o Padre-Nosso antes de se deitar. Todas as vezes que via o velho Swaffer dobrava-se com veneração e permanecia rígido; o velho passava as pontas dos dedos pelo lábio superior, como era o seu hábito, e examinava-o silenciosamente. Inclina-se também quando encontrava a filha de Swaffer — uma solteirona de uns quarenta e tal anos, com uns ombros largos e estatura avantajada, que governava a casa com mão firme. Ela era como se fosse a Igreja e seu pai um dos bastiões da capela baptista — assim diziam as pessoas do povo.

Usava sobre o peito uma pequena cruz de prata e vestia-se sempre de preto em homenagem a um dos Bradleys vizinhos de quem fora noiva já havia vinte e cinco anos; o pobre quebrara a espinha na véspera do casamento num desastre de caça. Era surda e tinha aquele ar vago dos que não ouvem; pronunciava poucas palavras, mas nos seus lábios delgados, como os de seu pai, pairava por vezes inesperadamente um sorriso misterioso e um tanto irônico. Era a essas duas pessoas que ele se sentia ligado pelos laços da gratidão.

Do céu sem sol caía sobre ele uma solidão que o acabrunhava. Ninguém tinha com quem conversar nem esperanças de chegar a entender a língua em que as pessoas

lhe falavam. De resto todos os rostos eram tristes. Parecia pertencerem a gente morta, confidenciou-me ele algum tempo depois. Com franqueza, confesso-te que não sei como ele conservou íntegras as suas faculdades mentais. Nem sequer tinha a noção do local onde estava. Sabia somente que era qualquer sítio, muito afastado da montanha onde sempre tinha vivido e dela separado pelo mar. Perguntava por vezes a si próprio se efectivamente seria a América.

Confessou-me uma vez que o único indício que tinha de que se encontrava num país cristão era a cruz de prata que a filha de Swaffer trazia ao peito. Sempre que podia fazê-lo sem parecer inconveniente lançava olhares a medo àquele símbolo da religião que professava e sentia-se reconfortado. E era tudo; nada mais lhe lembrava o seu país. A terra e a água não lhe pareciam semelhantes; na beira das estradas também não via qualquer imagem do Redentor. Também a erva era diferente e até mesmo as árvores, com excepção dos velhos pinheiros da Noruega no jardim em frente da casa do velho Swaffer. Ah, estes sim, que lhe lembravam as montanhas da sua pátria. Houve quem o visse, caia a noite, com a testa encostada a um deles, a soluçar e a falar baixinho. Contou-me que nessa época chegou a considerar os pinheiros como seus irmãos. Tudo o mais lhe era estranho. Põe na tua ideia uma vida assim, negra e esmagada pelo próprio aspecto material da existência do dia a dia como pelas visões de um sonho mau. Havia noites em que não podia dormir e pensava então na rapariga que lhe dera o primeiro pedaço de pão que comera na terra onde o seu triste destino o conduzira. Não se mostrava irada ou atemorizada e o seu rosto mostrara-se o único dotado de compreensão, ao passo que todos os outros que vira os encontrara cerrados e tão impenetráveis como os dos mortos, que parecem estar apenas interessados no conhecimento do além. Sabe-se lá se estaria naquela compaixão o motivo que o teria impedido de dar cabo da vida?! Bom, talvez eu esteja a exagerar... Sabes que eu sou um sentimentalão e por vezes esqueço-me do instinto de conservação, que só um desespero fora das marcas pode destruir.

O rapaz executava todos os trabalhos de que o encarregavam com uma inteligência que era constante motivo de surpresa para o velho Swaffer. Pouco a pouco foram sabendo que ele sabia conduzir o arado, ordenhar as vacas, dar comida aos animais e tratar dos rebanhos. Muito depressa também começou a compreender e a empregar certas palavras, e, para cúmulo, numa manhã de Primavera salvou de uma morte certa a netinha do velho Swaffer.

A filha mais nova de Swaffer é casada com Willcox, advogado e escrivão em Colebrook. Duas vezes por ano eles vêm regularmente passar uns dias à quinta do velho. A filha do casal, uma menina que na época em que o caso se passou tinha três anos incompletos, escapuliu-se de casa, atravessou sôzinha o terreiro, curvou-se sobre o muro baixo e caiu no tanque onde bebem os cavalos.

O estrangeiro andava na ocasião no campo perto de casa a trabalhar com a charrua. Quando se preparava para abrir um novo sulco viu, por uma cancela aberta, o que para outra qualquer pessoa não seria mais do que uma coisa branca a esvoaçar. Mas o seu olhar tinha a agudeza do de lince e apenas perante a imensidade do mar se toldava. Estava nesse momento descalço e o seu aspecto era tão exótico que se nessa ocasião o velho Swaffer o visse certamente ficaria encantado.

Abandonou charrua e animais e largou aos pulos por ali fora deixando estupefacto o companheiro com quem trabalhava. Pouco depois surgiu diante da mãe da pequenita, depô-la nos seus braços e afastou-se.

O tanque não era muito profundo, mas se ele não tivesse aqueles olhos e não agisse com tanta rapidez a criança infalivelmente morreria atolada na grossa camada de lodo que cobria o fundo. O velho dono da quinta dirigiu-se lentamente para o campo, esperou que o arado chegasse junto dele e, de pé e impenetrável, observou demoradamente o herói do feito e encaminhou-se para casa sem pronunciar uma palavra sequer. Desse dia em diante passou a comer na cozinha. De princípio a filha mais velha de Swaffer, sempre de preto e de rosto fechado, observava-o da porta da casa de jantar

e via-o fazer o sinal da cruz antes de se sentar à mesa. Julgo que foi depois desse dia que começou a receber regularmente uma remuneração pelo seu trabalho.

Não vou descrever-te de fio a pavio a transformação que nele se operou. Passou a usar o cabelo como os outros homens, e em qualquer parte onde estivesse executava o seu trabalho como qualquer outro. As crianças deixaram-no em paz e já não se metiam com ele. Passou a distinguir as diferenças de classes, mas nunca pôde compreender como numa terra onde havia tanta gente rica as igrejas eram tão pobres e também porque só estavam abertas ao domingo. Perguntava a si mesmo qual seria o motivo. Para que não se rezasse de mais? Ou teriam medo de que as igrejas fossem roubadas? O rapaz constituía uma preocupação para os protestantes, e as duas raparigas da reitoria de quem já falei andavam a preparar o ambiente para a sua conversão. Ninguém conseguia fazê-lo perder o costume de se persignar, e no entanto era muito obediente a ponto de o levarem a tirar o colar de enormes medalhas com uma cruz e um escapulário que costumava trazer ao pescoço. Tirou-o e pendurou-o na parede ao lado da cama e continuou a rezar ferverosamente o Padre-Nosso com palavras que ninguém compreendia — como o seu pai fazia todas as noites, à frente da família ajoelhada.

Nos dias de trabalho usava fato de bombazina, mas aos domingos o fato que vestia era mais requintado e as pessoas voltavam-se para o admirar. De resto o seu tipo não podia passar despercebido aos habitantes do lugar. Acabaram por acostumar-se a vê-lo mas nunca se lhe habituaram. A sua maneira de andar, rápida e ligeira, a sua pele morena, o jeito com que punha o chapéu inclinado sobre a orelha esquerda, o seu costume de, nas tardes quentes, colocar o casaco sobre o ombro como o fardamento dos hussares, o modo como saltava os obstáculos, não com intentos exibicionistas, mas espontaneamente — todas estas peculiaridades que o distinguiam dos demais eram motivo de desdém ou irritação para os indígenas. Estes não costumavam, depois do jantar, deitar-se de costas sobre a erva quedando-se a olhar para o céu, nem cantavam quando caminhavam pelos campos. Ouvi muitas vezes a sua voz nas colinas; uma voz como a da calhandra, mas humana e melancólica, que se espalhava pelos nossos campos, onde nunca se ouvem outros cantos que não sejam os dos pássaros. Até eu estranhava. Ah, quão diferente era ele das outras pessoas! Que coração tão puro encerrava o seu peito! Cheio de boa vontade que ninguém aproveitava, o infeliz náufrago, como um homem que é levado para outro planeta, estava separado do seu passado por um espaço enorme e do seu futuro por uma ignorância imensa. A sua forma de falar, impulsiva e veemente, era um motivo de admiração para toda a gente. Uma noite, na hospedaria «O Carro e os Cavalos» importunou a assistência — devia estar embriagado — com uma canção de amor da sua terra. Ficou melindrado quando lhe gritaram que se calasse porque Preble, o carpinteiro coxo, o Vincent, o ferreiro gordo, pretendiam beber em paz a sua cerveja. Noutra ocasião ele quis fazer uma demonstração da dança do seu país e nuvens de pó elevaram-se do chão de terra calcada; saltou por entre as mesas, apoiou-se, agachado sobre um calcanhar, em frente de Preble e sacudia no ar a outra perna emitindo gritos de alegria com o seu quê de selvático; levantou-se novamente e rodopiou sobre um pé dando estalos com os dedos por cima da cabeça, e — o caso teve a sua graça — um cocheiro, que entrara para beber, praguejou e retirou-se indignado para a casa do lado levando a sua caneca. O nosso herói subiu para uma mesa e continuou a sua dança por entre os copos. Nessa altura o dono da casa interveio: dispensava as exhibições acrobáticas na tasca. Tiveram de o segurar fortemente. Devido à bebida tentou resistir e puseram-no na rua aos encontrões marcado a negro num olho com qualquer murro.

Ele sentia que o ambiente não lhe era favorável, mas era forte de espirito e de corpo. Apenas a recordação do mar o atemorizava ainda como o vago terror que fica após um pesadelo. Estavam distantes as suas montanhas e agora a América não o interessava. Algumas vezes lhe disse que não há parte alguma do mundo em que o ouro se encontre no chão bastando que alguém se curve para o apanhar. Então mani-

festava-me a sua preocupação por não saber como poderia voltar para junto dos seus para os compensar da perda da vaca, dos dois potros e do pedaço de terra vendido para pagar a sua passagem. Vinham-lhe lágrimas aos olhos e atirava-se para o chão com o rosto mergulhado na erva. Uma vez, ajustando na cabeça o seu chapéu com ar petulante, desmentiu a minha afirmação declarando-me que descobrira ouro puro: tratava-se do coração de Amy Foster, esse sim, de ouro puríssimo e cheio de caridade e de sentimentos generosos — garantia-me inteiramente convicto.

O seu nome era Yanko. Explicava que era o correspondente de Johnny; mas como repetia frequentemente que era montanhês — uma palavra que na sua língua soava como «gurol» —, toda a gente adoptou essa palavra como apelido e ficou a chamar-se Yanko Gurol. É apenas o único traço que resta da sua passagem por aqui. É o nome que figura no assento de casamento da paróquia escrito pela mão do reitor. Na mesma página pode ver-se uma cruz feita pelo punho de Yanko; naturalmente a cerimónia não lhe pareceu suficientemente solene sem ela.

O namoro durou certo tempo e começou quando supôs ter conquistado uma situação mais ou menos estável na comunidade. O primeiro gesto dele a tal respeito foi o presente a Amy de uma fita de cetim verde comprada em Darnford. Era um costume da sua terra. Não sei se a pequena sabia qual a significação do gesto do rapaz nem o que faria com a fita, mas ele é que estava convencido de que dessa maneira Amy compreenderia as suas honestas intenções.

Foi só quando ele manifestou a toda a gente as suas ideias de casamento que compreendi, por uma série de pormenores, quanta repugnância a população sentia por ele. Todas as velhas do lugar se aliaram contra ele. Smith, quando um dia o encontrou perto da sua quinta, ameaçou partir-lhe a cara se o tornasse a ver por ali, mas ao ver o ar escarninho com que o rapaz levou a mão ao bigodinho ao mesmo tempo que lhe lançava um olhar petulante não prosseguiu nas suas ameaças. Apenas, quando entrou em casa, não deixou de declarar à rapariga que ela devia estar certamente demente para dar atenção a um pateta daqueles. Tal opinião não devia ter influenciado o espírito de Amy, pois quando soavam os primeiros versos de uma triste canção de amor da parte de fora do pomar ela largava tudo o que tinha nas mãos, não ouvia sequer o resto de uma frase que a senhora Smith estivesse a pronunciar, e corria ao encontro do rapaz. Quando a senhora Smith lhe chamava uma gata sem vergonha ela nada respondia. Com ninguém se abria em confidências e prosseguia na vida de todos os dias como se fosse surda. Estou convencido de que éramos apenas os únicos que reconheciam os méritos do rapaz. Ele era de facto bonito, a sua maneira de vestir tinha uma graça e um gosto de que os outros eram desprovidos e havia nele qualquer coisa de selvagem que, como te contei, me fazia lembrar um ente misterioso das florestas. Quando a rapariga aparecia por casa dos pais, a mãe não se cansava de a pôr em guarda contra os inconvenientes de tal afecto. O pai andava furioso, mas fingia ignorar o que se passava. Uma vez a senhora Finn não teve acanhamento de lhe dizer: «Esse homem, minha filha, vai ser a causa da tua infelicidade». Mas nada nem alguém os podia separar e o namoro prosseguia. Viam-nos pelas estradas aos domingos, ela seguindo pesadamente com as suas grossas botas, vestido cinzento, pena preta no chapéu e umas escandalosas luvas brancas ele caminhando a seu lado galantemente com o casaco posto ao ombro com a graça que lhe era peculiar e varando com os olhares ternos o seu «coração de ouro puríssimo». Não sei se ele alguma vez teve olhos para ver como ela era feia. Talvez disso se não apercebesse por se tratar de uma mulher tão diferente do tipo a que os seus olhos estavam habituados e que a sua faculdade de apreciação estivesse obnubilada; ou talvez, quem sabe?, a sua bondade o enamorasse.

Yanko teve de superar um grande obstáculo. Na sua terra era costume o rapaz enamorado solicitar os bons ofícios de um ancião para se dirigir à família da eleita do seu coração como embaixador e garantia das suas boas intenções. Ali, entre pes-

soas desconhecidas, como proceder? Mas' um dia agarrou pelas orelhas a oportunidade que se lhe deparou. Estava no meio das ovelhas — era então o ajudante de Foster — tirou o chapéu diante do pai de Amy e manifestou humildemente as suas intenções. «Julgo que ela é suficientemente destravada para o aceitar como marido», foi a resposta de Foster. «E então», contou-me Yanko depois, «ele pôs novamente o chapéu na cabeça, olhou-me como se me quisesse comer, assobiou ao cão e lá se foi, deixando o trabalho todo às minhas costas». Aos Fosters, está claro, interessava-lhes muito não perderem o ordenado da rapariga, que ela entregava à mãe integralmente. Mas além disso eles tinham uma nítida repugnância pelo casamento. Embora concordassem que o rapaz fazia a contento todo o serviço de que era encarregado eram de opinião de que ele não era próprio para qualquer mulher. A prova disso estava bem patente no facto de ele andar sempre a falar consigo mesmo pelos campos. De resto — dizia Foster — esses estrangeiros têm uns modos esquisitos para com as mulheres. Talvez a quisesse levar para longe ou abandoná-la e depois fugir. Era um acto de loucura. Fez um sermão à filha pretendendo demonstrar-lhe que o «malandrim» pervertê-la-ia de qualquer forma. Ela ouviu, ouviu, e ficou calada. Dizia a gente da vila que era como se lhe tivessem feito um feitiço. Certo é que os dois namorados se tornaram o motivo obrigatório dos falatórios, o que não impedia que os dois continuassem a sair juntos mesmo perante aquela unânime oposição. Sucedeu então uma coisa que ninguém podia esperar.

Não sei se o velho Swaffer chegou alguma vez a compreender que era considerado como um pai pelo seu estranho protegido, parentesco aliás com características curiosamente feudais. Um belo dia Yanko solicitou do velho uma audiência rogando-lhe ao mesmo tempo a presença da filha. A audiência foi-lhe concedida e ele com solenidade formulou o pedido de autorização para o seu casamento.

Swaffer ouviu-o sem pestanejar e com um movimento de cabeça considerou a audiência terminada e relatou o pedido do rapaz ao ouvido da filha. Esta não se mostrou surpreendida e apenas respondeu desconsoladamente numa voz sem expressão: «Com certeza ele ninguém mais encontrará que queira associar o seu destino ao dele».

Não sei se todo o mérito da generosidade cabe de direito à filha, mas o certo é que daí a poucos dias constou que o velho dera uma casa de presente a Yanko — aquela por onde passámos esta manhã — com um bom quintal. A escritura de doação foi lavrada por Willcox, que me declarou que o fizeram com grande prazer; começava assim: «Em atenção ao facto de ter salvo a vida da minha querida neta, Berta Willcox, mostro o meu agradecimento a Yanko Gurol, etc.».

Como podes calcular, depois desta acção do velho Swaffer nada podia haver que impedisse o casamento.

O encantamento de Amy não diminuía. À noite viam-na sair para se encontrar com o namorado. Esperava-o fixando com os olhos fascinados o ponto da estrada donde ele devia surgir, ligeiro, balanceando o corpo e a cantarolar uma das canções da sua terra em que se falava de amor.

Em sinal de regozijo pelo aparecimento do petiz, quando ele nasceu embebedou-se no botequim «O Carro e os Cavalos», deliberou cantar e dançar e foi posto na rua como da outra vez. Toda a gente lamentava a sorte daquela mulher casada com um bobo, mas ele não ligava importância a tal gente. Tinha agora alguém — declarava com certa ênfase — para quem cantava e a quem ensinaria dentro em pouco como se dançava na sua pátria.

Talvez fosse apenas impressão minha, mas parecia-me então menos desembaraçado no andar, com o corpo mais pesado e o olhar com menos alcance. Sim, era imaginação minha, mas agora sei que a fatalidade se preparava já para o apertar no seu garrote.

O acaso preparou-me um dia um encontro com ele no caminho do monte Talfourd. Disse-me que «as mulheres são engraçadas». Já se murmurava qualquer coisa

acerca de desentendimentos conjugais. Dizia-se que Amy Foster começava a libertar-se do feitiço e a compreender a qualidade do homem que a levava a cometer a loucura de ligar o seu destino.

Falando comigo, ele olhava o mar com olhos indiferentes, abstractos. A mulher tirara-lhe de repelão o filho dos braços num dia em que o embalava, sentado no limiar da porta, procurando adormecê-lo com uma canção de berço da sua pátria. Ela julgara que ele maltratasse a criança. Sem dúvida, as mulheres têm graça. Também embirrava por ele rezar, à noite, em voz alta. Porquê? Ele contava que o pequeno repetisse as palavras da oração logo que começasse a falar, como acontecera consigo, como o seu velho pai fizera. Compreendi que estava ansioso porque o garoto pudesse conversar com ele na sua língua, na língua que soava tão estranhamente aos nossos ouvidos, tão diferente da nossa, tão bizarra. A razão por que à mulher isto não agradaria era incompreensível para ele. Mas havia de lhe passar, estava convencido disso. E batia no peito sacudindo significativamente a cabeça: o coração de Amy era de ouro puríssimo!

Fiquei a pensar quando dele me afastei; tinha a impressão de que o seu exotismo estava a provocar a repulsa da rude natureza da mulher, que antes a atraía. Quem sabe...?

O meu amigo aproximou-se da janela e olhou longamente o mar frio e imenso que parecia querer estender-se sobre toda a terra e sepultar os corações humanos, onde vivem a paixão e o temor.

— Fisiològicamente era possível — disse ele voltando-se de repente. — Era possível — repetiu. Um momento de silêncio e depois prosseguiu:

— Depois disto, quando o vi, estava doente. Pulmões, está claro. Fora forte mas não se aclimatara tão excelentemente como eu havia pensado. Aquele inverno era rigoroso e havia também a nostalgia das suas montanhas. Esses montanhesees são assim. O seu estado de depressão tornara-o com facilidade vulnerável.

Estava deitado num sofá, na casa térrea, meio vestido. No meio da pequena casa havia uma mesa coberta com um oleado escuro. O berço estava a um canto, uma chaleira ao lume emitia um ruído de água fervente e umas fraldas secavam junto da lareira. Lá dentro a temperatura era elevada, mas, como devias ter notado, a porta dá directamente para o jardim.

O pobre Yanko delirava baixinho; a febre dominava-o. A mulher, sentada numa cadeira do outro lado da mesa, não desviava dele os seus olhos castanhos, de expressão estúpida.

«Porque não o leva para cima», perguntei-lhe.

Sobressaltada e gaguejando um pouco, respondeu:

«Oh! Não posso ficar com ele lá em cima, senhor doutor».

Indiquei-lhe os cuidados que se impunham e já na estrada recomendei-lhe mais uma vez que o levasse para cima. Ela torceu as mãos:

«Não me é possível, não posso. Está sempre a falar, a falar, a dizer coisas que não percebo».

Sabendo de quantas críticas ao marido os seus ouvidos deviam estar cheios, olhei-a atentamente. Observei os seus olhos míopes, aqueles olhos à superfície que tempo antes tinham estado cheios de uma imagem mas que me fitavam agora com as suas pupilas vazias. Percebi que estava dominada pela inquietação.

«Que tem ele?», perguntou com íntimo desassossego. «Não parece muito doente». Nunca vi alguém assim.

«Julga então», exclamei, indignado, «que a sua doença é fingimento?»

«Ninguém me pode convencer do contrário, senhor doutor», retorquiu teimosamente. E, torcendo as mãos, olhou para um e outro lados. «O pior de tudo é o menino, senhor doutor. Tenho tanto receio! Ainda há momentos ele queria que eu lhe entregasse a criança. Não percebo as suas palavras».

«Porque não pede a qualquer vizinha que a venha ajudar esta noite?»

«Oh, senhor doutor, nem pensar nisso. Elas não gostariam de vir», murmurou com resignação.

— Recomendei-lhe mais uma vez o maior cuidado e afastei-me. De resto nenhuma outra coisa podia fazer; além disso tinha muitas visitas a fazer.

«Oh, eu dava tudo para que ele não falasse», ouvi-lhe ainda dizer enquanto me afastava.

— Não sei como não me lembrei do que poderia acontecer, mas a verdade é que não me ocoreu. E no entanto ainda tenho na rotina a sua figura, de pé, em frente da porta, parada mas com o ar de quem estivesse preparado para a fuga pela estrada cheia de lama.

Durante a noite a febre subiu. Ele gemia, tossia e de vez em quando emitia um queixume balbuciado. Ela conservou-se sempre do outro lado da mesa observando todos os movimentos do marido, atenta a todos os ruídos que ele fazia, sentindo-se invadida por um receio insensato daquele homem cujas palavras não conseguia perceber. Tinha puxado o berço para o seu lado e nela apenas persistiam o instinto de mãe e aquele medo sem explicação que a estrangulava.

Em dado momento saindo do estado de semi-inconsciência em que se conservava, sentindo os lábios secos, pediu água. Ela não se moveu. Não compreendeu as suas palavras. E ele, no seu delírio, não sabia que falava na sua língua. Esperou, a arder em febre, admirado da sua mudez e da sua imobilidade. Impaciente, acabou por gritar: «Água! Dá-me água!»

Amy deu um salto, pôs-se de pé e arraneou o pequeno do berço.

Ele continuou a falar, mas a torrente das suas palavras, ora com jeito de ordem, ora com ar de súplica, apenas aumentaram o pavor de que a mulher já estava possuída. Imagino que ele deve ter falado muito; deve ter rogado, ameaçado, suplicado. Ela não pôde suportar mais — contou depois — e ele levantou-se cheio de raiva.

Com aspecto dementado, invectivou-a. Depois, indignado, a cambalear, sem compreender a razão da atitude da sua mulher, procurou alcançá-la. Aterrorizada, ela escapou-se-lhe fugindo com a criança nos braços e atingiu a porta. Da estrada ainda o ouviu a chamá-la e ainda mais correu. Ah, se visses por trás dos seus olhos vazios de inteligência o fantasma do pavor que a perseguiu naquela noite durante toda a distância que medeia entre a sua casa e a dos seus pais! Três milhas e meia! No dia seguinte ainda lá se conservava. Eu vi-o!

Na manhã desse dia fui eu mesmo quem deu com ele, com o rosto mergulhado numa poça de lama, caído do lado de fora da pequena cancela.

Eu tinha sido chamado durante a noite por motivo de um caso grave e urgente. Quando regresssei, de madrugada, passei pela sua casa, vi-o e carreguei com ele ajudado pelo meu criado. Deitei-o no sofá. Na lareira o fogo extinguiu-se, a lamparina ainda fumegava e no feio papel amarelo da parede havia manchas de humidade. «Amy», chamei. O som da minha voz perdeu-se na casa deserta. Ele abriu então os olhos. «Foi-se embora», pronunciou distintamente. «Eu apenas queria água... água somente».

A lama cobria-o da cabeça aos pés. Limpei-o o melhor que me foi possível, agasalhei-o bem e fiquei calado, à espera; ouvia de vez em quando uma e outra palavra isolada proferida com dificuldade mas não já na sua língua. A febre abandonara-o levando consigo o calor da vida. A ofegar, com os olhos brilhantes, lembrou-me novamente uma ave caída na armadilha. Ela abandonara-o. Ela deixara-o doente, só, sedento. «Por que razão?», interrogava ele com a voz aguda e irritada de um homem que interpela o Céu e espera lhe respondam. Mas apenas se ouviram os uivos do vento e uma bâtega mais forte de chuva.

Levantei-me para fechar melhor a porta e ainda o ouvi pronunciar a palavra «misericórdia», mas foi a última. Expirou.

Baixei-lhe as pálpebras e saí. Se o seu coração se tivesse aguentado talvez resistisse à doença. Mais tarde atestei um colapso como motivo imediato da morte.

A curta distância encontrei o pai de Amy a caminho da casa com ar decidido acompanhado pelo cão.

«Sabe onde está sua filha?», perguntei.

«Se sei! Vou agora mesmo ensinar àquele canalha que não se assusta uma pobre rapariga».

«Ele nunca mais a assustará», retorqui. «Morreu».

O homem largou o cajado, que caiu pesadamente na lama.

«E aí fica o filho».

Depois de uma curta meditação respondeu:

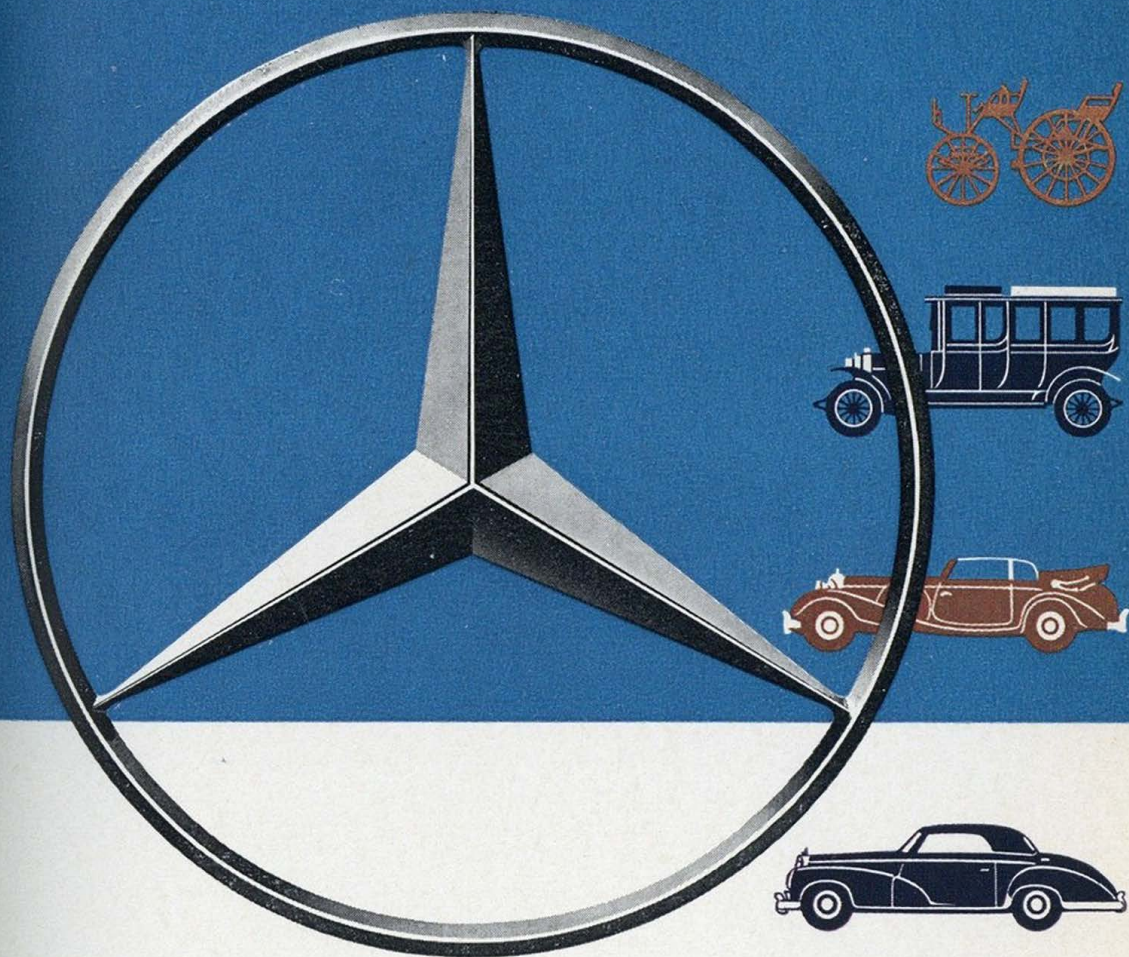
«Não sei se será melhor assim!»

— Foi assim que ele se expressou. E ele agora nada diz. Nunca fala dele. A sua imagem terá desaparecido da sua alma como a figura ligeira e airosa da calhandra com forma humana desapareceu dos nossos campos? Será possível que ele nunca apareça diante dos seus olhos despertando-lhe a imaginação para o amor ou para o medo? No seu espírito a recordação de Yanko parece ter-se desvanecido como uma sombra que por um momento empana uma tela branca. Continua a viver na mesma casa e a trabalhar para a família de Swaffer. Para toda a gente é apenas Amy Foster e o pequeno «o filho de Amy Foster». Ela trata o garoto por Johnny.

É impossível compreender se esse nome lhe diz alguma coisa. O seu espírito deter-se-á alguma vez no passado? Já a tenho visto curvada sobre a criança expandindo exaltadamente o seu amor maternal. Uma vez observei o goroto deitado de costas, um pouco assustado pela minha presença, mas muito quieto, com os seus olhos escuros muito abertos e um ar de passarinho captivo. Ao olhá-lo pareceu-me ver o outro, o pai, milagrosamente salvo de morrer no mar para se extinguir na agonia, ainda mais cruciante, da solidão e do desespero.

fim

Qualidade - e os factores que a determinam



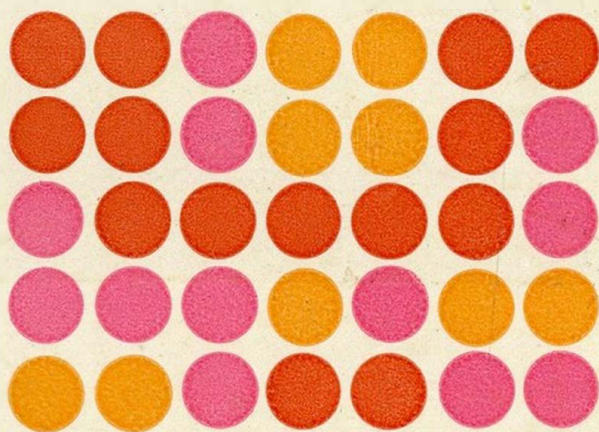
020 A1

Tradição perdurável

Em 1885, há quase 75 anos atrás, Gottlieb Daimler e Carl Benz construíram os primeiros automóveis do mundo accionados por motor de gasolina, dando-nos um exemplo de pensar revolucionário e de elevado conceito de qualidade. Desde esses dias centenas de milhares de veículos e motores Mercedes-Benz de todas as espécies prestaram valiosos serviços a seus proprietários em quase todos os países do globo, proporcionando-lhes constante satisfação. O motivo: a grande tradição perdura em todos os fabricados da Daimler-Benz AG.



MERCEDES-BENZ



sebastião rodrigues